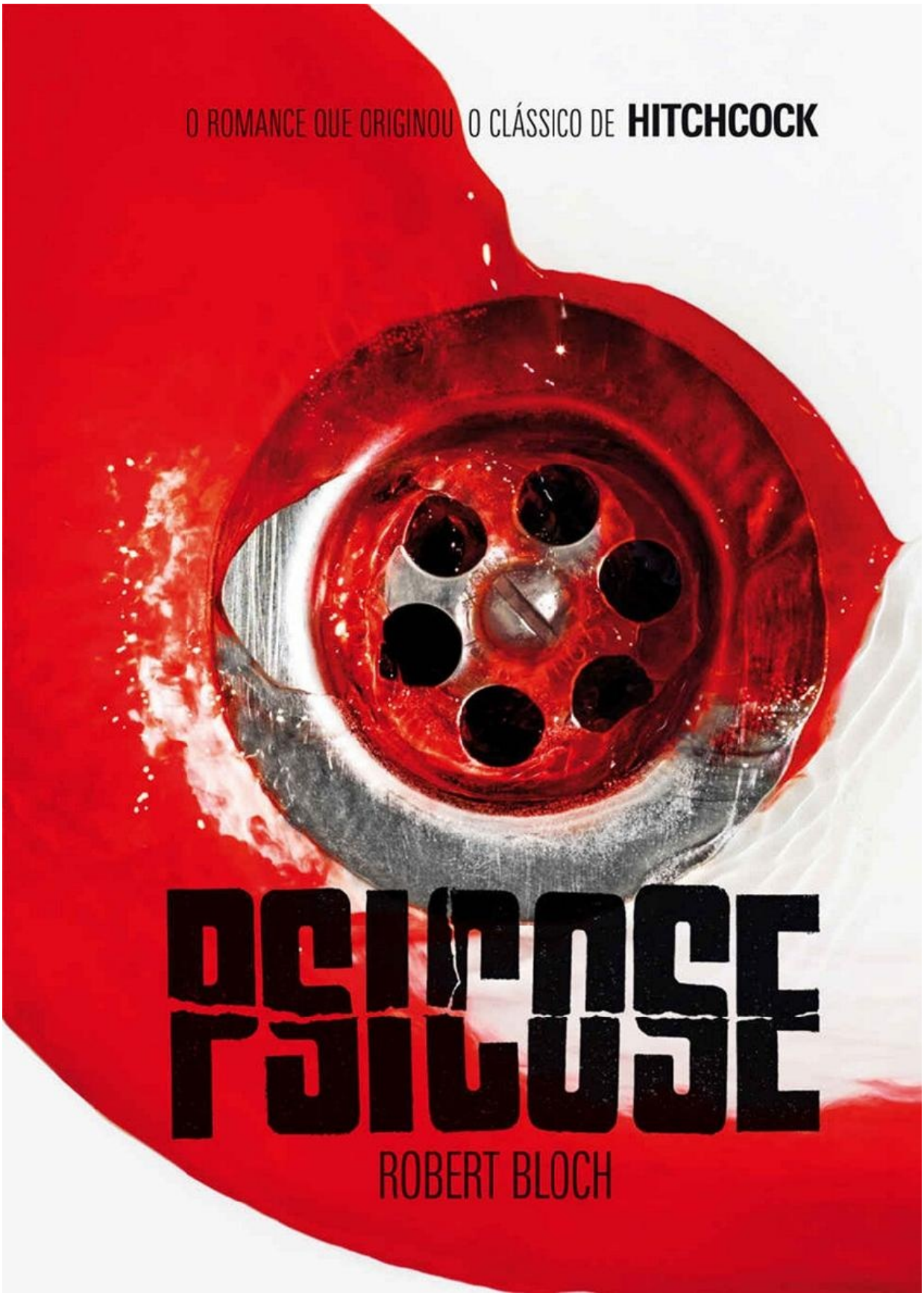
upload

O ROMANCE QUE ORIGINOU O CLÁSSICO DE **HITCHCOCK**



PSICOSE

ROBERT BLOCH

#DARKSIDEBOOKS

ROBERT BLOCH

PSICOSE

Folha de rosto

TRADUZIDO POR

ANABELA PAIVA

DARKSIDE

10% desse livro é dedicado a HARRY ALTSHULER.

que fez 90% do trabalho

Psicose

©Robert Bloch

Tradução

Anabela Paiva

Editora: Darkside Books

epub:ArmazémCultural

Gênero: terror

ISBN:9788566636154

2015

MOTEL

ALUGAM-SE QUARTOS

O letreiro estava apagado. O motel às escuras. Ela desligou o carro e esperou. Então pôde ouvir a chuva e o vento que a tangia.

Mary sentiu-se sozinha dentro da treva. De que lhe valia aquele dinheiro? E Sam, de que lhe valia? Errara o caminho e agora estava ali, em uma estrada estranha . . . Não havia recurso _ cavara sua própria cova, agora

tinha de deitar-se nela.

Mas por que pensava assim?

Não era cova: era leito.

Ainda procurava decifrar isso,

quando a enorme sombra surgiu

da treva e abriu tranquilamente

a porta do carro.



Capítulo 1

NORMAN ouviu e teve um choque. Parecia terem batido na vidraça. Olhou depr
fêz menção de se erguer, o livro lhe escorregou das mãos para o amplo c
ruído de chuva, apenas. Uma bátega tardia, na janela da sala.

Não tinha reparado em que ameaçava chuva e que o crepúsculo descia. Já
estava quase escuro, na sala. Estendeu a mão para acender a lâmpada, ant
retomar a leitura. Era uma dessas antiquadas lâmpadas de mesa, de abajur de vidr
pintado e franja transparente. Desde quando podia se lembrar, a mãe tinha
lâmpada e se recusava a desfazer- se dela. Êle não punha objeções: viveu ali dura
os quarenta anos de sua vida, e era tão agradável e tranquilizador viver ce
objetos familiares. Tudo ali era metódico e ordenado; somente lá fora é qu
coisas mudavam. ..

A maior parte dessas mudanças sustinham no ar uma ameaça. Suponhamos

houvesse êle passado a tarde andando e a chuva o pegasse em alguma ver
solitária, talvez no pântano... Estaria encharcado. E teria que voltar aos tro
para casa, no escuro... Até poderia apanhar uma pneumonia mortal... Mas
queria ficar lá fora, na noite escura? Muito melhor estar ali na sala, junto à lâmpa
com um livro...

Ao baixar a cabeça para reiniciar a leitura, a luz brilhou em seu rosto redondo,
pôs reflexos nos óculos sem aro, banhou-
lhe o róseo couro cabeludo e os cabelos ralos, amarelados.

Era um livro fascinante. Não admirava terem-lhe as horas passado
despercebidas. Lia "O Reino dos Incas", de Victor W. Von Hagen. Nunca
encontrara tal riqueza de informações curiosas. A descrição da *cachua*,
por exemplo,
ou dança da vitória, onde os guerreiros formavam um vasto círculo que se
contorcia qual uma cobra *enorme.* E...

"O toque de tambor se fazia no que fôra outrora o corpo de um inimigo. A pele

do ventre era o ponto de percussão do tambor, e o corpo servia de caixa
ressonância que vibrava através da bôca escancarada..."

Norman Bates sorriu, depois se deu ao luxo de um gostoso estremeção.

Grotesco, mas eficiente — claro que *devia* ser! Imagine-
se, esfolar um homem —

vivo, provàvelmente — esticar-
lhe depois o ventre e fazer disso um tambor! Afinal
de que maneira curtiriam o cadáver, para evitar a putrefação? Mas, antes disso, qu
espécie de mentalidade seria necessária para a concepção de semelhante idéia?

Certo, a idéia era nada apetitosa; mas, fechando os olhos, quase êle podia ver a
cena: a multidão de guerreiros pintados e nus, contorcendo-se e balançando-
se ao sol
fulgurante, e a velha da tribo, ajoelhada diante dêles, batendo o ritmo inexorável
pele inflada e distendida do ventre de um cadáver! A bôca contorcida do
aberta à fôrça, fôra provàvelmente fixada nessa posição por ganchos de osso, a fi
de dar passagem aos sons... Mercê da percussão do ventre, êstes atravessar
murchos orifícios interiores, forçariam a encolhida traquéia, para enfim eme

ampliados, e com tôda fôrça, da garganta morta...

Norman podia quase ouvi-
los; mas a chuva também tinha um ritmo... tinha-o
também um rumor de passos...

Na realidade *sentiu* o rumor de passos, mais do que ouviu. Uma antiga familiaridade afinava-
lhe os sentidos, cada vez que a mãe entrava no aposento. Nem
precisava olhar para estar certo da presença dela.

Não olhou; fingiu continuar lendo. Ela estivera dormin- 40 • êle sabia que acordava rabugenta. O melhor era ficar Miado, na esperança de que não e muito azeda...

— Sabe que horas são, Norman?

Ele suspirou. Fechou o livro. Sabia, já, que ela despertara intratável: a pergunta era uma provocação. Ela passava pelo enorme relógio do vestíbulo para ch sala, de modo que lhe era fácil verificar que horas eram...

Ainda assim, por quê fazer disso um problema? Norman baixou o olhar para o relógio de pulso e sorriu.

— Passa um pouco das cinco, respondeu. — Não pensei que fôsse tão tar

Estive lendo. ..

— Pensa que não tenho olhos? Vi muito bem o que está fazendo.

Agora ela estava à janela, a olhar a chuva.

— E também o que não faz. .. Por quê não acendeu o letreiro quando vi escureceu? E por quê não está no escritório, que é o seu lugar?

— Começou a chover tão forte que julguei não haver nenhum movimento êsse tempo.

— Asneira! Agora é o tempo adequado para êste negócio. Muita gente não quer

andar de carro quando chove.

— Acho improvável alguém vir a passar por êstes lados. Todos tomam agora a estrada nova. E percebeu a amargura so insinuar em sua voz; sentiu-a inchar-lhe a garganta e tentou reprimi-la. Mas era tarde: desembuchou:

— Eu bem disse, quando me contaram que a estrada ia ser transferida. A

podia *ter* vendido
o motel ({1}) antes que a notícia da mudança transpirasse.

Podíamos ter comprado por uma bagatela todo o terreno aqui em tômo, o levaria para mais perto de *Fairvale.*
Construiríamos um outro motel, uma nova casa
e ainda ganharíamos dinheiro. Mas a sra. não me quis ouvir. Não liga ao digo. Só se há-
de fazer o que a sra. quer, o que a sra. entende... A sra. me deixa doente.

— Deixo, heim, meu menino...

A voz da mãe era ilusòriamente macia, mas êle não se deixou enganar. N quando ela o chamou de "meu menino". Quarenta anos, e ela a chamá-lo de

“menino”! E o pior era que ela sempre o tratara como a uma criança, Se menos pudesse não ouvir! Mas ouvia, tinha que ouvir, nunca podia deixar de ouv

— Então deixo, heim, meu menino... *!* repetiu ela, com suavidade ainda maior.

— Deixo-
o doente, heim? Pois bem: acho que não. Não, menino: não sou eu quem o deixa doente... É você mesmo quem fica... E é essa a verdadeira razão por que vo continua plantado neste lado da estrada; não é, Norman? A verdade é que senso comum. Nunca teve a menor dose de senso comum! Por exemplo, nunca te o senso comum de sair para sempre desta casa, de arranjar um emprêgo, de se ali no Exército... Nem mesmo de arranjar uma namorada...

— A sra. é que não deixou!

— Está certo, Norman: fui eu que não deixei... Mas se você fôsse homem, teria feito o que queria.

Quis gritar que ela estava errada; entretanto, nada pôde dizer. As coisas que ela dizia eram as mesmas que a si próprio êle dissera inúmeras vêzes durante anos. Ela sempre lhe ditara as leis, mas isso, não queria dizer que êle pre obedecê-
las. As mães são às vêzes, francamente dominadoras, mas nem tôdas as crianças se deixam dominar. Outras viúvas houve, outros filhos únicos, mas todos se deixaram emaranhar nessa espécie de relações. A culpa era tanto quanto dela. Porque êle não tinha senso comum ...

— Você sabe que podia ter insistido, continuava ela. — Suponha que tives arranjado outro local e tivesse pôsto à venda êste. Não: só sabia choramingar. E e sei por quê. Você nunca me enganou, um momento sequer. É que, em verdade, vo não queria se mudar daqui. Nunca quis sair dêste lugar, e jamais o querer pode sair daqui .. da mesma forma que também não pode crescer, ficar adulto...

Não podia olhar para ela. Impossível fazê-lo quando ela tocava nesses

assuntos. Para onde olharia? A lâmpada e sua franja, a velha mobília pesa estofada, os objetos familiares — tudo de repente se lhe tornou odioso, ex por causa daquela longa familiaridade. Eram como os acessórios da cela d penitenciária. Olhou para fora, mas também isso não adiantava: lá fora só vento, chuva e escuridão. Fugir? Para onde fugir daquela voz vibrante, daquela vo que golpeava seus ouvidos como o tambor da barriga do inca, que golpeava em se ouvidos como o tambor do morto?

Agarrou o livro e procurou se concentrar na leitura. Quem sabe se, não ligando, ficando calmo...

Nada adiantou.

— Contemple-se! insistia a voz *(o tambor prosseguia. TOM-tom-TOM, e o som reverberava na bôca mutilada)* — Sei por quê não quis ter o trabalho de acender letreiro. Sei por que nem foi abrir o escritório, esta noite. Não foi por se

Foi só por que não quer que ninguém apareça; por que tem esperança de ninguém apareça.

— Tem razão! resmungou Norman — confesso-o. Odeio dirigir um motel.

Sempre odiei.

— Não é só isso, meu menino... (*Outra vez “menino! menino! menino!”*

golpes de tambor saindo das mandíbulas da morte.) — Você odeia as pess

Porque em verdade tem mêdo delas, não é? Sempre teve mêdo, desde peq

Melhor se enroscar numa cadeira debaixo da lâmpada e ler um livro. Já. h
anos fazia isso e continua a fazê-lo. Vive escondido entre páginas de livros.

Eu podia fazer coisas muito piores. A sra. sempre disse isso; a sra. mesma
disse. Pelo menos nunca saí fora para me meter em enrascadas. Não é melhor que
fique aqui, desenvolvendo a inteligência?

— Desenvolvendo a inteligência?

Agora a sentia atrás de si, o olhar baixado para êle.

— E chama a isso “desenvolver” a inteligência! Pensa, menino, que me engana!

Nem um minuto, nunca me enganou! Não é como se estivesse a ler a Bíb
fazendo esforços para se instruir. Conheço a espécie de leitura a que você
entrega. Imundícies! Pior que imundícies!

— Mas isto é uma história da civilização inca...

— Aposto que é . Aposto que está cheia a transbordar de coisas sujas sôbre os
selvagens, e suas indecências, como aquela que você leu sôbre os Mares do Sul. A

pensava que eu não sabia nada, heim? Escondeu-
a no quarto, assim como escondeu
as outras, assim como esconde tôdas as coisas imundas que costuma ler...

— A psicologia nada tem de imunda, mãe!

— E chama isso de psicologia! E conhece a fundo a psicologia! Nunca m
esqueci daquela vez em que me disse

coisas tão indecentes — nunca. E pensar que um filho pode abordar sua própria mãe com êsses assuntos!

— Mas eu só queria explicar à sra. o complexo de Edipo... Julguei que se nós ambos pudéssemos examinar juntos o problema e tentássemos compreendê-lo, talvez as coisas mudassem para melhor...

— Mudar, menino? Nada vai mudar. Pode ler todos os livros do mundo, c será sempre o mesmo. Não preciso dar ouvidos a essa algaravia obscena para sab quem é você. Até uma criança de oito anos sabe! Já naquele tempo todos sabiam.

todos os seus amigos de infância já sabiam. Você é um maricas, um "filhi mamãe". Era assim que lhe chamavam, é isso o que você era... Que era, c sempre será. O "filhinho da mamãe", já taludo, gorducho, grandalhão!

As palavras da mãe eram pancadas de tambor ensurdecendo-o, golpes vibrados no seu próprio peito. A torpeza que retinha dentro da bôca sufocava-o. Mais um
minuto, e teria de chorar. Sacudiu a cabeça. Pensar que ela lhe podia faze mesmo agora! Pois podia fazê-lo uma infinidade de vêzes, a menos que...

— A menos que?...

Meu Deus, poderia ela ler seus pensamentos?

— Sei o que está pensando, Norman. Sei tudo o que se passa com você menino. Mais do que você imagina. Mas também sei.. o que você imagina pensando em me matar, não é, Norman? Não pode. Falta-lhe coragem. A fôrça é
minha. Sempre a tive. Em quantidade suficiente para nós dois. Eis por quê nunca livrará de mim, mesmo se verdadeiramente o quisesse. No fundo, naturalm

bem no fundo — não quer. Precisa de mim: não é verdade, menino?

Norman se ergueu lentamente. Não ousava confiar em si próprio, a ponto de se voltar e encará-
la. Ainda não. Foi preciso recomendar a si mesmo que tivesse calma,
em primeiro lugar. Calma, muita calma. Não pense no que ela diz. Trate de enfrer a coisa, trate de lembrar que...
Ela é uma velha e não anda boa do juízo. Se continuar a escutá-

la, também terminará por ficar com o juízo transtornado. Diga-lhe que volte para o quarto e se deite na cama. A *cama é o lugar dela.*

E que vá depressa, do contrário você a estrangulará com o Cordão de Prata, com o seu próprio Cordão de Prata...

Ia se voltar, os lábios se mexendo para formular as frases, quando a campainha tocou.

Alguém chegara ao motel e chamava, pedindo alojamento.

Sem sequer olhar para trás, dirigiu-se ao vestíbulo, tirou o impermeável do cabide e mergulhou na escuridão.



Capítulo 2

FAZIA alguns minutos que chovia a jorros, sem que Mary reparasse nisso e ligas limpador do pára-brisa, ao mesmo tempo acendendo os faróis. Súbito a escuridão se adensou, e a estrada entre as árvores era uma sombra negra à sua frente.

Árvores? Não se lembrava de as ter visto da última vez que passara por a

Fôra no verão anterior, viera a *Fairvale* em pleno dia, descansada e lépida. Agora porém estava exausta por dezoito horas ininterruptas ao volante, ao mesmo que intuia ter-se equivocado em alguma coisa.

Trate de lembrar-se — era essa a frase-chave. Agora vagamente se lembrava

que hesitara ao chegar à encruzilhada. Era isso: tomara caminho errado. E estava ali, Deus sabia onde, com tôda aquela chuva e a noite que era puro breu...

Domine-se. Nada de pânico. O pior já passou.

Era isso. O pior já acontecera. O pior, na tarde anterior, ao fugir com o dinheiro...

Estava no escritório de Mr. Lowery, quando o velho Tommy Cassidy puxo pesada maçaroca de notas e pôs na escrivaninha. Trinta e seis notas do Ba Reserva Federal, tôdas com o retrato de um homem gordo, tipo de mercee atacadista, e mais oito, com a cara de um gato- pingado. O merceeiro atacadista e Grover Cleveland e ogato-
pingado William McKinley. Ora, trinta e seis mil com
mais oito de quinhentos, perfaziam quarenta mil dólares.

Tommy Cassidy pusera despreocupadamente as notas em cima da mesa, casualmente folheando-
as à medida que participava ter fechado o negócio e
comprado uma casa para a filha como presente de casamento.

Mr. Lowery aparentou a mesma despreocupação, à medida que assinava os papéis. Mas depois que o velho Cassidy saiu, pareceu um tanto nervoso. J dinheiro, colocou-o num envelope pardo de papel manila e fechou-
o. Mary reparou que as mãos dêle tremiam.

— Olhe, disse êle, entregando-lhe o dinheiro — leve-
o ao Banco. São quase

quatro horas, mas Gilbert deixará você fazer o depósito.

E fêz uma pausa, olhando para ela.

— Que acontece, miss Crane? Não se sente bem?

Talvez tivesse percebido que as mãos dela tremiam ao
pegar o envelope. Que importava? Ela sabia o que dizer,
embora ficasse surpreendida quando ouviu que na verdade o dizia.

— Parece que é uma das minhas enxaquecas, mr. Lowery. Ia pedir-

lhe que me
dispensasse o resto da tarde. A correspondência é muito grande, e antes de segun
feira não

terminaremos de preencher todos os formulários dessa transação.

Mr. Lowery sorriu. Estava de bom humor. E por quê não? Cinco por cent
quarenta mil dólares são dois mil dólares. Dava-se à permissão de ser generoso.

— Não há dúvida, miss Crane. Faça o depósito e vá para casa. Quer que a leve
no meu carro?

— Não, obrigada: eu me arranjo. Um pouco de descanso...

— É o certo. Vê-la-ei segunda-feira. Não se esfalfe —é o que sempre digo.

Dizia-
o da bôca para fora, pois era capaz de se matar por um dólar a mais e
estava sempre disposto a derrubar de canseira qualquer funcionário, desde que iss
lhe trouxesse mais cinquenta centavos.

Mary também sorriu com grande doçura, depois saiu do escritório e da vi
dêle. Naturalmente, levando os quarenta mil dólares.

Não é *todos os* dias que surge uma oportunidade. Quando a encontram, muitas
pessoas parecem não a reconhecer. Mary Crane esperara vinte e sete anos pela de

Aos dezessete, quando o pai fôra atropelado por um automóvel, esvaíra-
se a
possibilidade dela de frequentar o colégio. Estudara apenas um ano em um
de comércio, depois se empregara para sustentar a mãe e a irmã mais nova, Lila.

A oportunidade de se casar lhe fugira aos vinte e dois, quando Dale Belter foi
chamado para o Exército. Logo êle seguiu para o Havaí e, em suas cartas,
demorou muito começou a falar de certa moça, até que afinal as cartas deixaram d
chegar. Quando recebeu a participação do casamento, o fato já pouco lhe importa

Além disso, a mãe estava doente. Morreu dali a três anos, durante os quais Lila
ficou interna no colégio. A própria Mary insistira para que ela ficasse interna, o q
lhe pôs nos ombros o fardo inteiro. Trabalhando na Agência Lowery de di

atendendo a mãe de noite, pouco tempo lhe sobrava para qualquer outra atividade

Nem ao menos reparava na fuga do tempo. A mãe teve enfim o último at de embolia, Mary pagou o entêrro, Lila saiu do colégio e foi preciso proc emprêgo para ela... e de repente lá estava Mary Crane a se olhar no espêl contemplar seu rosto tenso e repuxado. Atirou no espêlho qualquer coisa, partind o
em mil pedaços; entretanto sabia que isso não era tudo: também ela se pa

milhares de cacos.

Lila se conduzira maravilhosamente e até mr. Lowery ajudou, concorrendo para que a casa fôsse vendida logo. Quando o negócio se concluiu, ambas se a senhoras de dois mil dólares em dinheiro. Lila arranjou emprêgo numa cas discos, no centro, e foram morar juntas num apartamento pequeno.

— Agora você vai tirar umas férias, impôs-lhe Lila. — Umas férias de verdade Não, não discuta! Faz oito anos que você sustenta a família, e já é tempo descansar um pouco. Quero que faça uma viagem. Talvez um cruzeiro...

Assim foi que Mary embarcou no *S.S. Caledônia,* e após uma semana em águas do Caribe, a cara tensa e repuxada desapareceu do espêlho de seu camarote. Volt a parecer uma adolescente (nem mais um dia além de vinte e dois anos, dizia-se), e o que é mais importante, apaixonada...

Não era como a paixão impetuosa que irrompeu ao seu primeiro encontro com o passado Dale Belter, nem o costumeiro estereótipo romântico do luar em dágua, que geralmente se associa a um cruzeiro tropical.

Sam Loomis seria uns dez anos mais velho que Dale Belter. Era homem tranqüilo e ela o amava. Dir-se-
ia ser aquela a primeira oportunidade que aparecia,
de fato, a Mary.. . até que Sam lhe explicou umas tantas coisas.

— Estou viajando sob um falso pret *exto,* disse-lhe êle.

— Há aquêle armazém de ferragens, como vê...

E lhe contou a história.

O armazém de ferragens ficava numa cidadezinha do norte do país — *Fairvale.*

Sam ali trabalhara para o pai, p nsando herdar o negócio. Fazia um ano q
e

morrera; foi quando os contadores lhe deram a má notícia.

Sam herdara o negócio, como não? e mais vinte mil dólares de dívidas. O

prédio estava hipotecado. O inventário também: nem o seguro escapou. O pai nu
lhe falara sôbre aqueles pequenos investimentos na
praça — isto é, na pista de
corridas. E a verdade é que os fazia. Sobravam-
lhe duas saídas: ir à falência, ou tentar saldar as dívidas.

Optou pela segunda.

— O negócio é bom, explicava. — Nunca farei fortuna, mas com uma
administração cuidadosa, pode-
se fazer de oito a dez mil dólares por ano. E se eu
puder trabalhar com uma linha decente de máquinas para lavoura, talvez a
fazer mais. Já amortizei oito mil dólares de dívidas. Mais dois anos, e liq
resto.

— Mas eu não entendo... Se deve assim, como pode fazer uma viagem c
esta?

Sam abriu nos lábios um sorriso.

— Ganhei-
a num concurso. Um concurso de vendedores, patrocinado por um

fabricante de máquinas para lavoura, eu não visava absolutamente a ganha
viagem. Estava apenas me afanando em pagar os credores. Logo porém m
informaram que eu abiscoitara o primeiro prêmio. Quis trocar a viagem po
prêmio em dinheiro, mas êles não concordaram. Ou a viagem, ou nada. Bem: o m
ruim para negócios, e tenho um bom empregado no armazém.

Não fazia mal que tirasse umas férias grátis. E aqui estou, e aqui está *você.*

Riu-se, depois suspirou.

— Gostaria que fôsse nossa lua de mel.

— E por quê não *poderia* ser? Isto é.. .

Êle porém tornou a suspirar e abanou a cabeça.

— Temos de esperar. Poderá levar dois... três anos, antes que consiga sald tôdas as dívidas.

Não quero esperar! Não me importo com dinheiro! Posso largar meu empr trabalhar no armazém, com você.

— E também dormir no armazém, como eu?

Riu-se ainda uma vez, com um riso não mais alegre do que o suspiro.

— Para mim não é problema. Improvisei um dormitório no quarto dos fur

A maior parte do tempo a minha comida é feijão com toicinho. Dizem que sou m avarento que o banqueiro do lugar.

— Mas qual é a dificuldade? insistiu Mary. — Se você viver como deve, levará apenas um ano, talvez um pouco mais, para saldar as dívidas. Nesse intervalo...

— Nesse intervalo, terei de continuar em *Fairvale.*
É uma boa cidade, apesar
de pequena. Todos ali sabem dos negócios uns dos outros; e enquanto me trabucando, me respeitam. Saem das praxes usuais para negociar comigo. Conhec a minha situação e apreciam meu esforço. Meu pai tinha bom nome, a de que aconteceu. Quero conservar êsse bom nome não apenas para o negóci também para mim próprio. E para nós dois, futuramente. Agora isso é ma importante ainda, não acha?

— Futuramente, suspirou Mary. — Dois ou três anos, diz você...

— Sinto muito. Mas quando nos casarmos quero uma boa casa para morarmos
e tudo do melhor. Isso custa dinheiro. Quando menos, precisa-
se de crédito. Tais

como estão as coisas, vou esticando os pagamentos aos fornecedores. Cont
jogando boliche enquanto souberem que tudo quanto ganho é destinado a p
que lhes devo. A coisa não é fácil nem agradável. Mas sei o que quero, e não faço
por menos. Por isso, paciência, meu bem.

Então ela foi tendo paciência. Mas só depois de compreender que nenhuma
dose ulterior de persuasão — verbal ou física — o demoveria.

A situação estava nesse pé quando o cruzeiro terminou. E nesse pé ficou mais
de ano. Mary foi visitá-
lo no verão. Conheceu a cidade, o armazém, viu as cifras

recém escritas nos livros de contabilidade, — cifras que lhe vieram demonstrar qu
Sam havia pago mais cinco mil dólares.

— Faltam só mais onze mil, disse êle, cheio de orgulho.

— Mais dois anos, talvez menos...

Dois anos! Em dois anos ela faria vinte e nove. Não podia ser grosseira, fazer
uma cena ou dar-
lhe o fora como qualquer garôta de vinte anos. Sabia que não ia
haver mais muitos Sam em sua vida... Assim pois, sorriu, meneou a cabeç
para casa e para a Agência Lowery.

E na Agência Lowery observava o velho Lowery ganhar os seus indefectív
cinco por cento em cada venda realizada. Via-
o comprar hipotecas comprometidas, ou vencidas, observava-
o quando êle oferecia dinheiro à vista — rápido, cruel,
astuto — a desesperados, dava uma volta e obtinha gordos lucros graças a
revenda fácil. As pessoas estavam sempre comprando, sempre vendendo. Êl
fazia pôr-
se de permeio, tirando porcentagens dos dois lados — isso, apenas para
ligar o vendedor e o comprador. Nada mais fazia para justificar sua existê

com isso era rico. Não precisava de dois anos para pagar uma dívida de c
dólares... Às vêzes ganhava isso em dois mêses.

Mary odiava-
o. Igualmente odiava uma porção de compradores e vendedores

com os quais êle negociava. Odiava-
os, porque também eram ricos. Tommy Cassidy,
então, era dos piores — ativo, cheio do dinheiro que lhe rendiam arrendar
petróleo. Não levantava um dedo, mas estava sempre em corretagem, farej
mêdo ou a necessidade de algum infeliz, fazendo ofertas baixas e vendendo a pre
altos, alerta a cada possibilidade de espremer um dólar a mais nos aluguei
arrendamentos. Não se importava de entregar quarenta mil dólares em dinheiro p
dar à filha uma casa, como presente de noivado. Exatamente como não achara na
demais, havia seis meses, pôr sôbre a mesa de Mary Crane uma nota de cem dóla
sugerindo-lhe uma "viagenzinha" de fim de semana a *Dallas,*
em companhia dêle...

Fêz isso com tamanha ligeireza e com um riso tão casual e de boa índole
nem teve tempo de se indignar. Foi quando mr. Lowery entrou e o assunto teve fi

Ela nunca delatara Cassidy, a estranhos ou na intimidade, e êle também não repet
oferta. Ela porém nunca esquecera. Não podia esquecer o sorriso de lábios
daquela cara de velho obêso.

Também nunca se esqueceu de que o mundo pertencia aos Tommy Cassidys. A
propriedade lhes pertencia e êles impunham o preço. Quarenta mil dólares
filha como presente de noivado; cem dólares atirados negligentemente em
escrivaninha, por três dias de aluguel do corpo de Mary Crane...

Assim foi que tirei os quarenta mil dólares.
.. dizia a piada; mas isto não fôra
uma piada. Ela tirara o dinheiro, e em seu subconsciente, devia por muito tempo
sonhado de dia com essa oportunidade. Pois agora tudo parecia se ajeitar

competente, como se fizesse parte de um plano preconcebido.

Era uma sexta-feira à tarde. No dia seguinte os bancos estariam fechados, o que
queria dizer que Lowery não iria descobrir nada até segunda-
feira — dia em que não
apareceria no escritório. Ainda melhor, Lila partira cedo para Dallas. Últim
era ela quem fazia tôdas as compras para a casa de discos. Só voltaria na segunda
feira.

Mary foi diretamente ao apartamento e arrumou' a mala. Levava apenas a valise
com alguns vestidos melhores e a sacola com coisas de toalete. Ela e a irmã tinha

trezentos e sessenta dólares escondidos num pote vazio de *cold-cream*, em que ela
não tocou. Lila iria precisar dêsse dinheiro para manter o apartamento sozinha. M
quis deixar escrito um bilhete para a irmã e não teve coragem. Os dias se
seriam difíceis para Lila; mas, paciência, quê fazer? Quem sabe mais tarde
uma oportunidade...

Saiu do apartamento quase às sete. Uma hora mais tarde fêz uma parada n
subúrbios e ceou. Caminhou para um letreiro de CARROS OK USADOS, e troco
seu *sedan* por um *coupé*.
Perdeu na transação; ainda perdeu mais na manhã seguinte,
ao repetir a operação numa cidade seis- centos quilômetros ao norte. Pelo meio-
dia,
quando tomou a negociar, tinha só trinta mil dólares em dinheiro e uma caranguej
maltratada, com o pára-
lama esquerdo amassado... Não estava porém aborrecida. O

importante era fazer uma porção de mudanças rápidas, embaralhar a pista e termi
num carro que a conduzisse até *Fairvale*.
Uma vez ali, podia ir mais para o norte, talvez até
Springfield, e vender o último carro em seu nome. Como poderiam as
autoridades encontrar o paradeiro de uma tal Sra. Sam Loomis, residente n
cidade a quase mil quilômetros dali?

Porque tinha a intenção de ser a Sra. Sam Loomis — e o mais depressa
possível! Contaria a Sam uma história de herança... Não de quarenta mil dólares -

a soma seria muito grande e podia exigir demasiada explicação — mas tal
aludisse a quinze mil... Dir-lhe-ia que Lila recebera outro tanto, deixara
abruptamente o emprêgo e embarcara para a Europa. Isso explicaria por qu
tinha nenhum lentido convidá-la para as bôdas.

Talvez Sam se recusasse a aceitar o dinheiro, e certamente haveria muitas
perguntas incômodas a responder; ela, porém, o amansaria. Precisava fazê-
lo. Casar-se-
iam na mesma hora — isso é o que importava. Êle lhe daria o nome — Sra. Sam
Loomis, mulher do proprietário de um armazém de ferragens numa cidade situad
mil quilômetros da Agência Lowery.

A Agência Lowery nem sonhava com a existência de Sam. Haviam, naturalmente, de procurar Lila, e era provável que esta logo adivinhasse. M não diria nada — pelo menos antes de entrar em contacto com Mary.

Chegado êsse momento, Mary devia estar preparada para lidar com a irmã. Não

seria difícil — Lila devia-
lhe isso, em troca de todos aquêles anos em que a
sustentara no colégio. Talvez da até desse a Lila a metade dos restantes vi
e-
cinco mil dólares... Decerto ela não aceitaria. Mas devia haver uma soluçã não fizera planos com tanta antecedência; mas quando a hora chegasse, sua respo estaria na ponta da língua.

Agora, porém, tinha de fazer uma coisa de cada vez, e o primeiro passo e chegar a *Fairvale.*

No mapa, a distância era de apenas seis centímetros. Seis
insignificantes centímetros de linhas vermelhas, ligando os pontos entre si. Levar entanto dezoito horas! Dezoito horas de vibração Ininterrupta, dezoito horas a esp e a piscar os olhos à luz dos faróis e aos reflexos do sol; dezoito horas em posiçã forçada atrás do volante, a pelejar contra a câimbra, a estrada, a direção e investidas mortais do cansaço.

Agora errara o caminho e chovia; anoitecera e ela estava perdida numa estrada desconhecida.

Relanceou o olhar ao espêlho retrovisor, onde captou o apagado reflexo dc próprio rosto. Os cabelos pretos e as feições regulares eram ainda os mesmos, ma seu sorriso se ausentara e os lábios cheios se lhe comprimiam numa linha

Onde vira antes aquêle rosto tenso e contorcido?

No espêlho, depois da morte de mamãe, quando me vi reduzida a cacos...

E até ali, ela se julgara tão calma, tão fria, tão cheia de compostura. Sem mêdo, sem remorso, sem sentimento de culpa. Mas o espêlho não mentia: naquele mom lhe gritava a verdade tôda — nua e crua.

Dizia-lhe, mudamente, que parasse. Você não pode cair de supetão nos braços de Sam, chegando repentinamente diante dêle com essa cara e êsse traje,

denunciadores de uma. fuga precipitada. Claro que deseja surpreendê-lo com a
feliz notícia, mas a impressão que deve dar é a de uma felicidade tão grande, que se lhe tornara impossível esperar.

O mais certo seria ela passar a noite em algum lugar a fim de se refazer e só na manhã seguinte, disposta e descansada, chegar a *Fairmle.*

Se voltasse até ao ponto de onde enveredara pela estrada errada, talvez pudesse reencontrar a estrad principal; podia então procurar um motel.

Deu uma sacudidela de cabeça, resistindo ao impulso de fechar os olhos; depois se esticou e esquadrinhou as margens da estrada através do borrão da chuv

Foi quando viu a tabuleta indicando a aléia que conduzia ao pequeno edifício, a um lado. MOTEL — VAGAS. O letreiro estava apagado, mas talvez se esquecessem de o acender, justamente como se esquecera ela de acender o quando a noite caíra de repente.

Entrou pela aléia, reparando que todo o motel estava às escuras, inclusive cubículo envidraçado que provàvelmente servia de escritório. Talvez o edifí

estivesse fechado. Moderando a marcha, espiou de um lado e outro, depois sentiu pneumáticos rolarem sôbre uns cabos elétricos de sinalização. Pôde então c casa na ladeira, atrás do motel. As janelas da fachada estavam iluminadas, provàvelmente o proprietário ainda estaria acordado. Desceria num instante ela o chamasse.

Desligou o motor e esperou. Escutava a monótona pancada de chuva entre lufadas do vento. Lembrava-lhe a noite em que a mãe morrera, pois chovia assim. E

agora a escuridão cercavá-a. Estava sòzinha no meio da treva. De que lhe valia o dinheiro? De que lhe valia Sam? Errara o caminho, estava numa estrada desconhecida... não havia recurso. Cavara sua própria cova e agora tinha de deita se nela...

Mas por quê pensava assim? Não era *cova:* era *leito.*

Ainda procurava decifrar isso quando a enorme sombra surgiu da treva e a tranquilamente a porta do carro.



Capítulo 3

UM QUARTO?

Mary tomou depressa uma resolução ao ver a gorda cara de óculos e ouvi voz macia e vacilante. Não haveria a menor dificuldade.

Acenou que “sim” e desceu do carro, sentindo que as panturrilhas lhe doía enquanto o seguia para a porta do escritório. Êle a abriu, entrou no cubícu envidraçado, acendeu a luz.

— Desculpe se demorei. Eu estava ali em casa até agora... Mamãe não es passando bem.

No escritório nada havia que chamasse a atenção: era tépido, sêco e bem iluminado. Mary estremeceu contente e sorriu para o homem gordo. Êste se inclir sôbre o livro de registro em cima do balcão.

— O quarto são sete dólares. Quarto de solteiro. Quer ver, antes?

— Não, não é preciso.

Abriu depressa a bôlsa, tirou uma nota de cinco dólares e duas de um, colocou-as no balcão, enquanto êle empurrava para frente dela o livro de registro e apresentava-lhe a caneta.

Mary teve uma ligeira hesitação, depois escreveu um nome — *Jane Wilson* — e

um enderêço — *San Antonio, Texas.* Claro, não podia desmentir as chapas do *Texas* pregadas no carro.

— Vou apanhar suas malas, disse o homem, passando para a frente do balcão.

Ela o acompanhou para fora, o dinheiro estava no porta-luvas, dentro no mesmo envelope grande, seguro por um elástico forte. Talvez fôsse melhor deixá-lo onde estava; trancaria o carro e ninguém iria esquadrinhá-lo.

O homem conduziu as malas até ao quarto, situado junto do escritório. Era que lhe ficava mais próximo, e ela não se importou: o principal era sair da chuva.

— Chuva enjoada, comentou o homem, recuando para o lado para lhe dar passagem. — Faz muito tempo que está no volante?

— O dia inteiro.

O homem apertou um botão e a lâmpada de cabeceira desabrochou, abrindo pétalas de uma luz amarelada. A mobília era simples, mas suficiente. Repar chuveiro da sala de banho mais adiante. Teria preferido um banho de imer isso serviria.

— Precisa de alguma coisa?

Ela acenou que não, depois lembrou que tinha fome:

— Haverá aqui por perto onde se possa comer alguma coisa?

— Vejamos. Costumava haver um balcão de cerveja e *hamburguer* a cinco quilômetros daqui, mas acho que se fechou desde a construção da estrada

Não: o melhor é a senhora dar um pulo até *Fairvale.*

— A que distância fica?

— A vinte e quatro ou vinte e cinco quilômetros. Vá sempre em frente, a chegar num entroncamento distrital. Vire então à direita e torne a entrar na principal. Fica a quinze quilômetros em linha direta. Surpreende-

me a sra. não ter tomado êsse caminho, se vai para o norte.

— É que me extraviei.

O homem gordo abanou a cabeça e suspirou.

Já imaginava. Por êste lado o tráfego não é muito intenso nem habitual, d que inauguraram a estrada nova.

Ela sorriu, distraída. O homem estava junto à porta, apertando os lábios.

Quando ela ergueu a vista para fitá-
lo, ele baixou os olhos e puxou o pigarro para disfarçar.

— Eu pensava, Miss... que talvez a sra. não esteja disposta a fazer tôda e viagem até *Fairvale* — ir e voltar com essa chuva... Isto é, eu ia agora *mesmo* para
casa, arranjar qualquer coisa que se coma... Se quiser me acompanhar, será benvínda!

— Oh, não! Não quero incomodar!

— Por quê não? Incômodo nenhum! Mamãe tomou a se recolher, não vai incomodar com a cozinha... Vou apenas cortar umas fatias de carne fria e bule de café. Se isso lhe serve...

— Bom...

— Olhe: vou adiante aprontar as coisas.

— Muito obrigada, mr...

— Bates. Norman Bates.

E o homem gordo recuou em direção à porta, esbarrando o ombro no batente.

— Olhe: deixo consigo esta lanterna, para quando subir a ladeira. Talvez a sra.

queira primeiro trocar essas roupas molhadas.

E se voltou para sair, não sem que ela captasse num relance a visão do r

enrubecido. Não é que... não é que o sujeito parecia *envergonhado?*

Pela primeira vez em vinte e quatro horas Um sorriso assomou no rosto d
Mary Crane. Ela esperou que a porta se fechasse atrás do homem, em seguida tirc
o paletó. Abriu a sacola de noite em cima da cama, sacou um vestido est

Pendurou-
o no cabide esperando que algumas rugas se desfizessem enquanto ela
tomava banho. Apenas o tempo de se refrescar um pouco; mas quando vo
prometia-
se um longo chuveiro quente. Era o de que precisava: isso, e sono. Mas
primeiro queria comer alguma coisa. Vejamos: o
maquillage estava na bôlsa, e ela
podia vestir o paletó azul que estava na valise...

Cinco minutos mais tarde Mary batia á porta da grande casa de madeira n
subida da colina.

Uma única lâmpada brilhava na janela sem cortinas da sala de visitas, mas um
reflexo mais brilhante provinha do segundo andar. Se a mãe dêle estava adoentad
quarto dela naturalmente era ali.

Mary ficou parada, à espera de que a atendessem, mas isso não aconteceu.

Talvez êle estivesse no segundo andar. Tomou a bater.

Nesse ínterim, deu uma espiada através da janela da sala. A êsse primeiro
olhar, não pôde acreditar no que via;
nem por sonho acreditava que em dias de hoje
ainda pudesse haver um lugar como aquêle.

Geralmente, mesmo quando a casa é velha, sempre se vêem indícios de
alteração e melhoria em seu interior. Mas a sala de visitas que tinha diante dos oll
não fôra jamais “modernizada”. O papel florido das paredes, os lambris de
ornados de volutas, o tapete de um vermelho de crista-de-
peru, as cadeiras de altos
espaldares, exageradamente estofadas, e a lareira apainelada, dir-se-
ia terem saído
diretamente dos “velhos tempos”. Nem ao menos havia um aparelho de tel
para impor ao ambiente a sua incongruência, mas a uma das mesinhas viu

um velho gramofone de corda... Naquele instante percebeu um murmúrio d
que pensou provirem da corneta em bôca de sino do gramofone. Logo por
identificou a origem do *som:* vinha de cima, do quarto iluminado.

Mary tornou a bater, desta vez com o fundo da lanterna. Certo, alguém de
pela sua presença, pois o rumor de vozes cessou abruptamente e ela ouviu
abafado rumor de passos. Um momento após viu mr. Bates descendo as escadas.
se aproximou da porta, abriu-a, fêz um gesto para que ela entrasse.

— Desculpe-me, disse êle. — Eu estava ajudando Mamãe a se preparar para a
noite. Ela às vêzes é um pouco impertinente.

— *Disse* que estava adoentada. Não a quero incomodar.

— Oh, absolutamente, não incomoda em coisa alguma. Ela provàvelmente
dormir como uma criança.

Bates olhou a escada por sôbre o ombro, depois baixou a voz:

— A verdade é que ela não está doente; isto é, não o está *fisicamente.* Mas às
vêzes tem dêsses acessos...

Sacudiu abruptamente a cabeça, depois sorriu:

— *Com* licença, deixe-me tirar seu paletó para pendurar. Isso! Agora, venha por
aqui...

Mary o acompanhou ao longo de um corredor que partia do vão da escada.

— Espero que não se importe de comer na cozinha, murmurou — Tudo e
pronto. Sente-se. Vou trazer o café.

A cozinha era como a sala de visitas. Uma das paredes forrada por um ve
guarda-
louça flanqueando uma pia antiquada, de bomba manual. O enorme fogão de
lenha escarrapachado a um canto, mas irradiando um calor agradável e a c
mesa de madeira ostentava uma benvinda mostra de lingüiça, queijo e pepininhos
conserva feita em casa, tudo pôsto em travessas de vidro sôbre o xadrez vermelho
branco da toalha. Mary não se sentiu inclinada a rir de tôdà aquela esquis
achou que calhava muito bem na parede a indefectível legenda feita de crochê:

DEUS ABENÇÔE NOSSO LAR.

Que assim fôsse. Era melhor estar ali do que sentada a um sujo balcão de botequim de vilarejo.

Bates ajudou-a a encher o prato.

— Sirva-se, não espere por mim. Deve estar faminta.

Estava mesmo, e comeu com vontade; mas se achava tão absorta que nem reparou em que Bates não comia quase nada. Quando percebeu, sentiu-se ligeiramente acanhada.

— O sr. mal tocou na comida! Aposto que já tinha ceado!

— Não, não ceei. É que não estou com fome.

Êle tornou a encher a xícara de café.

— Acho que às vezes mamãe me deixa transtornado.

Baixou de novo a voz e reassumiu o tom de quem se desculpa.

— Acho que a culpa é minha. Não sirvo para cuidar dela.

— Moram aqui sozinhos ,o sr. e ela?

— Sim. Aqui nunca morou mais ninguém. Nunca.

— Não deve ser fácil...

— Não leve a mal, não estou me queixando, disse, reajustando os óculos.

Meu pai nos abandonou, eu ainda era criança... Mamãe teve de cuidar de sozinha. Por parte da família dela, havia dinheiro bastante para nos sustent

imagino — até que eu crescesse. Depois ela hipotecou a casa, vendeu o s construiu êste motel. Ficamos ambos na direção e o negócio era bom... até estrada nova nos deixou de lado. Claro, já fazia algum tempo que mamãe piorava então chegou a minha vez de cuidar dela. Mas às vêzes não é fácil...

— Não tem outros parentes?

— Nenhum.

— E o sr. nunca se casou?

Bates enrubeceu e baixou o olhar para a toalha axadrezada.

— Desculpe-me. Não quis fazer uma pergunta tão pessoal.

— Não tem importância, respondeu, com voz débil. — Nunca me casei. Mamãe tinha idéias engraçadas sôbre êsse assunto. Nunca fiz o que estou fazendo sentar-me à mesa com uma garôta...

— Mas...

— Parece esquisito nos tempos de hoje e na minha idade... Sei disso. Mas tem que ser. Digo-
me que ela agora estaria perdida se não fôsse eu... mas a verdade é que eu estaria ainda mais perdido se não fôsse ela...

Mary acabou de beber o café, pescou na bôlsa o maço de cigarros e estendeu-o a Bates.

— Não, obrigado: não fumo.

— Incomodo-o se fumar?

— Absolutamente. Pode fumar.

Fêz uma pausa.

— Gostaria de oferecer-lhe alguma bebida, mas... mamãe não permite que entre álcool em casa.

Mary se recostou na cadeira, inalando a fumaça. Súbito sentiu vontade de expandir-
se. Engraçado como um pouco de calor, um pouco de descanso e um bocado de comida podem transformar a gente. Uma hora antes, apenas sen realmente solitária, infeliz, cheia de mêdo. Agora tudo mudara. Talvez o fa

haver conversado com mr. Bates lhe houvesse alterado o estado de ânimo. Êle, si
é que era realmente o solitário, o infeliz, o cheio de mêdo. Mary sentia-se, por
contraste, com dois metros de altura... Foi esta sensação que a levou a falar:

— Proibem-lhe fumar. Proibem-lhe beber. Proibem-lhe ter namorada... Que faz, então, além de dirigir o motel e cuidar de sua mãe?

Êle pareceu não perceber a expressão contida na voz dela.

— Oh! faço muitas outras coisas. Leio muito. Há ainda outras atividades
exerço como passatempo...

E ergüeu a vista para uma prateleira na parede: espiava-os lá de cima um esquilo empalhado.

— Caçar, por exemplo?

— Não. Taxidermia. George Blount deu-me êsse esquilo para empalhar. Foi êle que o caçou. Mamãe não quer que eu lide com armas de fogo.

— Mr. Bates, perdoe-me dizê-lo, mas por quanto tempo pretende continuar assim? É homem adulto. Compreende, naturalmente, que não deve proceder

criança pelo resto da vida. Não quero ser grosseira, mas...

— Compreendo. Tenho consciência da situação. Conforme lhe disse, tenho lido um bocado. Conheço o que dizem os psicólogos a respeito dessas coisas. Mas ten um dever a cumprir para com minha mãe.

— E não estaria cumprindo êsse dever para com ela e para consigo *mesmo*... se a mandasse para *uma* instituição?

— *Ela não está louca!*

A voz já não era macia nem justificatória: era áspera e fina, E aquêle hor gordo ergueu-se e varreu com um tapa uma xícara de cima da mesa e que foi se espatifar no chão... Mary não a olhou: só tinha olhos para a cara desfeita de Norm

Bates.

— Ela não está louca! repetiu — não importa o que a sra. ou os outros possam pensar. Não importa o que digam os livros ou os médicos do hospício. Conheço tu a êsse respeito. Far-lhe-iam um rápido exame e trancafiá-la-iam se pudessem.

Bastava que lhes desse o meu consentimento. Mas eu não darei. A razão é que sei a eu, a sra. compreende? Eu *sei e êles não* sabem. Êles não sabem que ela *cuidou* de mim todo êsse tempo, quando ninguém mais se importava comigo... Como trabal por mim, como sofreu com os sacrifícios que fazia. Se agora é um pouco esquisit culpa é minha, sou eu o responsável. Quando ela veio falar comigo aquela dizendo que ia tornar a se casar — fui eu que a impedi. Sim, fui eu que a impedi, que me censurem por isso! Inútil falar em ciúme, em sentimento de posse. pior do que ela é agora. Dez vêzes mais louco, se é essa a palavra que a deseja... Trancar-me-iam no hospício se soubessem o que eu disse e o que fiz, a maneira por que o fiz. Bem, afinal venci. Ela não se casou. E quem é a dizer que alguém deve ser mandado para o hospício? Não há quem não se pouco louco de vez em quando.

E aí parou, não porque lhe faltassem palavras, mas fôlego. O rosto muito vermelho, seu lábios franzidos começaram a tremer.

Mary se levantou.

— *Sinto* muito, sinto muito... desculpou-se ela, com doçura. — Também sou um pouco louca, às vêzes. Eu não tinha direito de dizer o que disse. Sim, compreendo. E não costumo falar nessas coisas. O sr. vive sozinho, traz tu engarrafado. Engarrafado ou empalhado, como aquêle esquilo na parede...

A côr do rosto de Norman suavizou-se e êle tentou sorrir.

— Engraçadinho êsse bichinho, não acha? Muitas vêzes quis ter um vivo domesticar... para ter, afinal, um animal de *estimação*...

Mary pegou a bôlsa.

— Está bem: eu já vou. Está ficando tarde.

— Por favor, não vá. Desculpe-me a trapalhada.

— Não é por isso. É que estou exausta.

— Mas pensei que talvez pudéssemos conversar um pouco. Ia lhe falar sô minhas atividades gratuitas. Tenho uma espécie de oficina no porão ...

— Gostaria muito, mas preciso descansar...

— Está bem. Vou descer com a senhora. Tenho de fechar o escritório. Pai que esta noite não virá mais ninguém.

Atravessaram o vestíbulo. Êle a ajudou a vestir o paletó. O gesto era canhestro, e por um instante ela sentiu crescer- lhe a irritação. Depois a reprimiu, ao percebe lhe a causa. Êle tinha mêdo de tocá-
la. Era isso. A verdade é que tinha mêdo de se aproximar de mulher!

Bates segurou bem alta a lanterna e ela o seguiu. A chuva parara, mas a estava ainda escura e sem estréias. Ao dobrar o canto da casa Mary lançou sôbre o ombro um olhar para o prédio. A luz do segundo andar ainda estava acesa ela pensou que talvez a mulher estivesse acordada e ouvira a conversa dêl explosão final.

Bates parou em frente à porta do quarto número seis, esperou que ela pusesse a chave na fechadura, abrisse.

Êle se despediu:

— Boa noite, durma bem.

— Obrigada. Agradeço também a hospitalidade.

Êle abriu a bôca, depois se voltou para sair. Foi a terceira vez naquela no que ela o viu corar.

Mary trancou a porta com a chave. Ouviu os passos que se afastavam, e depois o estalido da porta do escritório, *anexo.*
Não o ouviu ir para a casa da ladeira.

Estava ocupada em desarranjar as malas. Tirou fora o pijama, as sandálias, um po
de *cold-cream,*
uma escôva de dentes, o dentifrício... depois ficou tateando o interior
da grande valise, procurando o vestido que tencionava vestir na manhã seg
quando fôsse ao encontro de Sam. Tinha de pendurá-
lo agora para desamassar. Nada
devia estar fora do lugar quando Ttivesse de partir dali.

Nada devia estar fora do lugar...

E repentinamente já não se sentia da altura de dois metros... A mudança f
assim tão rápida? Ou começara quando mr. Bates se mostrara tão histérico
da ladeira? Que dissera êle, que realmente a desinflara?

Não há quem não seja meio louco de vez em quando...

Abriu um lugar na cama e sentou-se.

Sim. Era verdade. Todos somos meio loucos de vez em quando. Ela fôra louca
na tarde da véspera. Ficara louca ao ver tanto dinheiro em cima da escriva
pensando que podia se safar com o plano que ideara. Dir-se-ia um sonho
transformado em realidade... Um sonho. Um sonho louco. Agora o sabia.

Talvez pudesse despistar a Polícia. Mas Sam faria perguntas. Quem era êss
parente que lhe deixara tanto dinheiro? Onde morava? Por que nunca antes lhe fa
ela a tal respeito? Por quê trazia o dinheiro em espécie? Mr. Lowery lhe
deixar o emprêgo assim de repente?

E havia ainda Lila. Suponha-se que reagisse como Mary previra... que viesse a
seu encontro antes de ir depor... — que até concordasse em ficar calada n
por que lhe devia obrigações .. Mesmo assim permanecia o fato: Lila
sabia. E

surgiriam complicações...

Mais cedo ou mais tarde Sam quereria ir visitar Lila, ou convidá-la para que os
visitasse. E o enguiço estaria armado. Não poderia futuramente manter relações c
a irmã; nem poderia explicar a Sam por quê não as mantinha, por quê nã
uma visita ao *Texas...*

Tudo isso era loucura.

E era demasiado tarde para remediar.

Seria mesmo?

Suponha-se que ela dormisse um bom sono — um sono que durasse umas dez horas... O dia seguinte era um domingo. Se saísse às nove e fôsse diretamente par cidade, lá chegaria na segunda-feira de manhã. Antes de Lila chegar de *Dallas,* antes
que o banco se abrisse... Podia depositar o dinheiro e dali mesmo se enca para o escritório.

Claro, ia sentir um cansaço
mortal. Mas nem por isso morreria e ninguém
jamais ficaria sabendo o que acontecera.

Naturalmente, restava o carro. Levaria alguns minutos para explicar a Lila presença do carro. Talvez pudesse dizer que fôra a
Fairvale com a intenção de fazer uma surprêsa de fim-de-
semana a Sam. O carro enguiçara, tivera de encostá-lo; o
negociante dissera que precisava um motor novo. Decidira então deixá-lo no consêrto, apanhar essa lata velha e voltar para casa.

Sim: a explicação parecia aceitável.

Quando fêz as contas, verificou que essa viagem lhe custara aproximadame setecentos dólares. Era êsse o valor do carro.

Mas valia a pena pagar. Setecentos dólares não é muito em troca da sanid mental. Em troca da segurança, em troca da futura segurança...

Levantou-se.

Era isso o que ia fazer.

E sentiu-se novamente da altura de dois metros... Tão simples!

Se fôsse religiosa, teria rezado. Como não era, sentiu uma curiosa sensação —

que palavra era? — de predestinação. Como se tudo quanto acontecera tive
fatalmente de ter acontecido. Ter-
se enganado no caminho, parar naquele motel,
encontrar aquêle homem patético, assistir-lhe a explosão, ouvir-
lhe a última sentença,

que a fizera voltar a si... -

Houve um momento em que poderia ter caminhado para êle... para lhe dar
beijo; mas logo imaginou, com um frouxo de riso, qual seria o efeito sôbre o pobr
toleirão. Provàvelmente desmaiaria.

Tornou a rir. Era bom ter dois metros de altura... mas a questão era saber
então, ela caberia no
box do chuveiro... E era isso o que faria agora mesmo: tomar
um longo e tépido banho de chuveiro... Tirar a sujeira do corpo, exatamen
daí a pouco iria tirar a sujeira da alma...

Vem pura, Mary Vem pura como a neve...

Entrou na sala de banho, sacudiu dos pés os sapatos e se abaixou para tirar as
meias. Depois ergueu os braços, puxou o vestido pela cabeça, atirou-
o no quarto ao
lado. O vestido caiu longe da cama. Pouco importava. Desabotoou o
soutien, arremessou-o em arco, deixou-o flutuar... Agora, a calcinha...

Demorou-se em frente ao espêlho da porta, a examinar- se. Talvez o rosto
tivesse vinte e sete anos, mas o corpo era elástico, alvo e não tinha mais de vinte
um. Era bem feita. Tremendamente bem feita. Sam gostará que ela seja as

Queria-o ali para admirá-
la. Era um inferno ter de esperar mais dois anos. Ela porém
haveria de recuperar o tempo perdido. Dizem que uma mulher não é sexua
madura antes dos trinta. Trataria de averiguar se isso era verdade...

Emitiu uma risadinha, esboçou uns passos de bailarina amadora, atirou um
beijo à sua imagem no espêlho e recebeu outro de volta. Depois entrou no
box do
chuveiro. A água estava quente e ela teve de misturar um pouco da tornei

Afinal abriu completamente ambas as torneiras e deixou aquela tepidez jorrar sôb
seu corpo.

O barulho da água ensurdecia e o quarto se enchia de vapor.

E assim não ouviu se abrir a porta, nem rumor de passos. A princípio, quando a
cortina do chuveiro também se abriu, o vapor embaçou, aquêle rosto. Então ela vi

— não mais que um rosto, como uma máscara, a espiar pela cortina entreaberta. U
lenço escondia-lhe os cabelos. Os olhos vidrados fitavam-
na, inumanos. Não era máscara, não podia ser. Uma camada de pó-de-
arroz de um branco mortal tapava-lhe
as feições, exceto as maçãs do rosto onde se concentravam duas rosas héti
rouge. Não era máscara. Era o rosto insano de uma velha louca.

Mary começou a gritar. Então a cortina se abriu totalmente e apareceu a r
empunhando uma faca de açougueiro. E foi a faca que pouco depois, decepou-
lhe o grito.

E a cabeça também.



Capítulo 4

AO ENTRAR no escritório, Norman tremia. Acontecera muita coisa junta. I
trazer tudo engarrafado por mais tempo.

Garrafa... Era o de que precisava: um trago. Tinha mentido à moça,
naturalmente. Era verdade que a mãe não admitia alcool em casa — mas êle
bebia.

Guardava a garrafa no escritório. Havia ocasiões em que era preciso beber

embora seu estômago não suportasse o álcool, embora bastassem uns goles ficar tonto. Havia ocasiões em que desejava embriagar-se...

Lembrou-
se de descer a veneziana e apagar a luz do letreiro. Pronto! Fechado para a noite. Descidas as venezianas, ninguém repararia na luz frouxa da lâmpada escrivaninha. Ninguém o veria abrir a gaveta, puxar a garrafa, mãos trêmu as de uma criança agarrando a mamadeira.
Ê hora de dar a mamadeira ao garôto...

Empinou a garrafa. Bebeu. Fechando os olhos. O uísque queimava, e isso bom. Para queimar a amargura. O uísque desceu garganta abaixo, foi explo *no*
estômago. Talvez mais um trago também queimasse aquela sensação de mêdo.

Um êrro ter convidado a moça para cear na casa. Soubera-o no mesmo instante em que abrira a bôca, mas era tão bonita, parecia tão exausta e desampara sabia o que era estar exausto e desamparado, sem ter a quem recorrer, ninguém qu compreendesse. Só o que queria — só o que fêz — foi conversar com ela. Depois casa era *sua,*
não era? Tanto quanto de sua mãe. Esta não tinha o direito de ditar leis, como fazia.

Mesmo assim foi um êrro. A verdade é que nunca teria ousado, não fôsse estar furioso contra a mãe. Queria desafiá-la. E foi ruim.

Mas fizera coisa ainda pior, além do convite à moça: fôra dizer à mãe qu cear acompanhado. Marchara diretamente para dentro do quarto e anunciara se dissesse:

Atreva-se a impedir!

Não devia ter feito isso. A mãe já estava bastante alterada e teve um ataque de

nervos. Foi num paroxismo de nervos que encarou a coisa e pôs-se a gritar:
Se a trouxer aqui, mato-a! Mato-a! Mato essa cadela!

Cadela. Não disse essa palavra, mas foi como se dissesse. Estava doente,

muito doente. Talvez a moça tivesse razão. Talvez fôsse melhor interná-la. Estava de
tal jeito que êle não a podia manobrar sozinho. Nem a si próprio. Que costumava dizer sôbre êsse assunto de “manobrar sòzinho”? Que era pecado. Que a g para o inferno.

O uísque, sim, queimava. Mais uma dose — a terceira... Como precisava!

Precisava de uma porção de coisas. Também nisso a moça tinha razão. Aq era vida. Não podia continuar assim indefinidamente.

Sentar-se à mesa com a moça fôra uma provocação. Receara que a mãe fizesse uma cena. Depois que fechou à chave a porta do quarto dela, trancando-a lá dentro,
ficou a imaginar se ela não ia explodir em gritos e murros... Mas, ao contrário, fic muito quieta, talvez demasiado quieta, como se estivesse à escuta. Provàvel era isso o que fazia. Podia trancar a mãe no quarto; o que não podia era impedir q ela escutasse.

Esperava que, naquela altura, ela já estivesse dormindo. No dia seguinte já teria esquecido o episódio. Isso acontecia sempre. Às vêzes porem, quando julga inteiramente olvidado algum incidente, ela o trazia à baila, mêses depois, c nitidez de um límpido céu azul...

Céu límpido azul. Teve um frouxo de riso. Agora já não havia céus límpidos e azuis: só nuvens e escuridão, como naquela noite.

Ouviu então um rumor, e se endireitou na cadeira. Era a mãe que vinha? não podia ser. Estava trancada; lembrava-se? Devia ser a moça no quarto contíguo.

Sim, agora podia ouvi-la — pelos modos abrindo a valise, tirando coisas para fora, aprontando-se para dormir.

Tomou outra dose. Só para acalmar os nervos. E desta vez a coisa fêz efeito. A mão já não tremia, êle já não tinha mêdo. Não tinha, quando pensava na moça.

Engraçado: quando êle a viu, teve uma sensação horrível. .. Como era a palavra? Começava em *im*...

Não: importância não era. Ele não se sentia importante em companhia de mulher. Sentia-se... impossível? Também não era. Conhecia a palavra que buscava, lêra-a em livros centenas de vêzes — naqueles livros que nem por. sombra a mãe adivinhava que êle lesse...

Que importava? Em presença da moça era assim que se sentia. Não agora, porém. Agora faria qualquer coisa.

E eram tantas as coisas que êle quereria fazer com uma moça como aquel

Jovem, bonita, inteligente também. Êle fôra um idiota em explodir quando ela fal a respeito de sua mãe. Agora confessava: o que ela dissera era a pura verdade. Ela sabia, ela compreendia. Desejava que ela tivesse ficado para uma conversa

comprida...

Mas talvez nunca mais a visse. Ela partiria na manhã seguinte. Para sempr partiria Jane Wilson, de *San Antonio, Texas.*

Imaginava quem seria ela, para onde iria, que espécie de *pessoa* realmente era, por dentro... Podia se apaixonar por uma moça como aquela. Sim, podia, vendo-a apenas uma vez. Não havia do que rir. Ela entretanto, riria, provàvelmente. Assim riam as moças... Estavam sempre a

Cadelas!

Mamãe tem razão. São tôdas umas cadelas. Mas a gente não podia impedi

quando a cadela era tão bonita como essa e quando a gente sabia que nur voltaria a vê-la. Você *tem* que voltar a vê-la. Se fôsse homem, era *isso* o que lhe diria quando esteve no quarto com ela. Teria levado junto a garrafa, tomad trago em companhia dela, depois levava-a para a cama e...

Não, não o íaria. Você não. Porque é impotente.

Era *essa* a palavra que queria lembrar, não era? *Impotente.* A palavra que vem nos livros, a palavra que a mamãe pronunciava, a palavra que o condenava a nunc mais ver a moça, pois voltar a vê-

la não adiantaria. A palavra conhecida das cadelas... Conhecem-
na, as cadelas, por isso vivem rindo.

Bebeu mais um gole — um apenas. Sentia o líquido escorrer das comissu
dos lábios. Devia estar bêbado. Pois bem: estava bêbado — e daí? Contanto que a
mãe não soubesse. .. contanto que a moça não soubesse... Tudo ficaria em segrêd

Impotente, hem? Mas isso não queria dizer que não podia voltar a vê-la.

Pois iria vê-la imediatamente.

Curvou-
se sôbre a escrivaninha ,a cabeça inclinada até quase tocar a parede.

Ouviu mais ruídos, e graças à longa experiência, sabia interpretá-
los. A moça sacudira os sapatos dos pés. Agora ia entrando no banheiro...

Norman estendeu a mão, de novo trêmula, agora não de mêdo. De antecipação,
talvez, pois sabia o que ia fazer. Ia afastar para um lado a licença munici
emoldurada e espiar pelo buraquinho que havia muito tempo fizera na pare

Ninguém sabia. Nem a mãe. Era um segrêdo só dêle.

O buraco era apenas uma fenda na parede do banheiro, mas Norman podia ver
através dêle. Ver o banheiro iluminado. Às vêzes enxergava uma pessoa bem dian
da fenda. Às vêzes só enxergava o reflexo dela no espelho, mais além. M
ver. Via o suficiente. Que as cadelas zombassem dêle. Êle as conhecia mu
do que podiam imaginar,

Norman tinha dificuldade em fixar a vista. Sentia calor e tontura, calor e
tontura... Parte se devia à bebida, parte ao nervosismo. Mas a maior parte se devia
ela, à moça.

Entrara no banheiro, e estava de pé, defronte da parede. Não repararia na fenda.

Nenhuma reparava. Ela sorria, afagando o cabelo. Depois se curvou, tirou

meias... Quando ergueu o corpo... sim... estava a pique de fazê- lo... foi ti
vestido pela cabeça... Norman viu-lhe o
soutien e a calcinha... agora, que não se

interrompesse... que não se afastasse para fora do seu ângulo de visão...

Afastou-se. Norman chegou quase a gritar “Venha aqui, *sua* cadela!”, mas se conteve a tempo, vendo-a desabotoar o *soutien* em frente do espelho. Êste ondulava em linhas e ireflexos que lhe davam tonturas, e êle mal pôde acompanhar até que deu um passo para um lado... Aí, sim...

Ia tirar... tirou... êle a viu tirando... estava na verdade em frente do espêlh *fazendo gestos!*

Será que ela sabia?

Será que sabia todo o tempo, que havia uma fresta na parede? será que sabia que êle estava espiando? Queria que êle a espiasse, isso de propósito, a cadela? Estava a se balançar de trás para a frente, de trás para frente, e agora o espelho novamente ondulava, ela ondulava, e êle não podia supo aquilo, queria gritar-lhe que parasse, pois era ruim, era perverso o que estava fazendo e ela devia parar antes que êle também ficasse ruim e pervertido. Era isso que as cadelas faziam à gente — pervertiam — e essa mulher era uma cadela, tôd eram cadelas, a mãe também era uma...

Súbito a moça desapareceu e só ficou o rugido da água. O rugido crescia, sacudia a parede, afogando as palavras e as idéias. Vinha de dentro da sua cabeça êle caiu sentado na cadeira. *Estou bêbado,* disse consigo mesmo.
Estou perdendo os sentidos.

Não era bem isso. O rugido continuava e em qualquer parte dentro dêle ouviu outro rumor. Alguém abria a porta do escritório. Como podia ser? Fechara a à chave, não foi? Ainda a trazia consigo. Bastava-lhe abrir os olhos para encontrá-la.

Não podia abrir os olhos. Não tinha coragem, agora o sabia.

A mãe também tinha a chave.

Tinha a chave do quarto dela. Tinha a chave da casa. Tinha a chave do escritório. E ei-la agora ali, baixando o olhar para êle. Oxalá ela pensasse que êle estava apenas adormecido. De qualquer modo, que fazia ela ali? Tê-lo-

ia ouvido sair com a moça e viera espioná-los?

Norman se afundou de novo na cadeira sem ousar mexer-se, fazer o menor movimento. De instante a instante lhe era mais difícil mover-se. O rugido da água prosseguia e a vibração como que lhe embalava o torpor. Tão bom era! A perto, embalando-o até que adormecesse!

Depois ela saiu. Voltou-se, em silencio, e saiu. Não havia nada a recear. Ela viera protegê-lo das cadelas. Sim era isso: viera protegê-lo. Sempre que precisava, mamãe aparecia. Agora podia dormir. Não havia engano possível. Entrava-se no rugido da água, ia-se além do rugido... depois tudo silenciava. *Dormir, dormir em silêncio.*

Teve o sobressalto e atirou a cabeça para trás. Deus, como doía! Êle perdera a consciência sentado na cadeira. Na realidade perdera a consciência. Não ad que tudo 'estivesse a esmurrar e a rugir. Já ouvira antes o mesmo ruído. Há quant tempo — uma, duas horas?

Agora o reconhecia. Abrira-se o chuveiro no quarto pegado. Era isso. A moça entrara no chuveiro. Mas fazia tanto tempo isso! Ela ainda podia estar lá, não pod

Estendeu â. mão, afastando da parede o quadro da licença. Os olhos se lh enviesaram e êle os fixou no banheiro brilhantemente iluminado. Vazio. Po um lado, o *box* do chuveiro. As cortinas estavam cerradas.

Talvez ela se esquecesse e se deitasse, deixando o chuveiro aberto. Parecia-lhe esquisito que ela pudesse dormir ouvindo a agua jorrar com aquela fôrça, agora fizera nada menos do que isso. Talvez a fadiga intoxicasse tanto cor álcool.

De qualquer forma, não parecia haver ali nada de anormal. O banheiro est em ordem. Esquadrinhou-o com a vista, depois reparou no chão.

A água do chuveiro escorria nos ladrilhos. Não muito, um pouco apenas, suficiente para que a visse. Um magro fiozinho de água a escorrer no chão ladrilh de branco.

Era água mesmo? Mas a água não é côr de rosa. A água não tem filetes vermelhos, finos filetes vermelhos que pareciam veias.

Ela devia ter escorregado. Caíra e se machucara, concluiu. Um terror crescia dentro dêle, que entretanto soube o que fazer. Agarrou as chaves na escriv precipitou- se para fora do escritório, num ápice encontrou a chave do quarto peg e abriu a porta. O quarto estava vazio, mas a valise aberta ainda estava em cima d cama. Ela não partira. Êle adivinhara: tinha havido um acidente no *box* do chuveiro.

Era preciso averiguar.

Só depois de entrar no chuveiro foi que se lembrou de uma coisa, mas então já era tarde. Seu terror o atordoou, mas agora de nada valia. Ainda se lembrava.

Mamãe tem também as chaves do motel.

Depois, ao abrir num repelão a cortina do chuveiro, e ao baixar a vista pa coisa decepada e contorcida que jazia no piso do *box,* teve a plena consciência de que a mãe usara a chave sobressalente...



Capítulo 5

NORMAN trancou a porta e caminhou para a casa da ladeira. Suas roupas estava desordem. Cheias de sangue, naturalmente, e água; não só isso: também ha vomitado em todo o piso do banheiro.

Agora, porém, isso não tinha importância. Havia outras coisas a limpar, antes.

Desta vez agiria — de uma vez para sempre. Sua mãe que ficasse no lugar que

lhe competia. Trataria disso. Era urgente.

Todo o pânico, todo o terror, todo o pavor, e a náusea e a revulsão, cede

Essa resolução anulava todo o resto. O que acontecera era uma tragédia — tragédia indescritível — que contudo nunca voltaria a acontecer. Sentiu-se um novo homem — um homem dono de si.

Precipitou-se escada acima e empurrou a porta da frente. Curioso: não estava trancada. A luz da sala ainda estava acesa, mas no aposento não havia nir

Relanceou o olhar em tôrno. Depois subiu a escada.

A porta do quarto da mãe estava aberta. A luz de cabeceira punha no sag um feixe de luz. Entrou sem bater. Já não era preciso fazer cerimônia. Ela escaparia desta...

Mas já escapara.

O quarto estava deserto.

Norman viu o lugar fundo onde ela estivera deitada, as cobertas jogadas para os pés do enorme leito colonial... Ainda flutuava no ar um vago odor de môl cadeira de balanço a um canto, os ornamentos da penteadeira como sempre mudara no quarto da mãe; não mudava nunca. Ela porém já não estava ali.

Norman abriu o anuário. Palpou as roupas nos cabides. Ali o cheiro ácre mais forte — era tão forte que quase o sufocou; mas havia outro cheiro, além dês

Só quando seu pé escorregou, foi que baixou os olhos e percebeu donde p

Um dos vestidos dela e um lenço de cabeça jaziam embolados no chão. Abaixou-se para os apanhar, mas sentiu um estremecimento de náusea ao reparar nas

escuras e avermelhadas de sangue coagulado.

Ela estivera ah. Viera, trocara de roupa e saíra.

Êle não podia chamar a Polícia.

Era isso o que precisava lembrar. Não devia absolutamente chamar a Políc

Nem mesmo agora que sabia o que ela fizera. Ela não era responsável. Er
mulher doente.

O assassínio a sangue-
frio é uma coisa; a loucura é outra. Não se é realmente
criminoso quando se sofre da cabeça. Todo mundo sabe. Só às vêzes há t
que não são dessa opinião. Conhecia vários casos. Mesmo que a julgassem
quereriam sem dúvida interná-
la. Não em uma casa de repouso, mas em um
daqueles buracos pavorosos: um Manicômio Estadual.

Norman fitou a boa ordem do quarto, o papel de parede semeado de rosas
trepadeiras. Não podia arrancar a mãe dêsse lugar para a ver encerrada nu
miserável. Por enquanto estava seguro — a Polícia nem sabia que ela existisse. N
saía de casa, ninguém a conhecia. Não errara dizendo isso à moça, pois nunca ma
ela tornaria a vê-
la. A Polícia é que não podia saber coisa alguma a respeito de sua
mãe, nem o que ela de fato era. Interná-la-iam, se soubessem. Deixá-la-
iam apodrecer. Tivesse ela feito o que quer que fôsse, não merecia *aquilo.*

E não havia de sofrer aquilo, pois ninguém sabia nada.

Agora estava mais que certo de que podia evitar que alguém soubesse.

Restava-lhe apenas refletir, recordar os acontecimentos, pensar com cuidado.

A moça viera só. Viajara o dia todo. Isso significava que não ia indo visi
alguém. Nem sabia onde ficava

Fairvale, não citou nenhuma das cidades próximas, de modo que era mínima a
possibilidade de que pretendesse visitar alguém nas redondezas. Quem quer
estivesse esperando — se é que alguém a estava esperando — devia residi
alguma distância para o norte.

Claro, isto não passava de uma suposição, mas parecia multo lógico. E êle
tinha de arriscar por essa lógica.

Ela assinara o livro de registro, naturalmente, mas isso não queria dizer na

Se alguém perguntasse, diria que éla passara a noite no motel e depois co
seu caminho.

Restava-
lhe se livrar do cadáver e do carro, depois limpar tôdas as manchas.

Não seria difícil. Sabia exatamente o que fazer. A tarefa não seria agradáv
também não seria um cavalo de batalha.

E evitaria que êle fôsse procurar a Polícia. E salvaria a mãe. Oh! não que
desistisse de justar contar com ela, não que recuasse da intenção anterior -
vez, não — mas a coisa podia esperar.

O importante, agora, era se desfazer das provas. Do *corpus delicti.* O vestido e

o lenço seriam queimados, igualmente a roupa que êle vestia. Reavisava-
se: podia dar sumiço a tudo quando se livrasse do corpo.

Fêz das roupas uma trouxa e levou para baixo. Apanhou uma camisa velh
um cobre-
tudo no saguão dos fundos, despiu as roupas que trazia e vestiu a outra.

Não tinha cabimento lavá-
las agora. Isso podia esperar até que terminasse a parte
mais complicada da tarefa.

A mãe porém se lembrara de as lavar quando voltou. Na pia da cozinha h
uma porção de manchas, igualmente côr de rosa; alguns vestígios indiscret
rouge e pó-de-arroz.

Fêz uma anotação mental de lavar cada coisa quando voltasse; depois sentou e
transferiu todo o conteúdo dos. bolsos da roupa que acabava de despir para o cob
tudo. Era uma
pena jogar fora uma roupa tão boa como aquela, mas impossível evitá-
lo. Impossível, se queria salvar a mamãe...

Desceu até o porão e abriu a porta do antigo depósito de frutas. Achou o
procurava — uma velha cesta para roupa, cuja tampa estalara. Era suficien

grande e serviria *esplêndidamente.*

Esplêndidamente — Meu Deus, como podia pensar assim diante da tarefa que se propunha realizar?

Sentiu um começo de retraimento antes da ação, depois respirou fundo. Não era hora para auto-
crítica. Era preciso ser prático. Muito prático, muito cauteloso, muito tranqüilo...

Calmo, jogou a roupa dentro da cesta. Calmo, retirou o oleado de uma me junto à escada do porão. Calmo, tornou a subir a escada, apagou a luz da apagou a luz da saguão e saiu para a noite escura, carregando a cesta com o olead por cima.

Era mais difícil se conservar calmo ali no escuro. Mais difícil deixar de pensar em mil e uma coisas que podiam acabar mal.

Mamãe partira — para onde? Estaria na estrada, exposta a ser atropelada pelo primeiro carro que passasse? Estaria ainda sofrendo a reação histérica? O c pelo que fizera não a levaria a contar tudo ao primeiro que encontrasse na estrada

Teria fugido, ou seria apenas uma ausência temporária? Quem sabe se não atravessara o mato atrás da casa, entrando na estreita faixa de dez acres de terra q levava ao pântano! Não seria melhor ir primeiro procurá-la?

Suspirou. Sacudiu a cabeça. Não podia correr êsse risco. Não, enquanto aquela coisa estivesse esparramada no
box do chuveiro do motel. Deixar aquilo ali, seria mais arriscado ainda.

Não tivera a presença de espírito de apagar tôdas as luzes antes de sair — escritório, no quarto dela. Assim, era possível surgir uma ave noturna à pr acomodações. Não era freqüente, mas de vez em quando a campainha tocava; de

em quando, à uma, às duas da madrugada. E pelo menos uma vez, durante a noite Polícia Rodoviária Estadual cruzava por ali. Quase nunca parava, o que era oportuno, agora.

Ia indo aos tropeções pela escuridão. A aléia era pedregulhada, não tinha lama; a chuva, porém, decerto amolecera o chão por detrás da casa. Ficariam ve

Tinha de pensar nisso. Ficariam vestígios que êle próprio não poderia enxe ao menos não estivesse tão escuro! A idéia veio de repente: o que mais i era sair daquela escuridão.

Sentia-
se aliviado quando afinal abriu a porta do quarto da moça e aí depôs a cesta. Em seguida acendeu a luz. A claridade macia deu-
lhe um pouco de segurança,
até que se lembrou do que a luz acesa revelaria quando êle entrasse no banheiro.

Estava no meio do quarto e se pôs a tremer.

Não, não posso fazer isso. Não posso vê-la. Não vau lá dentro. Não vou! Mas tem que ir. Não há outro jeito. E deixe de falar sozinho!

O mais importante era isso. Tinha que deixar de falar sozinho. Tinha que recuperar a tranqüilidade anterior. Tinha de encarar a realidade.

E que realidade era essa?

A moça. A moça que sua mãe matara. Não era um bonito quadro nem un bonita idéia, mas lá estava ela.

A fuga não devolveria vida à moça. Entregar a mãe à Polícia também nãc alteraria a situação. A melhor coisa a fazer nessas circunstâncias — a
única coisa a fazer: livrar-se dela. Não precisava se sentir culpado.

Quando teve de entrar no *box* do chuveiro e ali fazer o que precisava ser feito, não podia entretanto reprimir a náusea, a tontura, a ânsia sêca e convulsiv vomitar. Achou a faca de açougueiro: estava sob o torso. Deixou-a cair imediatamente dentro da cesta. Havia um velho par de luvas no bôlso do cobre-
tudo: teria de calçá-
las, para conseguir tocar o resto. A cabeça era o pior. Só ela fôra separada do corpo; o mais só tinha talhos, e êle precisou dobrar os memb enrolar o cadáver no oleado e forçá-
lo pela bôca da cesta. Afinal terminou. Fechou a tampa desconjuntada.

Ainda restavam o banheiro e o chuveiro para lavar, mas só na volta tratar disso.

Precisava agora arrastar a cesta para o quarto, procurar a bôlsa da moça e revistá-
la em busca das chaves do carro. Abriu a porta devagar, pérscrutando faróis
em trânsito na estrada. Não passava nenhum — fazia muitas horas que não passav
nada por ali. Só podia almejar e rezar que assim continuasse mais algum tempo.

Suava, desde muito antes de abrir o porta-
malas do carro e empurrar a cesta
para dentro; suava, não pelo esfôrço — era mêdo. Entretanto o conseguiu. Voltou
quarto, juntou a roupa e a pôs na sacola de noite e na valise em cima da

Encontrou os sapatos, as meias, o *soutien*, a calcinha... O pior foi pegar no
soutien e na calcinha. Se tivesse alguma coisa no estômago, restituí-la-
ia... Mas êle não tinha
nada no estômago, exceto aquela secura de mêdo, correspondendo ao porej
mêdo que lhe banhava a pele.

Que mais? Algodão sanitário, grampos — as mil e uma coisinhas que uma
mulher deixa espalhadas num quarto. Sim, e a bôlsa. Havia algum dinheiro
mas êle nem olhou. Não queria dinheiro. Queria se livrar de tudo — e de
enquanto a sorte o favorecia. Pôs a sacola e a valise no banco da frente. Trancou a
porta do quarto. Tornou a perscrutar a estrada em tôdas as direções. Caminho livr

Deu a partida ao motor e acendeu os faróis. O perigo era êsse: acender os
faróis. Não podia evitar a estrada — por exemplo, atravessando o campo.
devagar, ladeira acima, por trás do motel, pelo apedregulhado que levava à aléia e
casa. Outra faixa de pedregulho conduzia para os fundos da casa e ia term
velho galpão que fôra convertido em garage para abrigar seu Chevrolet.

Mudou a marcha e o carro deslisou na relva. Achava- se no campo, aos
sacolejos. Começavam perto uns trilhos fundos, abertos por pneumáticos, q
afinal achou. De tempos a tempos, costumava levar o carro e o reboque p
vereda. Ia catar lenha para o fogão, na mata que rodeava o pântano.

E iria outra vez fazer isso no dia seguinte, decidiu. A primeira coisa que
de manhã cêdo: levar o carro e o reboque para o mato. O rasto feito por seu própr
carro cobriria êste de agora. Assim, se deixasse pegadas na lama, haveria
explicação.

Isto é, se fôsse preciso explicar alguma coisa. Mas talvez a boa sorte o

continuasse a ajudar.

Ajudou-o até que êle alcançou a margem do pântano, até que fêz o que tinha de fazer.. Chegando ali, apagou os faróis e os faroletes de trás e tiabalhou no

Não era fácil. Levou tempo enorme. Afinal, terminou. Deu partida ao motor, enga marcha-a-
ré, saltou do carro e o deixou recuar pelo declive até o pântano. O declive ficaria marcado
com os rastos dos pneumáticos — êle não devia esquecer de os apagar. Mas isso não tinha importância. Pelo menos enquanto o carro afundava. V a lama subir borbulhando até acima das rodas. Meu Deus, que continuasse afundando! Se não afundasse, nunca mais podia tirá-
lo dali. Tinha que afundarl Os pára-
lamas mergulhavam — lentos, muito lentos. Há quanto tempo estava ali?

Parecia-
lhe horas, e o carro linda ora visível. A lama atingiu as maçanetas; subia para os vidros laterais e o pára-
brisa. Não ouvia o mínima rumor. O carro
continuava afundando, centímetro a centímetro, no silêncio mais absoluto. Agora se via a capota. Súbito, um ruido de sucção, um *plop!* e tudo desapareceu.

Norman não sabia que profundidade tinha o pântano naquele ponto. Só po desejar que o carro afundasse.

Que fôsse para o fundo, bem para o fundo — onde jamais
alguém o pudesse enxergar.

Afastou-se com uma careta. Bom! aquela parte estava em ordem. O carro estava no fundo. A cesta estava no porta-
malas. O corpo estava na cesta.. . e o
tronco contorcido e a cabeça sanguinolenta...

Oh, não podia continuar pensando nisso. Não
devia pensar nisso. Restavam
coisas por fazer. Êle as fêz. Quase automaticamente. Havia sabão e deterge escritório e escôva e balde. Norman repassou o banheiro, azulejo por azulejo; dep fêz o mesmo no
box do chuveiro. Concentrando na esfregação, a coisa ainda lhe era

suportável, embora o cheiro de sangue lhe *desse* náuseas.

Depois voltou a examinar o quarto. A sorte ainda o protegia: embaixo da cama encontrou um brinco. Não reparara que ela usava brincos no comêço da n devia tê-
los trazido. Talvez um dêles escorregasse enquanto ela escovava os cabelos. O outro devia estar por ali. Êle sentia os olhos turvos e cansados procurava. O brinco não aparecia em parte alguma. Devia estar na bagage talvez ainda prêso à orêlha da cabeça dela. Em qualquer caso, não tinha importân

Contanto que êle se livrasse dêste... Atirá-lo-ia ao pântano na manhã seguinte.

Ainda restava a casa. Precisava esfregar a pia da cozinha.

Quando êle entrara, eram quase duas horas no antigo relógio de pesos do saguão. Já quase não podia manter os olhos abertos o suficiente para lava manchas da pia da cozinha. Descalçou os sapatos enlameados, despiu o cobre- tu tirou a camisa e as meias, começou a lavar. A água estava como gêlo, m assim não conseguiu espertá-lo. Sentia todo o corpo adormecente.

De manhã cedo voltaria ao pântano em seu carro; voltaria a vestir a mesm roupa, sem se importar com as manchas de lama e de sujeira. Contanto q vissem manchas de sangue... — nem na roupa, nem no corpo, nem nas mãos.

Pronto! Estava de novo limpo. Mãos limpas. Agora podia mover as pernas esquecidas, empurrar o corpo dormente pela escada acima e quarto a-
dentro, cair na cama e dormir de mãos limpas.

Só depois que entrou no quarto e vestiu o pijama, foi que se lembrou de nem tudo estava perfeito.

À
mãe não regressara. Ainda vagueava Deus sabia onde, no meio da noite.

Tinha de tornar a se vestir e sair: precisava descobri-la.

... precisava mesmo?

A idéia se lhe insinuou no cérebro, assim como a dormência se lhe insinu nos sentidos — suave, lenta, no silêncio macio.

Por que se preocupar com a mãe, depois do que ela fizera? Talvez tivesse sido prêsa. Talvez já tivesse desembuchado tôda a história... E quem acreditaria? havia provas — *já não as havia.*

Tudo o que êle tinha a fazer era negar. Talvez nem

precisasse. Quem quer que visse sua mãe e lhe ouvisse a história desvaira saberia que ela estava *louca.* Então a internariam... Interná-la-iam num lugar do qual
ela não possuísse a chave e de onde não pudesse sair. Seria o fim.

Lembrava-se de que não fôra assim que se sentira no comêço da noite. Mas isso foi antes de precisar voltar para o banheiro, antes de entrar no *box* do chuveiro e dar de cara com aquelas... *coisas.*

A mãe lhe fizera aquilo. A mãe fizera aquilo à pobre moça desamparada.

Apanhara uma faca de açougueiro, decepara-lhe a cabeça, dera-lhe talhos... Só uma
louca poderia ter cometido tamanha atrocidade. Era preciso encarar os fatos. A m era louca. Merecia ser internada, devia ser internada — para segurança alheia e d própria.

Se a apanhassem, tomaria providências para que a internassem.

Mas era mais provável que ela não se aproximasse da estrada. Mais prová ter ficado nas imediações da casa ou do quintal. Talvez o tivesse seguido pântano; quem sabe se não ficara a observá-lo todo o tempo? Naturalmente, se
estivesse fora do juizo, tudo podia acontecer. Se ela tivesse ido ao pântan tivesse escorregado para dentro dêle. Não era nada impossível, com o escu fazia. Lembrava-se da maneira pela qual o carro se afundara.

Percebeu que o seu pensamento já não era claro. Sentia vagamente que estava deitado, que fazia muito tempo que estava deitado. Não estava realmente decidin sôbre o que faria, tampouco pensando na mãe, no paradeiro dela. Em vez *observava-a.* Agora podia vê-la, conquanto igualmente sentisse uma dormência nos
olhos e percebesse que as pálpebras se lhe iam fechando...

Podia ver a mãe... e ela estava no pântano. Era ah que ela estava! Tropeçara na escuridão da margem e não podia mais sair. A lama borbulhava em tôrno dos joel dela, ela tentava agarrar um galho para subir no barranco, mas debalde. O afundavam no lodo, o vestido lhe grupava às virilhas. Aquilo era nojento. Não de olhar.

Mas êle queria olhar, queria vê-la se afundar na mole escuridão aquosa e escorregadia. Ela o merecia: merecia afundar-
se, merecia ir se juntar àquela pobre
moça inocente. Tanto melhor! Dentro em pouco êle ficaria livre de ambas vítima e seu algoz; da mãe e da cadela — da mãe-
cadela, afogada na lama asquerosa... Deixá-
la que se afogasse na lama suja, borbulhante...

Atingira-lhe os seios... êle não gostava de pensar *nessas* coisas, nunca pensava nos seios dela, não devia pensar, e era bom que estavam desaparecendo, s afundando para sempre, e êle nunca mais pensaria nisso. Mas a podia ver respirar com dificuldade, o que também o fazia respirar com dificuldade; sentia su se junto com ela, e depois...
(era sonho, tinha que ser sonho!) a mãe estava em pé no
chão firme, à beira do pântano... e era êle que se afundava! Estava de lan

pescoço e ninguém o vinha salvar, socorrer — a ninguém se podia agarrar, a men que a mãe lhe estendesse os braços. Só ela o poderia salvar! Êle não que afogar, não queria ficar sufocado, asfixiado na lama, não queria desaparece mesmo modo pelo qual a moça-
cadela desapareceu. E se lembrava por quê ela
estava ali: era porque fôra assassinada; e fôra assassinada por que represen mal. Exibira-
se diante dêle; deliberadamente o tentara com a perversidade da sua nudez. Êle próprio quis matá-
la naquele mesmo instante, pois a mãe lhe ensinara o
mal e os caminhos do mal, dizendo-lhe “não dei- xarás viver uma cadela”.

Assim pois, a mãe não fizera outra coisa senão o proteger e êle não podia vê-la morrer. Ela não errara. Agora precisava dela, e ela precisava dêle, e embo louca, não o deixaria se afundar. *Não podia deixar.*

A lama asquerosa fazia movimento de sucção em tôrno *de* sua garganta,

beijava-lhe os lábios; se abrisse a bôca a engoliria. Mas precisava abri-la para gritar, e realmente gritava: — *Mãe! Mãe! salve-me!*

Então se viu fora do pântano, em sua cama, em seu lugar, o corpo encharcado, mas era suor. Agora sabia que fôra sonho, mesmo antes de ouvir a voz dela junto à cama.

— Não houve nada, meu filho. Estou aqui. Tudo está bem.

Sentiu a mão lhe acariciar a fronte — mão fria, como o suor que principiava a secar. Quis abrir os olhos, mas a ouviu:

— Não se preocupe, filho. Torne a dormir.

— Mas quero lhe dizer...

— Já sei. Vi tudo. Pensou que fugi, abandonando você? Fêz o que devia, Norman. Agora está tudo, bem.

Sim, devia ser assim. Ela estava ali para o proteger, e êle estava ali para proteger. Antes de readormecer, havia decidido. Nenhum dos dois falaria a respei do que houve naquela noite. Nem agora, nem nunca. Não pensou mais em interná la.

Não importava o que ela fizera: o lugar dela era ali, ao lado dêle. Talvez mesmo louca, e assassina — mas era tudo para êle. Tudo quanto desejava. Tudo c de que necessitava. E enquanto adormecia, bastava-lhe saber que ela estava a seu lado.

Virou-se e se engolfou numa escuridão ainda mais densa e mais absorvente que a do pântano.



Capítulo 6

NA SEXTA-FEIRA seguinte, às seis horas da manhã, aconteceu um milagre.

No quarto do fundo da única loja de ferragens de *Fairvale, fêz-se* ouvir *Impressões Brasileiras*, de Ottorino Respighi.

Fazia muitos anos que o compositor falecera, e a orquestra sinfônica —

l'Orchestre des Concerts Colonne — tocava a milhares de quilômetros de distânc

Quando Sam Loomis ligou seu pequeno rádio de frequência modulada, a música brotou, anulando o espaço, o tempo, a própria morte.

Em sua opinião, isso era um autêntico milagre.

De repente pensou que gostaria de estar acompanhado. Os milagres devem ser partilhados com alguém. Também em
Fairvale não havia ninguém que reconhecesse
aquela música, nem o milagre que era ela ter chegado até ali. Os habitant *Fairvale* eram práticos. A música era apenas uma coisa que obtinham em um níquel depositado na vitrola automática ou quando se ligava o receptor televisão. Na maioria das vêzes era *rock-and-roll,*
mas de vez em quando lá vinha uma peça clássica, como aquêle
Guilherme Tell que se costumava tocar nas fitas de *cowboy.*

O que havia para admirar nesse Ottorino não-sei-do-quê... como era mesmo que se chamava?

Sam Loomis sacudiu os ombros, depois sorriu. Não se lamentava. Morador

de cidade pequena geralmente não gostam dêsse tipo de música, mas pelo consentiam em que êle a usufruísse. Do mesmo modo que também êle não mexia dedo para lhes modificar o gôsto. O acordo era mútuo.

Pegou da prateleira o livro de contabilidade e o levou para a mesa da cozinha.

A mesa se improvisava em escrivaninha, como êle se improvisava em guarda-livros.

A tarefa lhe tomaria uma hora.

Era um dos inconvenientes de morar em um quarto nos fundos do armazém de ferragens. Não havia espaço disponível, e tudo tinha de ser improvisado. Aceitava

situação. Não seria para sempre — a julgar pelo rumo que as coisas tomavam.

Um rápido olhar pelos números pareceu-lhe confirmar o otimismo. Teria de fazer uma verificação nas despesas do inventário, mas era quase certo pod outros mil dólares naquele mês. O que elevaria a três mil a totalidade dos pagamentos do semestre. E a época não era de grandes vendas. Com a en outono o negócio retomaria alento.

Fazia contas em um retalho de papel. Sim, provàvelmente liquidaria as dívidas.

Sentiu-se aliviado. Mary também havia de sentir-se aliviada com a perspetiva.

Últimamente Mary parecia triste. Era essa a impressão que suas cartas causavam. Isto é, quando havia cartas, pois ela já lhe devia algumas. Toma escrever a ela na última sexta-feira, e nada de resposta. Quem sabe estava doente.

Não: se fôsse êsse o caso, teria recebido um bilhetinho de Lila. Provàvelm desânimo, alguma depressão. Não a censurava por isso. Fazia muito tempo vinha trabalhando demais.

Êle também, naturalmente. Não era fácil viver daquele jeito. Mas era a ún maneira. Ela compreendia; ela concordara em esperar.

Talvez êle devesse sair por alguns dias na semana entrante, deixando

Summerfield à testa do negócio, e ir visitar Mary. Chegar inopinadamente, fazer-lhe
uma surprêsa, Por quê não? Os negócios andavam parados e Bob podia m
dirigir o armazém sòzinho.

Suspirou. A música baixava em espirais de tom menor. Devia ser o tema
jardim das serpentes. Sim, reconhecia-
o, com suas cordas resvalando, suas madeiras contorcendo-
se acima do sonolento contra-baixo. Serpentes. Mary não gostava de
serpentes. Provàvelmente também não gostasse dôsse gênero de música.

Às vêzes pensava *se* não teriam errado ao traçar o plano do seu futuro. Afinal
de contas, que sabiam um do outro? Exceto o cruzeiro que fizeram juntos e os do
dias que Mary ali passara no ano anterior, não tinham tido outra convivên

Naturalmente, havia as cartas, mas talvez isso apenas servisse para piorar as coisa

Nelas, Sam descobrira uma outra Mary — moça cheia de venetas, de personalida
petulante, dada a preferências e repugnâncias fortes como preconceitos.

Sacudiu os ombros. Que é que estava sentindo? A morbidez da música?

Doiam-lhe os músculos da nuca. Escutou com atenção, esforçando-
se para isolar o
instrumento, determinar com precisão a frase musical que desencadeara aqu
reação. Havia algo errado, algo que êle intuia, algo que podia quase ouvir...

Levantou-se, empurrando para trás a cadeira.

Sim: ouvia. Era uma leve pancada na porta do armazém. Só isso, naturalmente;
nada que o devesse preocupar. Alguém fazia girar a maçaneta da porta da frente.

O armazém estava fechado, as portas de aço descidas. Talvez fôsse algum
viajante. Provàvelmente. Seus conterrâneos sabiam quando êle fechava o ar

igualmente sabiam que êle morava no quarto dos fundos. Se o precisassem vêr fo
de horas, telefonariam antes, naturalmente.

Bom: negócio era negócio, fôsse lá quem fôsse o freguês. Voltou-se e se
precipitou pelo corredor escuro. Agora, na porta da frente, podia ouvir, co

nitidez, pancadas violentas — com efeito, até tilintar as caçarolas e panelas prateleira de miudezas.

Devia ser urgente. Ou algum freguês precisando de lâmpada nova para o refletor Mickey Mouse do garôto?

Tateou o bôlso, achou o chaveiro.

Já vou indo, exclamou — já vou abrir.

E assim fêz com destreza, escancarando a porta sem tirar a chave da fechadura.

Ela estava em pé no limiar. Sua silhueta era posta em relêvo pela luz da calçada fronteira. Quando a reconheceu, Sam ficou paralizado; depois avanç seus braços a enlaçaram.

— Mary!

E sua bôca procurou a dela. Mas a moça se endureceu, recuou, cerrou os punhos e começou a golpear-lhe o peito. Que era aquilo?

— Não sou Mary! exclamou ofegante — sou Lila!

— Lila? balbuciou Sam, dando um passo para trás. — A... irmã de Mary?

Sam então viu o rosto de perfil, os reflexos que a luz da lâmpada punha cabelos dela. Cabelos castanhos, mais claros que os de Mary. Agora via a diferen na forma arrebitada do nariz, no ângulo alto dos ossos faciais... 'Era tambe pouquinho mais baixa, os quadris e os ombros ligeiramente mais estreitos.

— Desculpe, murmurou êle — foi a luz.

— Não tem importância.

A voz também era diferente: mais suave, mais baixa,

— Não quer entrar?

— Sim, disse ela hesitando, a olhar para baixo; e Sam viu então a valise calçada.

— Vamos: deixe que a valise eu levo. Ao passar pelo corredor, acendeu a dos fundos. — Meu quarto é mais adiante. É por aqui.

Ela o seguiu em silêncio. Não num silêncio total, pois o poema musical d Respighi ainda enchia o ar. Ao entrarem na improvisada residência Sam fêz menç de desligar o rádio. Lila deu com a mão.

— Deixe, pediu — quero ver se reconheço a música. Villa Lobos?

— Respighi. Chama-se *Impressões Brasileiras.* Gravação da *Urânia, me* parece.

— Oh, não temos isso em nosso estoque.

E pela primeira vez êle se lembrou de que Lila trabalhava numa loja de discos.

— Quer continuar ouvindo ou prefere conversar? perguntou Sam.

— Desligue. Melhor conversarmos.

Êle sacudiu a cabeça, inclinou-se sôbre o aparelho, depois a encarou:

— Sente-se, pediu-lhe — tire o casaco.

— Obrigada. Não pretendo me demorar. Preciso procurar um quarto.

— Veio de visita?

— Só por esta noite. Talvez vá embora amanhã cedo. E não se trata propriamente de uma visita. Vim à procura de Mary.

— À procura de... — e Sam a olhou espantado. — E que viria ela fazer aqui?

— Pensava que você podia me dizer...

— Dizer, como? Mary não está aqui!

— Mas estêve? Logo no princípio da semana?

— Claro que não. Não a vi mais, desde que estêve aqui no verão passado,
Sam se deixou cair sentado no sofá-cama.

— Que aconteceu, Lila? Que história é essa? — Eu também gostaria de saber...

Lila desviou o olhar dos olhos dêle, baixou os cílios e fitou as mãos. Estas se lhe contorciam no regaço — como serpentes. À luz mais viva, Sam reparou que s cabelos eram quase louros. Agora não se parecia absolutamente com a irm uma garôta muito diferente — uma garôta nervosa e infeliz.

— Por favor, pediu Sam — diga o que há.

Lila ergueu subitamente o olhar, os olhos côr de avelã, atentos, perscrutando-o.

— Não mentiu quando disse que Mary não estêve aqui?

— Não. Eu disse a verdade. Estas últimas semanas não tenho tido notícias dela. Já começava a ficar apreensivo. E agora você chega de repente e... - explodiu... conte o que há!

— Muito bem: acredito no que diz. Mas não há muito o que contar.

Lila respirou profundamente e recomeçou a falar, enquanto as mãos se lhe moviam inquietas no colo.

— Ontem fêz uma semana que vi Mary no apartamento.

Foi na noite em que saí para *Dallas,* para visitar alguns fornecedores. Sou eu que faço tôdas as compras para a loja.

Passei fora o fim-de-semana e domingo à noite tomei o trem de volta. Segunda-feira cedo, quando me levantei, não vi Mary no apartamento. A princípio isso nã preocupou: talvez ela tivesse saído mais cedo para o trabalho. Mas geralm me telefonava no correr do dia. Como não o fizesse, lá pelo meio-dia telefonei para o escritório. Mr. Lowery respondeu. Disse que estava se preparando para n chamar, a fim de saber o que tinha havido. Mary não comparecera ao trabalho. Nã soubera mais dela, desde a sexta-feira à tarde.

— Espere um pouco, disse Sam, devagar. — Deixe-me compreender bem isso.

Quer dizer que já faz uma semana que Mary está desaparecida?

— Receio que sim.

— Então por que não me avisaram antes?

Levantou-se, sentindo se renovar a tensão nos músculos da nuca, sentindo-
a na garganta e na própria voz.

— Por quê não procurou entrar em contacto comigo? E a Polícia?

— Sam, eu...

— Em vez disso ficou todo êsse tempo à espera e agora vem aqui me perguntar
se a vi. Não tem sentido.

— Nada tem sentido. A Polícia ainda não sabe. E Mr. Lowery nem sabe
você existe. Depois do que êle me falou, concordei em não dar parte à Polícia. M
fiquei tão apreensiva, tão assustada, que precisei investigar. Foi por isso qu
aqui, proceder a indagações por minha própria conta. Pensei que talvez vo
tivessem planejado a coisa juntos.

— Planejado o quê? gritou Sam.

— É isso o que eu gostaria de saber...

A voz era suave, mas nenhuma suavidade havia no rosto do homem que estava
de pé na porta. Alto, magro, profundamente tisnado. Um chapéu Stetson côr de ci
sombreava-
lhe a fronte, não porém os olhos. Êstes eram azul gêlo, e, como gêlo,
duros.

— Quem é o senhor? inquiriu Sam — Como entrou aqui?

— A porta da frente estava aberta e entrei. Venho fazer algumas indagaçõ
mas verifico que Miss Crane já me levou vantagem. Agora talvez o sr. ter
resposta a dar a nós dois.

— Resposta?

— Isso mesmo.

E o homem alto avançou, uma das mãos enfiada no bôlso da jaqueta côr cinza. Sam ergueu o braço, depois o deixou cair, enquanto o homem tirava a mão bôlso e lhe estendia uma carteira que subitamente lhe exibiu,

— Meu nome é Arbogast. Milton Arbogast. Investigador licenciado, representante da Paridade Mútua. Temos uma apólice de seguro da Agência Lowe onde sua amiguinha trabalhava. Foi por isso que vim. Quero saber o que vocês do fizeram com aquêles quarenta mil dólares.



Capítulo 7

O STETSON côr de cinza estava agora em cima da mesa, e a jaqueta cin pendurada nas costas de uma cadeira de Sam. Arbogast apagou seu terceiro cigarr no cinzeiro e imediatamente acendeu outro.

— Muito bem, disse êle — o sr. não saiu de *Fairvale* em tôda a última semana.

Acredito, Loomis. O sr. sabe que é melhor não mentir. Aliás, ser-me-ia fácil verificar a veracidade da história.

O investigador puxou uma lenta baforada.

— Mas isto não prova que Mary não tenha vindo visitá- lo. Podia ter vin aqui uma noite destas, exatamente como sua irmã veio hoje.

Sam suspirou.

— Mas não veio. Olhe aqui: o sr. acaba de ouvir o que Lila disse. Faz v semanas que nada sei de Mary. Escrevi-lhe na última sexta-feira
— no mesmo dia em

que se supõe que ela tenha desaparecido. Por que faria eu uma coisa dessas, se tir
a certeza de que ela viria aqui?

— Para despistar, naturalmente. Foi um ato muito inteligente — e Arbogas
soltou uma violenta baforada.

Sam coçou a nuca.

— Não sou inteligente assim. Absolutamente. Nada sabia a respeito do
dinheiro. Segundo o sr. explicou, nem o próprio mr. Lowery sabia com antecedên
que alguém ia levar-
lhe ao escritório quarenta mil dólares em dinheiro na tarde de sexta-
feira. Mary também decerto não sabia. Como podíamos ter combinado um
plano?

— Ora, ela podia ter chamado por algum telefone público, logo que se apossou
do dinheiro; na sexta-feira à noite, digamos, e disse ao sr. que lhe escrevesse.

— Verifique isso com a companhia telefônica daqui, respondeu Sam, com um ar
cansado. — Ficará sabendo que há um mês não tenho feito chamados interurbano

Arbogast abanou a cabeça.

— Quer dizer que ela não telefonou. Veio diretamente, contou-lhe o que
acontecera e combinou encontrá-lo mais tarde, quando a coisa esfriasse...

Lila mordeu os lábios.

— Minha irmã não é uma criminosa, o sr. não tem o direito de falar assim. Não
há provas de que ela se tenha apossado do dinheiro. Quem sabe se o próp

Lowery foi depositá-lo. Quem sabe inventou tôda essa história para despistar...

— Desculpe, disse Arbogast — compreendo os seus sentimentos, mas êstes
não servem de pretexto. A menos que o ladrão seja encontrado, julgado e conden
a nossa companhia não paga a apólice de seguro — e Lowery perderia os
mil. Em conseqüência, que proveito êle teria com êsse estratagema? Não s
mas a sra. está menosprezando os fatos. Mary desapareceu. Está desaparecida des
a tarde em que recebeu o dinheiro. Não o levou ao banco. Não o esconde
apartamento. Mas o dinheiro sumiu. E o carro dela sumiu. Ela também sumiu.

Mais um cigarro se acabou e foi enterrado no cinzeiro.

— Tudo combina!

Lila começou a soluçar baixinho.

— Não, não combina. O sr. me devia ter ouvido quando eu quis chamar a Polícia. Em vez disso, consenti em que o sr. e mr. Lowery me fizessem calar. O sr

disse que não queria dar o alarme e que, se esperássemos, talvez Mary res devolver o dinheiro. O sr. não quis acreditar no que eu dizia, mas agora s tinha razão. Mary não roubou o dinheiro. Alguém a raptou. Alguém que estava a da história...

Arbogast encolheu os ombros, depois se ergueu devagar e se dirigiu para a moça. Deu-lhe uma pancadinha no ombro:

— Escute aqui, miss Crane: já examinamos tudo isso antes; lembra-se?

Ninguém sabia o caso do dinheiro. Sua irmã não foi raptada. Foi para cas malas, saiu no seu próprio carro e estava sozinha. A senhorita não a viu sair? Entã

Seja razoável!

— Estou sendo razoável! O sr. é que faz confusão! Imagine: seguir-me até aqui para inquirir mr. Loomis...

O investigador abanou a cabeça.

— Que a leva a pensar que a segui? perguntou tranquilamente.

— Então como é que hoje de noite se encontra aqui? O sr. não sabia que Mary e Sam Loomis eram noivos. Exceto eu, ninguém mais sabia. O sr. nem ac sabia da existência de Sam!

Arbogast tornou a abanar a cabeça.

— Sabia, sim. Lembre-se: lá no apartamento, quando dei a batida na escrivaninha de sua irmã, topei com êste envelope...

E o investigador o agitou no ar.

— Ué! Está endereçado a mim! murmurou Sam, levantando-se para apanhá-lo.

Arbogast retirou a mão.

— Não precisará disto; não tem carta dentro — é apenas o envelope. Mas pode me servir, por trazer a letra dela.

Fêz uma pausa.

— Tenho, com efeito, me servido dêle, desde a manhã de quarta-feira, quando saí para cá.

— Foi na quarta-feira que o sr. veio para cá? indagou Lila, dando pancadinhas nos olhos com o lenço.

— Isso mesmo. Não vim no seu encalço, Miss, mas à sua frente. O endereço do envelope me deu a pista. Isso, mais o retrato de Loomis na moldura, junto à cama sua irmã. *"Com todo o meu amor — Sam"*.

Foi fácil estabelecer a ligação. Em conseqüência decidi me colocar no lugar de sua irmã. Acabo de me apode quarenta mil dólares em dinheiro. Tenho de sair da cidade, e depressa. Para onde

Para o Canadá, o México, as índias Ocidentais? Muito arriscado. Além dis tive tempo de fazer planosde longo alcance. O meu impulso natural teria s diretamente procurar o namorado...

Sam deu um murro tão forte na mesa da cozinha, que os tocos de cigarro saltaram para fora do cinzeiro.

— Já chega! bradou êle — o sr. não tem direito de fazer essas acusações. Até aqui ainda não apresentou sequer uma prova do que acaba de dizer!

Arbogast apalpou o bôlso, à procura de mais um cigarro.

— Quer uma prova, não é? O que acha que andei fazendo na estrada des quarta-feira de manhã? Foi quando achei o carro.

— Achou o carro de minha irmã? exclamou Lila, levantando-se.

— Claro! Tive um palpite engraçado: que uma das primeiras coisas que el

faria seria encostar o carro. Procurei todos os revendedores e alugadores d
de segunda mão, dando a descrição do dela e o número da chapa. Valeu a pena. N
demorou muito, encontrei. Exibi ao sujeito minhas credenciais e êle desem

Depressinha! Parecia que o carro lhe queimava as mãos. Não refutei o que êle dis

Mary Crane fechara o negócio às pressas, na noite de sexta-
feira, um pouco antes de
se fechar a casa. Teve um bruto prejuízo na troca. Obtive tôdas as inform
uma completa descrição da lata velha em que ela saiu. Dirigiu-
se para o norte. Eu
também me dirigi para o norte. Eu não podia andar muito depressa. Tinha
palpite: de que ela aderiria à estrada, de vez que se dirigia para cá. Talve
primeira noite guiasse em linha reta. Durante oito horas, eu também guiei
reta. Depois fiquei um tempo enorme rodando em tôrno da cidade de
Oklahoma,
inspecionando motéis da estrada e postos de carros para alugar. Imaginei q
podia trocar de carro, para se sentir mais segura. Mas qual! Quarta-
feira cheguei até

Tulsa.
A mesma rotina, os mesmos resultados. Só hoje de manhã foi que achei
agulha no palheiro. Outro pôsto de carros para alugar, outro revendedor, exatame
ao norte dali. Ela fêz a segunda troca na manhã do último sábado: apanhou outra
velha e acabou num Plymouth azul de 1953, com o para-
choque fronteiro amassado.

Arbogast tirou do bôlso um livro de notas.Está tudo aqui — o branco no preto.

A marca, o número do motor — tudo. Os dois revendedores mandaram fazer cóp
fotostáticas de tudo e as remeterão para meu escritório. Mas agora isso já
importância. O importante é saber que Mary Crane se dirigia para o norte ao sair
Tulsa,
tomando pela estrada principal no sábado de manhã, após ter trocado de carro
duas vêzes nas últimas dezesseis horas. Na minha opinião, era êste o lugar a que
queria chegar. E a menos que tivesse acontecido qualquer coisa inesperada
enguiço do carro, talvez um acidente — ela devia ter chegado aqui no sá
noite.

— Não chegou, afirmou Sam. — Não a vi. Olhe: posso arranjar uma prova, se a desejar. Na noite do último sábado eu estava no Salão da Legião, jogando baralh

Há muitas testemunhas. No domingo de manhã fui à igreja. Ã tarde jantei no...

Arbogast levantou a mão pachorrenta.

— O.K., compreendo o que quer dizer. Não a viu. Logo, deve ter acontec alguma coisa. Vou voltar a procurar.

— E que diz da Polícia? consultou Lila. Continuo achando que o sr. deve dirigir-se à Polícia. E umedeceu os lábios. — Suponha-se que tivesse havido um acidente. Não seria possível investigar todos os hospitais entre *Fairvale* e *Tulsa.* É

igualmente possível ela ter perdido os sentidos em alguma parágem. Pode até...

Desta vez foi Sam quem lhe bateu no ombro.

— Tolice, murmurou — se tivesse acontecido algo assim, já nos teriam avisado. Mary está indene. E por sôbre os ombros de Lila olhou para o investigad

— O sr. não pode fazer tudo sòzinho, disse. — Lila está muito certa. Por dar parte à Polícia? Dar parte do desaparecimento de Mary. Quem sabe a poderá localizá-la.

Arbogast apanhou o Stetson cor de cinza.

— Confesso que até agora tomei pelo caminho mais difícil. Pois se puder localizá-la sem para isso apelar para as autoridades, pouparíamos ao nosso cliente e à companhia uma enxurrada de má publicidade. Não só isso, mas também poderíamos poupar muito aborrecimento a Mary Crane, caso nós mesmos a encontremos e recuperemos o dinheiro. Quem sabe se até evitaríamos o pr

Devem concordar em que vale a pena o esfôrço.

— Mas se o sr. tem razão, e se Mary chegou até aqui, então por que ela não me veio ver? É isso o que eu estranho, tanto quanto o senhor, insistiu Sam. — E não

aguardar muito tempo para descobrir.

— Quer esperar mais vinte e quatro horas? propôs Arbogast.

— Em que está pensando?

— Em continuar a investigação, conforme disse. — E Arbogast espichou a mão, para impedir qualquer objeção de Sam. — Nada de refazer todo o caminho *Tulsa;*
confesso que isso é impossível. Mas eu gostaria de farejar um pouco esta zona — visitar os restaurantes da estrada, os postos de gasolina, os revendedores carros, os motéis... Talvez alguém a tenha visto. Pois continuo considerand meu palpite. A intenção dela era vir para cá. Talvez mudasse de idéia dep chegou, e continuasse a rodar. Mas eu gostaria de averiguar isso.

— E se nada descobrir nas próximas vinte e quatro horas?

— Então ficaremos quites: darei parte à Polícia e iniciaremos as buscas de rotina, referentes a Pessoas Desaparecidos. O.K.?

Sam fitou Lila.

— Que acha? perguntou.

— Não sei. Estou tâo_ apreensiva que não posso pensar. Sam, decida você —

e Lila suspirou.

Sam acenou com a cabeça para Arbogast.

— Muito bem. Fica combinado. Mas desde já fique certo: se nada acontec até amanhã, e se o sr. não notificar à Polícia, eu notificarei.

Arbogast vestiu o paletó.

— Acho que vou arranjar um quarto no hotel. E a sra., miss Crane?

Lila olhou para Sam.

— Irei com ela daqui a pouco, respondeu Sam. — Primeiro pensei em comermos alguma coisa. Mas tomarei conta dela. Amanhã estaremos aqui.

Ficaremos à sua espera.

Pela primeira vez naquela noite Arbogast sorriu. Não era um sorriso que pudesse concorrer com o da Gioconda, mas em todo caso era um sorriso.

— Acredito em vocês, declarou êle. — Desculpem se os apertei, mas tive investigar. Sacudiu a cabeça para Lila:

— Vamos tratar de descobrir o paradeiro de sua irmã. Não fique apreensiva.

Em seguida saiu. Muito antes que a porta da frente se fechasse por trás d Lila começou a soluçar, encostada ao ombro de Sam. Sua voz era um gen abafado.

— Sam, tenho mêdo... alguma coisa aconteceu a Mary... eu sei que aconteceu!

— Tudo está bem, consolou-
a êle, lamentando não haver palavras melhores,
porque nunca havia palavras melhores do que essas para responder ao mêd mágoa e à solidão. — Tudo está bem, acredite.

Ela porém recuou de súbito e escancarou os olhos lacrimosos. Quando pôd

falar, a voz saiu-lhe consumida, mas firme:

— Por que hei-de acreditar em você, Sam? perguntou suavemente. — Há alguma razão? Alguma razão que você não disse ao investigador? Sam, Mary est aqui? Você sabia dessa história, sabia alguma coisa a respeito do dinheiro?

Êle sacudiu negativamente a cabeça.

— Não. Não sabia. Tem que acreditar em minha palavra, Lila. Assim como eu tenho que acreditar na sua.

Ela virou as costas e encarou a parede.

— Acho que você tem razão, disse. — Mary podia ter procurado qualquer um de nós dois no decorrer da semana. E não o fêz. Confio em você, Sam. M difícil a gente acreditar em alguma coisa, quando a nossa própria irmã nos uma... uma...

— Calma, atalhou Sam. — Agora você precisa é de algum alimento e de descanso. Amanhã as coisas não estarão tão prêtas...

— Pensa *realmente* assim, Sam?

— Penso, sim.

Era a primeira vez que êle mentia a uma mulher.



Capítulo 8

O AMANHÃ se transformara em hoje, sábado, e para Sam era o tempo da espera

Ao redor das nove horas telefonou do armazém para Lila, já de pé e almoçada.

Arbogast não estava: devia ter saído muito cedo, mas deixara no andar tér bilhete para Lila, dizendo pretender procurá-la durante o dia.

— Por quê não vem me fazer companhia? sugeriu-lhe Sam, ao telefone. — Não tem propósito ficar fechada aí no quarto. Venha, e almoçaremos juntos. De iremos ao hotel, perguntar se Arbogast nos procurou. Melhor ainda: pedirei telefonista que transfira para o armazém todos os telefonemas dirigidos a você.

Lila concordou e Sam ficou mais aliviado. Não queria que ela ficasse sozinha, mormente naquele dia. Era-
lhe fácil ficar obcecada com Mary; Deus sabia que êle
próprio não vivera outra coisa a noite tôda.

Esforçara-se para repelir a idéia, mas reconheceu que a teoria de Arbogast era muito lógica. Mary devia ter planejado visitá-

lo depois que se apossou do dinheiro.

Isto é, se na verdade o furtara...

E essa era a pior parte: aceitar Mary como ladra. Mary não era dessa laia mulher. Tudo quanto sabia a respeito dela o refutava.

Mas, afinal, até que ponto realmente conhecia Mary Crane? Ainda na vésp refletira sôbre o insuficiente conhecimento que tinha da sua prometida. Cor a tão mal que tomara Lila por ela à luz frouxa do corredor...

Engraçado, pensava Sam, como acreditamos conhecer completamente uma pesosa, só porque a vemos algumas vêzes ou porque nos sentimos ligados a ela p um elo emotivo. Ali mesmo em
Fairvale havia exemplos: Tomkins, por exemplo,
muito tempo superintendente escolar, e grande Rotariano, mas abandonou a por uma garôta de dezesseis anos! Quem poderia jamais prever uma coisa

Ou prever que Mike Fisher, o maior devasso e jogador desta parte do Est morrer deixando tudo o que possuia para o Orfanato Presbiteriano? Ou que Summerfield, seu empregado no armazém, ali trabalhara mais de um ano,

êle soubesse que o mesmo fôra expulso do serviço militar, por ter tentado rebenta crâneo do capelão com a coronha da pistola... Naturalmente, agora nada ti censurar a Bob: sujeito assim bondoso e caladão não se encontraria nem n centena de anos. Entretanto, também fôra bondoso e caladão no Exército, a alguma coisa o pôs fora dos eixos. E ninguém reparara antes. Excelentes senhora idade de repente se desfaziam dos maridos após vinte anos de felicidade c humildes empregadinhos de banco súbito levantavam acampamento, causand prejuízos de milhares de dólares... com efeito, quem podia prever os acontecimen futuros?

Talvez Mary tivesse mesmo furtado aquêle dinheiro. Talvez estivesse cansa de esperar que êle acabasse de pagar as dívidas, e fôsse subjugada pela re tentação.

Quem sabe pensara em trazer o dinheiro ali, inventar uma história, fazer c que êle o aceitasse... Talvez fizesse planos de fugirem juntos. Tinha de co honestamente essa possibilidade e até a probabilidade dêsse desfêcho.

Admitido isso, restava-
lhe encarar ainda outra questão: por que ela não viera?

Para onde poderia ter se encaminhado ao deixar as vizinhanças de *Tulsa?*

Uma vez iniciada a cogitação sôbre êsse assunto, considerado que realment
ninguém sabia como funciona o cérebro de outra pessoa, então a gente se vê dian
da última alternativa: tudo era possível. A resolução de dar um salto aluci
Las Vegas; um súbito impulso de levar sumiço e encetar vida nova sob ur
suposto; um ataque traumático de culpa, resultando em amnésia...

Mas já êle transformava o caso em um caso federal, pensava Sam, com os seus
botões; ou um caso clínico. Se se perdesse nesses altos raciocínios teria de admiti
mil e uma alternativas. Que Mary sofrerá um acidente, conforme Lila rece
que fôra surpreendida por alguém que lhe pediu carona e que...

Tornou a repelir a idéia. Não podia continuar. Já bastava guardá-la para si, sem
o acréscimo de ainda precisar escondê-la de Lila. Cabia-
lhe, naquela altura, animar a
moça. Havia sempre a débil esperança de que Arbogast encontrasse uma p
não encontrasse, êle, Sam, recorreria às autoridades. E só então permitiria
próprio pensar o pior sôbre as coisas.

E falar no conhecimento que se tem de outras pessoas, quando a gente nem a si
própria se conhece Êle nunca suspeitara que pudesse algum dia alimentar t
dúvida e desconfiança com referência a Mary. Entretanto, com que facilida
adotara essa atitude. Não era justo. O menos que podia fazer, para expiar sua falta
era esconder da irmã suas suspeitas.

A menos que ela também pensasse a mesma coisa...

Mas Lila parecia mais animada, aquela manhã. Vestira um costume leve, e
quando entrou no armazém, foi com passo elástico.

Sam, a apresentou a Bob Summerfield, depois a levou para almoçar.

Inevitàvelmente ela começou a falar a respeito de Mary e do que Arbogas
fazendo àquela hora. Sam respondia lacônicamente, procurando manter em um ní
de indiferença as respostas e o tom de voz. Depois do almôço foi ao hote
combinou a transferência para o armazém de qualquer chamado dirigido a

durante a tarde.

Depois ambos regressaram para a loja de ferragens. O dia estava bonito pa
um sábado, e a maior parte do tempo Sam pôde ficar conversando com a
quarto dos fundos. Summerfield atendia os freguêses, e só eventualmente Sam tir
de pedir licença e ir atender pessoalmente certos assuntos.

Dir-se-ia que Lila estava descansada e sentia-
se à vontade. Ligou o rádio e
escolheu um programa sinfônico, que se pôs a escutar, aparentemente abso

Sam a encontrou sentada ali ao voltar de uma das idas ao armazém.

— É o *Concerto para Orquestra*, de Bartok; não é?

Ela ergueu o olhar, sorridente.

— Ê sim. Engraçado: como você conhece música!

— Estranha que isso possa acontecer? Lembra-se de que estamos no século da alta-
fidelidade. Morar em cidade pequena não significa a gente não se interessar por
música, livros, arte em geral. E tempo não me falta.

Lila ajeitou a gola da blusa.

— Talvez eu é que esteja atrasada. O que acho engraçado não é o seu interêsse
por essas coisas, mas o fato de você também ser dono de um armazém de ferrage

Parece que as duas coisas não combinam.

— Ora, que há de errado no negócio de ferragens?

— Não quis dizer isso. Mas a coisa me parece...ora!...tão trivial!

Sam sentou-
se junto à mesa. De repente se abaixou a apanhou um objeto do
chão. Era uma coisa miúda, pontuda, reluzente.

— Trivial, repetiu com um eco — Talvez seja, segundo o ângulo pelo qua

olha. Por exemplo: que é isto que tenho na mão?

— Um prego; não é?

— Exatamente: um prego. Vendo-os às carradas. Centenas de quilos por ano.

Meu pai já vendia. Aposto que vendemos umas dez toneladas de pregos n armazém, desde o dia em que abrimos as portas. Pregos de todos os comprimento de todos os tamanhos — simples pregos ordinários. E não há um só que seja trivi desde que se pense na significação dêle. Todos servem a um propósito importante duradouro. Talvez a metade das casas de madeira de *Fairvale* tenham sido construídas com pregos vendidos neste armazém. Talvez seja bobagem; mas quar saio a passear pela cidade, tenho a sensação de que ajudei a construí-la. As ferramentas que vendi deram forma e acabamento às tábuas. Forneci as tin

que se pintaram as casas, os pincéis que as aplicaram; as portas e as telas proteção, o vidro das vidraças...

Ai se intarrompeu e riu um tanto convencido:

— Atenção ao Mestre Construtor! Mas... fora de brincadeira, é isso mesn

Tudo neste negócio faz sentido, por servir a uma necessidade que faz parte da vid

Até um simples prego, como êste, cumpre uma função. Crave-o num lugar decisivo, e pode confiar em que êle fará sua parte e continuará a fazê-la muitíssimos anos no futuro. Até depois que nós ambos estejamos mortos e enterrados.

Nem bem proferiu essas palavras, sentiu-se arrependido de as dizer. Mas era tarde. Viu o sorriso desaparecer dos lábios dela.

— Sam, estou apreensiva. São quase quatro horas e Arbogast não chamou...

— Êle vai chamar. Tenha paciência; dê-lhe tempo.

— Não aguento mais! Você falou em vinte e quatro horas... e que depois dar parte à Polícia.

— Disse e confirmo. Mas o prazo só termina às oito da noite. E continuo dizendo que talvez não seja preciso dar parte... Talvez Arbogast tenha razão.

— Talvez! Sam, quero saber!

Tornou a alisar a blusa, mas sua testa continuou franzida.

— Não pense que me enganou com essa história de pregos. Está tão nervo como eu, não está?

— Sim, creio que sim.

E Sam se pôs em pé, balançando os braços.

— Não sei por quê Arbogast não chamou até agora. Não há na zona muit lugares que justifiquem uma investigação. Nem que êle tivesse parado em banca de cachorro- quente, ou em cada motel do distrito! Se até à hora da não aparecer irei eu mesmo procurar Jud Chambers!

— Quem?

— Jud Chambers. É o xerife local. *Fairvale* é a séde do distrito.

— Sam... eu...

O telefone chamou no interior do armazém. Sam desapareceu sem esperar ela terminasse a sentença. Bob Summerfield já estava atendendo.

— É para você, disse o empregado.

Sam tomou o fone, olhou por cima do ombro para ver se Lila o acompanhara.

— Alô... aqui é Sam Loomis..

— Aqui é Arbogast. Você deve estar apreensivo com a minha demora.

— Estamos. Lila e eu estavamos esperando que o sr. chamasse. Que foi q descobriu?

Houve uma breve pausa, quase imperceptível. E em seguida:

— Nada por enquanto.

— Por enquanto? Onde estêve todo o dia?

— Onde é que não estive?... Fiz a cobertura de tôda a zona, de uma a ou ponta. Agora estou em *Parnassus.*

— Fica nos confins do distrito, não é? Que diz da estrada?

— Percorri-a inteirinha. Dizem que posso voltar por outro caminho — por uma variante.

— Sim, tem razão. A estrada velha é agora um ramal distrital. Mas em tôda ela não há nada. Nem sequer um pôsto de gasolina.

— Um sujeito aqui no restaurante diz que há um motel, mais para trás.

— Oh... isso me lembra... parece que há mesmo. O velho sítio de Bates. sabia que ainda funcionava. Não é provável encontrar alguma coisa por lá.

— Bem, é o último da lista. Como estou voltando, darei um pulo até lá. Como vai você?

— Bem.

— E A garôta?

Sun baixou a. voz.

— Quer que notifique imediatamente as autoridades. Acho que tem razão.

Depois do que o sr. me disse, acho que tem razão.

— Quer esperar até que eu chegue?

— Quanto tempo leva?

— Talvez uma hora. A menos que eu tope com alguma coisa nesse motel.

Arbogast fêz uma pausa.

— Olhe aqui, vamos fazer um trato. Estou disposto a continuar pesquisando. Só lhe peço que espere pelo meu regresso. Iremos juntos à Polícia. Será muit fácil obter cooperação, eu indo junto. Você sabe como é a lei de uma cid pequena. No mesmo instante em que se desliga um chamado interurbano, apertam o botão do pânico.

— Damos-lhe uma hora, disse Sam — e ficamos à sua espera no armazém.

Pôs o fone no gancho e se voltou para sair.

— Que disse êle? perguntou Lila — descobriu alguma coisa?

— Ainda não... mas ainda não terminou. Há outro lugar onde pretende ir...

— Só mais um?

— Não fale assim. Talvez aí descubra alguma coisa. Se não, estará de vol dentro de uma hora. Então procuraremos o xerife. Você ouviu o que eu disse a êle

— Está bem. Vamos esperar. Você disse uma hora...

Não foi uma hora agradável. Sam sentiu-se quase grato quando os fregueses, na segunda parte da tarde, se avolumaram e êle teve um pretexto para ir ajud atendê-los. Já não podia fingir-
se alegre, nem puxar conversa miúda. Nem com Lila, nem com êle mesmo.

Porque agora começava a perceber.

Acontecera alguma coisa.

Acontecera alguma coisa a Mary.

Alguma coisa...

— Sam!

Depois de despachar um freguês, afastava-se da caixa registradora, quando deu de cara com Lila. Esta saíra do quarto dos fundos e apontava para o seu relógio d pulso.

— Sam, a hora terminou!

— Já sei. Concedamos mais alguns minutos, sim? Primeiro preciso fechar armazém.

— Mas apenas alguns minutos. Por favor! Se soubesse como estou!

— Acredite que sei.

E apertou o braço da moça, forçando um sorriso.

— Não se preocupe: êle chegará de um momento para outro.

Arbogast não chegou.

Sam e Summerfield despacharam o último retardatário às cinco e meia. Sa conferiu a caixa e Summerfield cobriu os balcões para a noite.

Arbogast continuava ausente.

Summerfield apagou as luzes, preparou-se para sair. Sam se aprontava para fechar a porta.

Nada de Arbogast.

— Agora vamos, disse Lila — Se você não fôr, eu v...

— Ouça! gritou Sam. — É o telefone.

E logo em seguida:

— Alô!

— Aqui é Arbogast.

— Onde está? Prometeu que...

— Esqueça isso.

A voz do investigador era baixa, as palavras se precipitavam.

— Estou aqui no motel, e só tenho um minuto. Queria dizer por quê não apareci. Escute: encontrei uma pista. Sua garôta esteve aqui. Na noite do u sábado.

— Mary? Tem certeza?

— Sim. Examinei o Livro de Registro e pude comparar a letra do envelope com a assinatura dela no Livro de Hóspedes. Naturalmente, ela usou um nome Jane Wilson; e deu enderêço errado. Tenho de arranjar uma licença do tribunal pa tirar uma cópia fotostática do livro de registro, para o caso de me exigirer prova.

— Que mais descobriu?

— A descrição do carro combina, e também a descrição da garôta. O

proprietário deu-me informações.

— E como conseguiu que êle desse?

— Mostrei-lhe meu distintivo e desfiei a história do carro roubado, Ficou todo nervoso. Ê um sujeito esquisito. Chama-se Norman Bates. Conhece-o?

— Não; creio que não.

— Disse que a garôta chegou no sábado, mais ou menos às seis da tarde. Pagou adiantado. Chovia e era a única hóspede. Diz que ela se levantou bem cedo seguinte, antes que êle descesse para abrir o estabelecimento. Êle mora com a mã numa casa por detrás do motel.

— Acha que êle não mentiu?

— Ainda não sei.

— Que quer dizer com isso?

— Bem, apertei-
o um pouco, quando aludi ao carro e ao resto. E êle deixou
escapar que convidara a garôta a ir cear com êle naquela casa por detrás do motel

Disse que era só isso e que a mãe podia confirmar.

— Falou com ela?

Não, mas vou falar. Está em casa, no quarto dela. Mo quis fazer-
me desistir,
dizendo que ela é muito doente e não pode ver ninguém, más eu a vi sentada à jar
do quarto. Observava-me quando cheguei. Disse-
lhe que precisava ter uma conversa com a velha — quisesse êle ou não quisesse.

— Mas o sr. não tem autorização...

— Olhe aqui: você sabe o que aconteceu com a garôta, não é? E o sujeit
motel não sabe nada sôbre a autorização exigida para se dar início a uma busca. C

fato é que êle correu para casa e disse à mãe que se aprontasse. Enquanto
lá, liguei para você. Fique firme aí até eu acabar a investigação por aqui. Até logo

O receptor deu um estalido e cortou-se a ligação. Sam pendurou o fone, virou-
se para Lila e relatou-lhe a conversa.

— Agora, sente-se melhor?

— Sim. Mas queria saber.. .

— Espere mais um pouco e havemos de saber. Agora esperemos. Ê o que nos
resta.



Capítulo 9

TARDE, do sábado. Norman fêz a barba. Fazia-
a apenas uma vez por semana, sempre no sábado.

Não gostava de fazer a barba por causa do espelho e suas linhas ondulant

Todos os espelhos têm linhas ondulantes que atrapalham a vista.

Talvez seus olhos é que estavam em mau estado. Sim, era isso, pois quan
menino, bem que gostava de se olhar no espelho. Gostava de ficar em fre
espelho grande, nu em pêlo. Certa vez a mãe o surpreendeu e deu-
lhe uma pancada
na cabeça com a grande escôva de cabelo, de cabo de prata. Deu com fôrça e doe
muito. A mãe lhe dissera que aquilo era muito feio — olhar-
se no espelho daquele jeito.

Ainda se lembrava de como lhe doera e como a cabeça ficou latejando. Daí em
diante sentia dor de cabeça cada vez que se olhava a um espelho. Finalmente a m
o levou a um oculista e o oculista disse que êle precisava de óculos. Os
ajudaram, mas êle continuava a ter dificuldade em ver com clareza quando
em espelho. Deixou de olhar, e só o fazia quando era impossível evitá-
lo. A mãe
tinha razão. Era feio a gente estar a se olhar todo nu, sem nenhum agasalho; espre
a própria banha, os braços curtos e desprovidos de pêlos, a barriga grande
abaixo...

Quando se olhava ao espelho, queria ser outra pessoa. Uma pessoa como
tio Joe Considine — alto, esbelto, bonito...

— Não é o homem mais bonito que você já viu? costumava a mãe pergu
lhe.

Sim, era verdade. Mas continuava a odiar o tio Joe Considine, apesar da s
beleza. Gostaria que a mãe não insistisse em o chamar de "tio Joe", pois êle não e
nenhum parente: era apenas um amigo que costumava fazer visitas à sua mãe. Fê-
la construir o motel depois que ela vendeu o sítio.

Isso era de estranhar. A mãe sempre falava mal dos homens — de "seu-pai-que-

fugiu-e-me-
abandonou" — mas o tio Joe Considine fazia dela o que queria. Que
bom se êle fôsse assim, e também fôsse bonito como o tio Joe Considine!

Oh, não! Impossível! Tio Joe estava morto.

Piscou os olhos diante de sua imagem refletida no espelho. Engraçado: como se
esquecera! Devia fazer quase vinte anos. Naturalmente, o tempo é relativo.
disse Einstein, e Einstein não fôra o primeiro a descobrir. Os antigos também sabi
e o mesmo acontecia com alguns místicos modernos, tais como Aleister C
Ouspensky. Tinha lido todos êles, tinha até alguns livros dêles. A mãe não aprova
dizia que essas coisas eram contrárias à religião, mas êsse não era o verda
motivo. Quando lia êsses livros, deixava de ser o filhinho dela... Ficava a
transformava num homem que estudava os segredos do tempo
o do espaço, da dimensão e do ser.

Era como se fôsse duas pessoas — a criança e o adulto. Quando pensava
mãe voltava a ser criança, usava vocabulário de criança, pontos de referên
criança e suas reações emotivas eram infantis. Mas quando era êle mesmo
em verdade, por si mesmo, mas afundado num livra — era homem madur

Suficientemente maduro para compreender que talvez fôsse vítima de uma
benigna de esquizofrenia, de uma provável neurose latente.

Concedido: a situação não era das mais saudáveis... Ser filhinho de mamãe
tinha seus inconvenientes. Por outro lado, enquanto conhecesse os perigos,
lutar contra êles e contra a mãe. Sorte dela era êle saber
quando ser homem; saber
igualmente alguma coisa de psicologia e também de parapsicologia.

Teve sorte quando morreu o tio Joe Considine; tomou a tê-la na semana passada, quando apareceu aquela garôta.

Não tivesse agido como adulto, e a mãe estaria agora numa trapalhada!

Passou o dedo pelo fio da navalha. Estava afiada, muito afiada. Cuidado p não se cortar! Sim, e teria de escondê-
la quando acabasse de fazer a barba, escondê-

la num lugar onde a mãe não a pudesse descobrir. Não podia deixar ao al mãe uma coisa assim afiada. Razão por que êle mesmo cozinhava e lavava a louç

A mãe ainda gostava de limpeza — o quarto dela era limpo como o que há de ma limpo — mas era êle quem se encarregava da cozinha. Não que a mãe lh ordenado alguma coisa diretamente: êle apenas se encarregou — eis tudo.

Ela nunca reclamou, e êle tinha prazer nisso. Fazia uma semana que a mc viera, e nenhum dos dois aludira ao assunto. Teria sido embaraçante para ambos. mãe devia ter percebido, pois parecia evitá-
lo deliberadamente. Passava a maior
parte do tempo em repouso no quarto e não tinha grande coisa a dizer. Ta consciência a atormentasse.

E assim devia ser. Terrível, um assassínio. Mesmo que não se esteja bom juízo, sabe-se que é. A mãe devia estar sofrendo um bocado...

Talvez uma catarse a ajudasse... Mas Norman estava contente porque ela n dissera nada. Êle também sofria. E não era a consciência que o atormentava — er mêdo.

Esperou, tôda a semana, que alguma coisa saísse fora dos eixos. Acometiam-no freqüentes sobressaltos. Cada vez que parava um carro na entrada do mote mesmo a sua simples passagem pela estrada velha era bastante para o deix nervoso.

No domingo passado, naturalmente, terminara a “limpeza” da margem do pântano. Fôra para lá em seu carro e enchera o reboque de lenha. Quando viu que não deixara nenhum vestígio suspeito. Um dos brincos da garôta t fôra atirado ao pântano. O outro não aparecera. Norman se sentia razoàvel seguro.

Mas, quinta-feira, à noite, quando a Polícia Rodoviária Estadual parou defronte à aléia, êle quase desmaiou. O oficial queria apenas usar o telefone. Logo Norman pôde rir de si mesmo, mas àquela hora, não foi brincadeira.

A mãe estava sentada à janela do quarto e foi bom que o oficial não a v

Ela ficara muito tempo à janela na semana passada. Talvez estivesse preoc com os possíveis visitantes. Norman lhe quis dizer que não ficasse tão à v pessoas, mas êle não sabia explicar a razão disso. Da mesma forma que n discutir com ela a razão pela qual não lhe permitia descer ao motel e ajudar a diri lo. Apenas manejou para que ela não aparecesse. O lugar dela era lá na c podia confiar na mãe diante de estranhos — nunca mais poderia. E quanto menos conhecessem, tanto melhor. Êle não devia ter contado nada àquela garôta...

Acabou de se barbear e tornou a lavar as mãos. Notou que isto lhe era compulsório, principalmente desde o início da semana passada. Sentimento de cu

Como Lady Macbeth. Shakespeare sabia um bocado de psicologia! E sabia outras coisas. Coisas que diziam respeito a fantasmas ... Por exemplo, o fantasma pai de Hamlet...

Agora não tinha tempo de pensar nisso. Precisava descer ao motel e o abrir.

Fizera algum negócio durante a semana. Não muito. Nunca estavam ocupa mais do que três ou quatro aposentos por noite, e isso era bom. Significava que n teria de alugar o quarto Número Seis. Era o da garôta.

Pensava em nunca mais alugá-
lo. Estava farto daquelas coisas de mirone e de
espionagem através da fresta na parede. Foi essa a causa de tôda a desgra tivesse espreitado, não tivesse bebido...

Agora não adiantava lamentar.

Enxugou as mãos e se afastou do espelho. Esquecer o passado; deixar que mortos enterrassem os mortos... As coisas iam indo bem, e era só isso qu lembrar. A mãe se comportava muito em ordem, êle também, e estavam juntos co

sempre estiveram. Passara-
se uma semana tôda sem a menor dificuldade, e de agora

em diante assim continuaria. Principalmente se êle se firmasse na resoluçã
como adulto e não como criança, “filhinho da mamãe”... Bom; sôbre êsse
estava decidido.

Acertou a gravata e saiu do banheiro. A mãe estava no quarto, olhando pa
fora da janela. Êle pensou se devia dizer alguma coisa a ela... Não, melho

Podiam discutir, e êle ainda não estava pronto para enfrentá-
la. Que olhasse, se isso
lhe aprazia. Pobre velha doente, acorrentada àquela casa... Deixá-
la olhar enquanto o mundo murchava...

Naturalmente, era a criança que falava agora. Mas estava disposto a fazer essa
concessão, mesmo quando se comportasse como adulto — adulto ajuizado.
menos enquanto deixasse trancadas as portas do andar térreo, cada vez que
ausentasse.

O que lhe trouxe essa nova sensação de segurança foi trazer as portas trancadas
a chave durante tôda a última semana. Igualmente pegara as chaves que es
com ela — as da casa e as do motel. Quando êle saía, ela ficava trancada
ficava em segurança dentro de casa e êle ficava em segurança dentro do m

Enquanto conservasse tais cautelas não se repetiria o que houve. Afinal de
era para o próprio bem dela. Melhor em casa do que num manicômio...

Desceu a aléia e chegou ao escritório no mesmo instante em que o caminhão da
lavanderia encostava para a entrega semanal. Tinha tudo pronto para o entr

Recebeu a roupa lavada e deu-
lhe a servida. A lavanderia também se encarregava
dos lençóis e das fronhas. Isso simplificava as coisas. Hoje em dia não era proble
dirigir um motel.

Quando o caminhão partiu, êle entrou e fêz limpeza no quarto Quatro,
desocupado por uns vendedores do
Illinois que haviam partido cedo. Havia tocos de
cigarro na beira da pia e uma revista no chão, perto do assento sanitário. Riu-
se ao apanhá-la. Ciência-ficção! Oh, se êles soubessem!

Não sabiam. Nunca saberiam. Nunca deviam saber. Enquanto se acautelasse

contra a mãe, não correria nenhum risco. Tinha de protegê-
la, tinha de proteger ainda
outras pessoas. O episódio da semana passada o comprovava. De agora em
seria superlativamente cauteloso. Por causa dos estranhos.

Voltou para o escritório, guardou a roupa lavada. Havia suficiente para todos os
quartos. Estava pronto para o movimento do dia — se é que haveria algum.

Nada ainda aconteceu. Até cêrca das quatro horas. Norman ficou olhando
estrada lá fora, caceteado, irritadiço. Sentia-
se inclinado a tomar um trago, mas se
lembrou do que prometera a si próprio. Nada de bebida. Isso fazia parte d
desgraça, quando a desgraça acontecia. Não podia beber.

Nem uma gota. A bebida matara tio Joe Considine. A bebida levara,

indiretamente, ao assassínio da garôta. Por isso, do agora em diante, não b

Entretanto, só agora, podia tomar um trago... Um só...

Hesitava ainda quando aquele carro entrou na aléia. Placa de *Alabama.*
Um
casal de meia idade desceu e entrou no escritório. O homem era calvo e tinha ócu
grossos, de aros escuros. A mulher era gorda. Transpirava. Norman lhes m
Número Um, no outro canto: dez dólares, quarto de casal. A mulher se qu
que estava abafado — numa voz estridente e arrastada — mas pareceu sat
quando Norman ligou o ventilador. O homem trouxe as malas e assinou o
Hóspedes. *Mr. e Mrs. Herman Pritzler, Birmingham, Ala.*
Simples turistas. Não trariam qualquer dificuldade.

Norman sentou-se e folheava a revista de ficção científica encontrada no
banheiro. Havia pouca luz: devia ser cinco horas. Acendeu a lâmpada.

Outro carro rodou aléia acima, um homem sòzinho, guiando. Talvez mais
caixeiro-viajante. Buíck verde, placa do *Texas.*

Placa do Texas! A garôta viera do *Texas!*

Norman continuou atrás do balcão. O homem saiu do carro. Êle ouviu o ranger
dos passos no cascalho, acompanhou o ritmo com o palpitar abafado do seu próp

coração.

Simples coincidência, dizia a si mesmo. Todos os dias vem gente do Texas. E o Alabama ainda fica mais longe.

O homem entrou. Era alto e magro, e usava um dêsses chapéus Stetson côr de cinza, cujas abas largas lhe ensombravam a parte superior do rosto, tisnado cerrado irromper de barba.

— Boa tarde, cumprimentou, sem arrastar demasiado as palavras,

— Boa tarde, respondeu Norman, trocando lerdamente os pés em baixo do balcão.

— É o dono disto aqui?

— Sim senhor. Quer um quarto?

— Não é bem isso. Estou à procura de informações.

— Prazer em ajudá-lo, se puder. Que deseja saber?

— Estou tentando localizar uma garôta.

As mãos de Norman se crisparam. Não as podia sentir porque estavam dormentes. Êle todo estava dormente. Seu coração já não palpitava — pare parado de bater. Tudo estava muito quieto. Que horror se êle gritasse.

O sobrenome é Crane, continuou o homem. — Mary Crane, natural de *Fort Worth, Texas.* É possível que tenha passado por aqui.

Norman já não queria gritar. Queria rir. Sentiu o coração retomar ação *normal* Era fácil responder.

— Não, disse êle. — Aqui não esteve ninguém com êsse nome.

— Tem certeza?

— Absoluta. O movimento tem sido fraco, ultimamente, e eu tenho boa memória para freguêses.

— Esta garôta teria estado aqui na semana passada. Na noite do último sábado, ou no domingo, digamos.

— Aqui não veio ninguém no fim da semana. O tempo estava péssimo.

— Tem certeza? A garôta — diria melhor, a mulher — tem mais ou menos vinte e sete anos. Um metro e sessenta e cinco, pesa 65 quilos, aproximadamente, cabe escuro, olhos azuis. Guiava um sedan Plymouth, azul Tudor, com pára-choques afundado no lado direito. O número da licença é...

Norman já não escutava. Por quê dissera que não havia estado ninguém lá descrição que o homem fazia era correta, o homem conhecia-a perfeitamente. Mas
ainda assim não podia provar que ela estivera ali, uma vez que Norman n

êle tinha de continuar negando...

— Não; acho que não lhe posso dar ajuda.

— Essa descrição não calha em alguém que esteve aqui na semana passada? É

bem provável que tivesse assinado outro nome no Registro de Hóspedes. S deixasse examiná-lo um minutinho...

Norman pôs a mão em cima do Registro e sacudiu a cabeça:

— Desculpe, mister; não posso consentir.

— Quem sabe se isto não o fará mudar de idéia...

E o homem enfiou a mão no bôlso de dentro do paletó, e Norman teve a súbita impressão de que êle ia oferecer-lhe dinheiro. A carteira surgiu, mas o homem não sacou de dentro

nenhuma nota. Abriu-a de chôfre, para que Norman pudesse ler:

— Milton Arbogast. Investigador da Paridade Mútua.

— Ê detetive?

— Sim, e estou em serviço, mr. ...

— Norman Bates.

— Mr. Bates. A Companhia deseja que eu localize essa garôta e muito apreciarei a sua cooperação. Naturalmente, se recusa deixar examinar o Registro Hóspedes, terei de recorrer às autoridades locais. Creio que o sr. sabe disso.

Norman não sabia, mas tinha certeza de uma coisa: nenhuma autoridade lo devia aparecer por ali. Hesitou, a mão ainda espalmada em cima do Registro:

— Que história é essa? perguntou — que fêz essa garôta?

— Carro furtado.

— Oh! exclamou Norman, com certo alívio. Receara que fôsse alguma coi mais séria, por exemplo, que a garôta tivesse desaparecido, ou que a procu por algo mais grave... Nesse caso seria preciso uma investigação de verdad

por um carro roubado, principalmente por uma lata velha como aquela...

— Está bem: às suas ordens. — Eu só queria saber se tinha uma razão válida...

Tirou a mão de cima do Registro.

Arbogast não se apossou imediatamente do Registro. Tirou primeiro um envelope do bôlso e o colocou em cima do balcão. Depois pegou o Registro, volt o para si e foi seguindo com o polegar a lista das assinaturas.

Norman observava o movimento daquele polegar, viu-o parar subitamente, resolutamente...

— Parece-
me que disse não ter recebido nenhum hóspede no sábado passado ou no domingo...

— Sim, não me lembro de nenhum. Isto é, podia ter vindo um, talvez dois, mas o movimento foi pequeno.

— E esta, aqui? Esta Jane Wilson, de *San Antonio?* Assinou o livro no sábado de noite!

— Oh,... agora me lembro, tem razão. — As pancadas recomeçaram dentro do peito de Norman. Agora sabia ter errado quando fingiu não reconhecer a que o investigador fizera da garôta, mas era tarde. Como explicar isso, pa despertar suspeitas no detetive? Que iria êste dizer?

Naquele momento não dizia nada. Apanhara o envelope e colocara-o junto da página do Registro, comparando as letras — notara Norman — por isso é que tira o envelope do bôlso: a letra era *dela!* Agora êle ia saber. Já sabia!

Norman percebeu que assim era no momento em que o detetive levantou a cabeça e se pôs a olhá-lo. Agora via, bem de perto, a sombra lançada pela aba do chapéu. Via os olhos frios — olhos de quem *sabia.*

— A moça é essa, não há dúvida. A letra é dela.

— Será mesmo? Tem certeza?

— Tanta certeza, que vou mandar tirar uma cópia fotostática, mesmo que para isso seja necessária uma ordem do Tribunal... Mas posso fazer muito mais, você não queira contar a verdade. Por quê mentiu, dizendo que não tinha visto es garôta?

— Não menti. Foi esquecimento. ..

— Entretanto *disse que* tinha boa memória...

— Sim; de um modo geral. Só é que...

— Prove que a tem! Arbogast o encarou, acendendo um cigarro. — Se já sabe, fique sabendo: roubo de carro é delito federal. Não gostaria de ser envolvid como cúmplice; gostaria?

— Envolvido? Como poderia ser envolvido? Uma garôta chega, pede um quarto, passa a noite aqui, vai-se embora na manhã seguinte... Como poderia eu ficar envolvido?

— Pela recusa em fornecer informações.

E Arbogast exalou a primeira baforada. — Vamos lá: vá dizendo. Viu a garôta.

Como era ela?

— Creio que era exatamente como o sr. a descreveu. Chovia a cântaros quando ela chegou. Eu estava ocupado. Para falar a verdade, não a olhei segunda

Deixei-a assinar o Registro, dei-lhe uma chave, e foi só.

— Que disse ela? Sôbre o que conversaram?

— Suponho que sôbre o tempo. Não me lembro.

— Ela parecia de algum modo inquieta? Não notou qualquer coisa que lhe despertasse suspeitas?

— Nada. Absolutamente nada. Era para mim como outra qualquer turista.

— Está bem, disse Arbogast, esmagando a ponta do cigarro no cinzeiro. –

Quer dizer que não lhe fêz nenhuma

impressão ? Por um lado, não lhe despertou a menor suspeita. Por outro, lhe despertou nenhuma simpatia... isto é, você não sentiu a menor emoção presença dela...

— Claro que não.

Arbogast se inclinou casualmente para frente.

— Então, por quê pretendeu servir-
lhe de capa, fingindo nem saber que ela estivera aqui?

— Não pretendi! Apenas me esqueci de dizer. Palavra de honra!

Norman percebeu que estava numa armadilha, mas êle não iria mais longe.

— Que pretende o sr. insinuar? Julga que a ajudei a roubar o carro?

— Ninguém o acusa de coisa alguma, mr. Bates. Quero apenas obter tôdas informações. Disse que ela aqui veio sozinha?

— Sozinha. Alugou um quarto e partiu na manhã seguinte. Deve agora est alguns milhares de quilômetros daqui...

— Ê provável. E Arbogast sorriu. — Mas vamos um pouco mais devagar; concorda? Talvez você ainda se lembre de mais alguma coisa. Ela partiu desacompanhada; não foi? A que horas, disse?

— Não sei. Estava dormindo lá em cima na casa; era domingo de manhã.

— Então realmente não sabe se ela estava desacompanhada quando partiu, não é?

— Não posso provar — se é *isso o* que o sr. quer dizer.

— E durante a noite? Ela não teria recebido visitas?

— Não.

— Está certo?

— Absolutamente certo.

— Alguém mais a teria visto, naquela *noite?*

— Ela foi o único hóspede.

— E você estava sòzinho no escritório?

— Sim.

— E ela ficou no quarto?

— Sim.

— A noite tôda? Nem saiu para fazer algum chamado telefônico?

— Claro que não.

— Quer dizer que você era o único a saber que ela estava aqui?

— Já lhe disse isso.

— E a velha? a garôta chegou a vê-la?

— Que velha?

— A velha da casa lá em cima, atrás do motel.

O coração de Norman recomeçou a dar murros; era como se quisesse saltar do peito. Ia dizer, “aqui não há velha nenhuma”, porém Arbogast continuava a falar.

— Ela estava à janela quando cheguei. Quem é?

— Minha mãe. (precisou confessar; não havia outra saída). E explicou: — Ela está muito fraca. Já não pode vir até aqui.

— Não viu a garôta?

— Não. Está doente. Ficou no quarto enquanto ceáv...

E a coisa lhe escapou, sem mais aquela. Arbogast fizera as perguntas muit depressa; fizera-
o de propósito, para o deixar atarantado; e quando aludiu a sua mãe,
aí, sim, o apanhou desprevenido. Êle só pensava em protegê-la; e eis que agora...

Arbogast deixou de inquirir ao acaso:

— Ceou lá em cima com Mary Crane?

— Só café e sanduíches. Pensei que lhe dissera. Não houve nada. O sr.

imagine: ela perguntou onde poderia comer qualquer coisa, e eu respondi

“Fairvale”,
que fica a uma distância de quase trinta quilômetros... Chovia... Eu então a levei para minha casa. Foi só isso.

— Sôbre o que conversaram?

— Sôbre coisa nenhuma. Já lhe disse que mamãe está doente e nós não a queríamos incomodar. Passou doente a semana inteira. Acho que é isso que está n transtornando, fazendo-
me esquecer as coisas... Como por exemplo a moça e a ceia

em companhia dela. Simples esquecimento.

— Não haverá mais alguma coisa que esqueceu? Por exemplo, você e a garôta voltando para cá, dando início a alguma brincadeira...

— Não! Absolutamente! Como pode o sr. dizer uma coisa dessas? Eu... eu nem quero mais falar com o senhor! Já lhe disse tudo quanto o sr. queria

Agora saia! Fora daqui!

— Muito bem —e Arbogast puxou para baixo a aba do Stetson. — Já vou indo.

Mas primeiro gostaria de dizer uma palavrinha à sua mãe. Talvez ela tives alguma coisa que você esqueceu.

— Digo-
lhe que nem ao menos ela viu a garôta! E Norman caminhou para a frente do balcão. — Além disso, não é possível falar com ela. Está muito doente.

coração dava- lhe socos dentro do peito e êle teve de gritar mais forte do socos para ser ouvido: — Proíbo-lhe vê-la!

— Nesse caso, voltarei com uma autorização para realizar diligência. O homem era um fanfarrão. Agora Norman percebia-o.

— Mas isso é ridículo! Ninguém lha daria! Quem ia acreditar que roubei carro velho?

Arbogast acendeu outro cigarro, atirou o fósforo no cinzeiro. ..

— Receio que não esteja entendendo, murmurou, quase com doçura. — Não se trata absolutamente do carro, apenas. É que essa garôta — Mary Crane — quarenta mil dólares em dinheiro de uma firma de corretagem de *Fort Worth*...

— Quarenta mil...

— Isso mesmo. E sumiu com o dinheiro. Como vê, é negócio muito sério

Razão por quê é importante tôda e qualquer informação que eu possa obte por quê volto a insistir em falar com sua mãe. Com ou sem permissão sua.

— Mas já lhe disse que ela não sabe de nada, que está doente, que está muitíssimo doente...

— Prometo não aludir a qualquer coisa que a possa perturbar — e Arbogast fêz uma pausa. — Mas se prefere que eu venha aqui com o xerife e uma licença para

— Não. E Norman sacudiu muito a cabeça, no aceno negativo. — Não de fazer isso.

Hesitava, mas agora já não havia razão para hesitar. Quarenta mil dólare

Não admirava que o detetive fizesse tantas perguntas. Claro, êle podia arr uma licença, não adiantava fazer cena..-. Não só isso, mas havia também casal de Alabama para atrapalhar. Não tinha outra saída, absolutamente nenhun outra saída.

— Está bem. Pode ir falar com ela. Mas permita que eu vá na frente, preveni-la. Não quero que chegue de supetão o a deixe nervosa.

Andou até à porta. — Espere aqui, para o caso de chegar alguém

— O.K. Arbogast confirmou com um aceno de cabeça, enquanto Norman precipitava para a aléia.

A subida do morro não era lá essas coisas, mas Norman pensou que nunc terminaria. Seu coração estrondava como naquela noite, e agora era como noite — nada mudara. Não importa o que se faça, a verdade é que não se pode fu de qualquer coisa que se faça. Não se pode fugir — nem se comportando como b menino, nem se comportando como adulto. Não adiantava — porque êle e

era, e *isso* não bastava. Não bastava para salvá-lo, não bastava para salvar a mãe.

Se pudesse receber alguma ajuda, só poderia ser dela.

Abriu a porta da frente, subiu a escada e entrou no quarto. Pretendia expl lhe calmamente, mas quando a viu sentada junto da janela, não pôde se c

Tremeu e soluços lhe irromperam o peito — que terríveis soluços! — e ê cabeça no colo da mãe e principiou a falar.

— Está bem, disse a velha, sem surprêsa. — Vamos cuidar dliso.

— Mãe... se a sra. falasse com êle... um minuto que fôsse... Se lhe disses que não sabe nada... talvez êle fosse embora.

— Mas voltaria. Quarenta mil dólares é muito dinheiro. Por quê você não contou isso?

— Não sabia. Juro que não sabia!

— Acredito. Mas êle não acredita. Não acredita em você não acreditará em mim. Talvez pense que estamos todos conluiados. Ou que demos sumiço na garôt para ficar com o dinheiro. Está vendo como é?

— Mãe... E Norman cerrou os olhos, sem poder fitá-la.

— Que pensa fazer?

— Vou me vestir. Devo estar pronta para esperar a visita dêle. Vou apenas apanhar alguns objetos no banheiro. Volte e diga a mr. Arbogast que suba.

— Não. Não posso. Não o trarei aqui. Não o trarei, pois a sra. vai...

E não pôde dizer nada mais nem fazer o menor movimento, Queria desmaiar, *mas nem isso o* salvaria do que estava para suceder.

Dentro em pouco mr. Arbogast se cansaria de esperar. Encaminhar-se-ia para a casa, bateria à porta, abri-la-ia e entraria. E quando entrasse...

— Mãe, escute aqui!

Ela já não lhe dava ouvidos: estava no banheiro, vestia- se, maquiava-se, aprontava-se. *Estava, se aprontando.*

E de repente deslisou para fora, vestindo o seu lindo vestido cheio de folhos. O

rosto coberto de pó-de-arroz,
rouge nas faces, — bonita como uma pintura. Ao
começar descer a escada, sorria.

A meio caminho, *ouviu* baterem à porta.

A coisa começava a acontecer. Mr. Arbogast chegara. Norman quis gritar p
êle, advertí-lo... mas havia qualquer coisa fechando-
lhe a garganta. Só pôde ouvir a mãe gritando jovialmente:

— Já vou! Já vou! Um minuto só!

Com efeito, foi apenas um minuto.

A mãe abriu a porta e mr. Arbogast entrou. Olhou para ela, depois abriu a bôca
para dizer alguma *coisa. E ao* fazê-
lo, ergueu a cabeça, e era só o que ela esperava:
estendeu o braço e um objeto brilhante lampejou para frente e para trás, para fren

para trás...

Feria-
lhe os olhos, e Norman não quis olhar. Não precisava olhar: já sabia o
que era aquilo.

A mãe descobrira a sua navalha...



Capítulo 10

NORMAN sorriu para o sr. idoso e disse:

— Aqui está a sua chave. São dez dólares pelos dois.

A mulher do sr. idoso abriu a bôlsa:

— Tenho o dinheiro aqui, Homer.

E pôs uma nota no balcão, fazendo a Norman um sinal com a cabeça. Ma repentinamente deixou de acenar, seus olhos se estreitaram e ela perguntou:

— Que tem? Não está bom?

— Não... é isso... Creio que estou um pouco fatigado. Logo estarei melhor

Agora vou fechar.

— Tão cedo? Pensei que os moteis estivessem sempre abertos. Principalmente nos sábados à noite.

— Aqui o movimento não é muito grande. Além disso, são quase dez horas.

Quase dez horas. Já fazia quase quatro horas. Meu Deus!

— Compreendo. Então, boa noite.

— Boa noite.

O casal se fôra, e êle podia enfim sair de trás do balcão, apagar a luz do letreiro na fachada e fechar o escritório. Mas primeiro ia tomar um trago, um grande trago

precisava beber. Não tinha importância êle beber ou não beber. Que importava iss agora? Tudo findara. Tudo findara... ou quem sabe se estava apenas começando?

Já tomara vários tragos. Tomara uma dose logo que voltou ao motel, cêrca seis horas, e então foi tomando uma dose por hora. Se não tomasse, como capaz de aguen- tnr? Como seria capaz de estar ali, sabendo o que havia na casa l em cima, em baixo do tapete do vestíbulo. Foi ali que o deixara, sem qualquer ou mudança. Apenas revirara as pontas do tapete para cobrir. O sangue fôra abundan mas ainda assim não encharcara a cobertura. Além disso, que mais poderia feito naquela hora? Quê mais, com dia claro? Agora, naturalmente, precisava volt

Dera à mãe ordens rigorosas para que não tocasse em coisa alguma, e sabia que e

obedeceria. Coisa estranha: depois do que fizera, tornara a ficar prostrada. ter coragem para qualquer coisa (era a fase maníaca, segundo os psiquiatra uma vez acabada, afrouxava e era êle que tinha de tomar providências. Di lhe

que voltasse para o quarto e não se deixasse ver à janela. Que ficasse dei
que êle voltasse. E trancar a porta à chave.

Agora, porém, precisava ir abri-la.

Norman fechou o escritório e saiu. O Buick estava ali — o Buick de mr.

Arbogast, estacionado onde o dono o deixara.

Não seria maravilhoso se êle pudesse entrar no carro e ir-se embora dali? Para
bem longe... Nunca mais voltar... Para longe do motel, da mãe, daquela cc
jazia debaixo do tapete no vestíbulo...

A tentação o dominou, irresistível. Mas um momento, apenas. Depois se
acalmou. Sacudiu os ombros. Não adiantava fugir; sabia-
o... Não podia ir longe
bastante a ponto de se sentir em segurança. Não só isso, mas
aquela coisa estava à espera, à espera dêle...

Olhou acima e abaixo, na estrada. Depois olhou no Número Um e no Nú
Dois, para verificar se as venezianas estavam descidas. Entrou no carro de Arbog
e tirou do bôlso as chaves que encontrara no bôlso dêle. Guiou subida aci
direção à casa, rodando bem devagar.

As luzes estavam apagadas. Tôdas. A mãe dormia. Talvez só fingisse dorm

Que lhe importava isso? Que continuasse ausente enquanto êle providenciava. Na
queria ali, a lhe dizer, ou a fazê-
lo sentir, que êle ainda não passava de um menino.

Tinha pela frente uma tarefa de homem. De adulto.

Com efeito, era preciso um homem adulto para enrolar o cobertor e levant
lo com o que estava dentro. Desceu a ficada com
aquilo e colocou no assento traseiro do carro. Não errara ao pensar que
aquilo não pingava. Êsses tapetes Velhos eram
tão absorventes! Atravessou o campo, chegou ao pântano, costeou a margem até s
numa clareira. Não era aconselhável afundar esse carro no
mesmo lugar onde
afundara o outro. Êste ponto estava ótimo e Norman pôs em prática o mé

anterior, De certo modo, era até muito fácil. A *prática leva à perfeição.*

Mas aquilo não era assunto para brincadeira; pelo menos enquanto, sentado no *toco* de uma árvore, esperava o carro afundar. Desta vez foi pior. Dir-se-ia que o
Buick, por ser mais pesado, afundaria mais depressa. Mas levou um milhão do an

Até que enfim, *plop!*

Acabou-
se para sempre. Exatamente como a garôta e os quarenta mil dólares.

Onde estariam êstes? Não na bôlsa, nem na valise. Talvez na sacola de noite, ou c algum lugar do carro. Devia ter olhado — isso é o que devia ter feito. Mas êle nã se achava em condições de dar uma busca, nem mesmo se soubesse que o dinheir estava lá. Se o tivesse encontrado, era impossível imaginar o que teria aco

Teria provàvelmente confessado, quando o detetive o interrogou. Sempre se confessa, quando se tem a consciência suja. Mas tinha de ser grato ao me uma coisa: não era responsável por nada daquilo. Sim — estava ciente do dignificava ser cúmplice; por outro lado, era-
lhe preciso proteger a mãe, isto igualmente significava proteger-
se a si próprio, mas em verdade era na mãe que êle pensava.

Norman voltou a pé, andando lentamente pelo campo. No dia seguinte precisaria tomar a vir com o carro e o reboque, isto é, refazer o mesmo caminho. porém não tinha a Importância de um outro assunto.

Tratava-se de vigiar a mãe.

Já pensara em tudo e agora tinha de enfrentar os fatos.

Alguém devia aparecer ali, fazer indagações a respeito do detetive.

Era simplesmente razoável que assim fôsse. A Companhia — qualquer coi Mútua — da qual era empregado, não deixaria de investigar. Provàvelment mantinha contacto com êle, ou recebia informações sôbre êle durante a ser não havia dúvida: os donos do dinheiro deviam estar interessados. Todo o mundo interessa por quarenta mil dólares.

Assim pois, mais cedo ou mais tarde, haveria perguntas a responder. Passar-se-iam alguns dias, talvez uma semana, tal como acontecera à moça. Êle porém prev que estava para acontecer. E desta vez não seria apanhado desprevenido.

Já pensara em tudo. Fôsse quem fôsse que se apresentasse, a história a contar seria perfeitamente lógica. Ia aprendê-la de cor, ensaiá-la, para não haver falhas, como hoje à *noite.*

Ninguém o deixaria nervoso ou atarantado — desde que soubesse com antecedência o que devia esperar. Já começara a planejar exatamen o que diria quando chegasse a ocasião.

A moça se hospedara no motel, sim. Confessá-lo-ia imediatamente, mas, como era natural, não suspeitara de nada enquanto ela estava ali. De nada suspei que mr. Arbogast chegou, uma semana depois. A moça passara a noite ali, partira. Não tinha havido conversa alguma, nem cearam juntos na casa da ladeira.

O que haveria de dizer, era que contara tudo a mr. Arbogast, e que o úni trecho que pareceu lhe interessar foi quando relatou ter a moça perguntado distância ficava *Chicago* e se poderia percorrê-la em um dia só.

Foi *isso* o que despertou o interêsse de mr. Arbogast. Êste lhe agradecera muito, entrara no carro e partira. Ponto final! não — não tinha a menor idéia sôbr direção que tomara. Mr. Arbogast não lhe dissera. Partiu — eis tudo. Que eram? Um pouco depois da ceia. Sábado.

Pronto: nada mais que uma simples exposição de fatos. Sem pormenores específicos, sem nenhuma complexidade capaz de provocar suspeitas. Uma passara por ali, em fuga, e em seguida desaparecera. Uma semana depois,

detetive seguiu-lhe a pista, pediu e recebeu informações e partiu. Sinto muito, cavalheiro, mas é tudo quanto sei.

Poderia contar a história dêsse jeito — contá-la com tôda calma e fluência desta vez, pois já não teria de se preocupar com a mãe.

Ela já não espicharia o olhar pela janela. Em verdade, não estaria em casa

Mesmo que ali viessem munidos de uma das tais licenças de investigação, haveriam de encontrá-la.

Esta, sim, era a melhor proteção. Proteção para ela, proteção para êle. Tomara uma decisão e ia tomar providências para que se cumprisse. Não tinha sen esperar até à manhã seguinte.

Caso raro: agora que tudo terminou, sentia-se confiante. Não acontecia como da outra vez, quando ficara reduzido a cacos e precisava tanto da presença da casa. Agora, ao contrário, queria que ela não estivesse lá. E tinha coragem suficie para, de uma vez por tôdas, dizer-lhe exatamente isso.

Subiu a escada no escuro e foi diretamente para o quarto dela, e acendeu a luz.

A mãe estava deitada, naturalmente. Apenas não dormia; não dormia, absolutame fazia-se de doente.

— Norman, pelo amor de Deus, onde estêve? Fiquei tão apreensiva...

— A sra. bem sabe onde estive, mãe. Não finja.

— Vai tudo bem?

— Claro! E respirou profundamente. — Mãe, vou lhe pedir que não durm neste quarto durante mais ou menos uma semana...

— E daí?

— Repito: peço à sra. que não durma neste quarto durante uma semana mais ou menos.

— Perdeu o juízo? Meu quarto é êste!

— Eu sei. Não estou pedindo que o deixe para sempre. Apenas temporariamente.

— Mas por que cargas dágua...

— Por favor, mãe: escute e faça por compreender. Hoje tivemos uma visita.

— É preciso aludir a isso?

— É preciso, por enquanto. Pois mais cedo ou mais tarde alguém virá ind do paradeiro dêle. Direi que chegou e partiu.

— Naturalmente, filho: é isso o que você dirá. E o caso estará encerrado.

— Talvez. Espero que sim. Mas não quero me arriscar. Quem sabe se resolverão dar uma busca na casa?

— Deixe que dêem. *Êle* não estará mais aqui.

— A sra. também não estará. E Norman enguliu em sêco: depois se precipitou:

— Sou franco, mãe. Ê para sua própria proteção. Não posso consentir que

seja vista por mais alguém, tal como hoje a viu aquêle detetive. Não quer ninguém a interrogue — e a sra. sabe por quê, tão bem como eu. É simp impossível. Por isso é melhor para nós dois que ninguém a veja por aqui.

— Que pretende fazer? Enterrar-me no pântano?

— Mãe...

Ela começou a rir. Dir-se-
ia, melhor, "cacarejar", e êle sabia que, uma vez
desencadeado, o insano riso materno não podia mais ser contido. A única maneira a fazer calar era gritar mais alto do que ela. Ainda na semana passada, Norman nã ousaria fazê-
lo. Mas isto já não era a semana passada, era agora, e as coisas eram diferentes. Era
agora e êle tinha de encarar a realidade. A mãe era mais que doente:
era psicopata, perigosamente psicopata. Era preciso a controlar, e êle o faria.

— Cale a bôca! bradou; e o cacarejo interrompeu-
se Lamento — disse com
doçura — mas é preciso que me ouça. Já tracei todo o plano. Vou levar a sra. para depósito de frutas, no porão...

— Para o depósito de frutas, no porão? Mas eu não posso...

— Pode, sim. Poderá. Tem que poder. Cuidarei da senhora. Existe lá uma luz;

vou arranjar uma cama e...

— Não quero!

— Não estou pedindo, mãe. Estou mandando. A sra. vai ficar no depósito frutas do porão, até que eu ache conveniente a sra. voltar para seu quarto. pendurar aquêle velho cobertor de índio na parede, para esconder a porta. Ningué verá coisa alguma, mesmo que se dê ao trabalho de descer ao porão. É a maneira de nós termos certeza de que haverá segurança para nós dois.

— Norman, recuso-me a discutir êsse assunto com você. Não saio absolutamente dêste quarto.

— Nesse caso, terei de a carregar.

— Norman, você não se atreve...

Êle se atreveu. Retirou-a da cama e carregou-a nos braços. Ela era leve como uma pluma, comparada a mr. Arbogast. Cheirava a perfume, não a sarro d como êle. Estava demasiado atônita para reagir; apenas choramingava. Norman fi espantado de ver como foi fácil, uma vez que decidira o que tinha de fazer. Ela er uma pobre velha enferma, uma coisa débil e frágil! Não devia receá-la, claro que não! Agora era ela quem o receava; pois nem uma só vez, durante a mud chamara de “filho”.

— Arranjarei uma cama para a senhora — disse êle. — E lá tem um vaso...

— Norman, é preciso falar assim?

Ainda se exaltou um momento, como outrora, mas logo se acalmou. Norman se afanava, trazendo cobertores, arranjando as cortinas da pequena janela para houvesse suficiente ventilação. Ela recomeçou a choramingar; não tanto a

choramingar como a resmungar baixinho.

— Parece uma cela de prisão, isso é que é; você quer fazer de mim uma prisioneira. Já não gosta de mim, Norman; já não me ama. Do contrário não me fa o que está fazendo.

— Se não a amasse, onde estaria hoje a senhora? Não quis dizer, mas teve que o dizer: — No Manicômio Estadual para Criminosos Psicopatas. É ali que estaria

E apagou a luz de chôfre, imaginando se ela o teria ouvido, imaginando s suas palavras a teriam penetrado, coso ela as tivesse ouvido.

Pelos modos, ela compreendera. Pois assim que êle fechou a porta, ela respondeu. A voz era enganadoramente suave, na escuridão, mas profundan cortante; tão profundamente cortante como a navalha que aparara a gargant

Arbogast.

— Sim, Norman: acho que você tem razão. Decerto é para lá que eu iria. Mas eu não iria sozinha.

Norman bateu a porta, fechou-
a à chave e se afastou. Não estava muito certo,
mas ao subir a escada do porão pensou ainda ouvi-la a cacarejar no escuro.



Capítulo 11

SAM e LILA, sentados no quarto dos fundos do armazém, esperavam Arb ouviram apenas os rumores do sábado à noite.

— É fácil distinguir quando é noite de sábado, numa cidade como esta, observou Sam. — O ruído é diferente. O tráfego, por exemplo. O tráfego aumenta fica mais rápido. Isto é porque, sábado à noite ,os adolescentes é que estã volante.

"—

E todo êsse ranger estrídulo... são os carros estacionando. São as famílias rurais chegando para o cinema em suas latas velhas... trabalhadores para os botequins...

"—E reparou nos passos? Também são diferentes. Ouve aquele tropel de corrida? As crianças estão sôltas. No sábado ficam acordados até mais tard há deveres escolares para fazer em casa... Encolheu os ombros.

"—Naturalmente, *Forth Worth* é mais barulhento do que isto aqui, seja qual fôr a noite da semana...

— Creio que sim — concordou Lila. — Sam, por que será que êle não v

São quase nove horas!

— Você deve estar com fome.

— Não é isso. Mas por que será que êle não vem?

— Quem sabe está ocupado; quem sabe descobriu alguma coisa importante...

— Podia ao menos telefonar. Bem sabe como estamos apreensivos.

— Tenha mais um pouco de paciência...

— Já estou exausta de esperar!

E empurrando a cadeira para trás, Lila começou a andar de um lado a outro, no quartinho.

— Em primeiro lugar, eu não devia ter esperado tanto. Devia ter procurad imediatamente a Polícia. Mas espere! Espere! Espere! Era só isso que me diziam!

foi assim a semana inteira! Primeiro mr. Lowery, depois mr. Arbogast, e agora vo

Porque todos os três só pensam no dinheiro, não em minha irmã. Ninguém se imp com o que aconteceu a Mary — ninguém, senão eu!

— Não é verdade, Lila. Você sabe muito bem o que sinto por Mary.

— Então, como é que suporta? Por que não faz alguma coisa? Que espécie de

homem é você — aí sentado, a deitar filosofia de meia-
tijela numa ocasião destas!

Agarrou a bôlsa e se precipitou para a frente, roçando por êle.

— Onde vai? perguntou Sam.

— Vou ver êsse tal xerife, agora mesmo.

— Tanto faz pedir que êle venha aqui. No final das contas, temos de continuar esperando Arbogast.

— Se êle aparecer... Talvez saísse para sempre da cidade, caso tivesse descoberto alguma coisa. Não era preciso voltar aqui — e a voz de Lila balouçava num fino fio do histeria.

Sam segurou-lhe o braço.

— Sente-se, disse, vou telefonar ao xerife.

Ela não tentou segui-
lo quando o viu se encaminhar para o armazém. Sam se aproximou do último balcão, postou-
se junto à caixa registradora e retirou o fone do gancho.

— Um-seis-dois, por favor. Alô, é o escritório do xerife? Fala Sam Loomis, do armazém de ferragens. Quero falar com o xerife Chambers... Êle, o quê? N sei de nada. Você disse *Fulton?*
Quando pensa que estará de Volta? Está bem. Não,
nada de anormal. Só queria falar com êle. Olhe aqui: se êle chegar antes noite, quer dizer a êle que ligue para o armazém? Ficarei aqui a noite tôd

Obrigado. Ficaria muito grato.

Pendurou o fone e voltou para o quarto dos fundos.

— Que disse êle?

— Não estava.

E relatou a Lila a conversa, observando o rosto dela enquanto falava.

— Parece que houve um roubo no banco de *Fulton* hoje à noite. Chambers e tôda a Polícia Rodoviária Estadual sairam para construir barricadas na estrada. Ês é o motivo de tôda a agitação. Falei com o velho Peterson; é o único que escritório do xerife. Há dois polícias de vigia na cidade, mas para nós não adianta nada.

— E agora, que pretende fazer?

— Esperar! Á única probabilidade é podermos falar com o xerife amanhã cedo...

— E não se importa com o que poderia ter acontecido a...

— Claro que me importo! atalhou Sam, resolutamente.

— Ficaria mais tranqüila se eu ligasse para o motel e indagasse o que est

retendo Arbogast?

Ela afirmou com um aceno de cabeça.

Sam voltou para o armazém. Desta vez ela o acompanhou e ficou à esper enquanto êle pedia informações à telefonista. Afinal descobriu o nome — Bates — e o número. Depois ficou aguardando que ela fizesse a ligação.

— Engraçado, disse, pendurando o fone no gancho — ninguém responde.

— Nesse caso vou para lá.

— Não, não vai. E Sam pousou a mão no ombro dela. — Fique aqui, à espera de mr. Arbogast. Eu vou sair.

— Sam, que será que aconteceu?

— Direi quando voltar. Agora se acalme. Não levará mais de três quartos hora.

E com efeito, não levou, pois Sam guiava depressa. Após quarenta e dois

minutos exatos êle abriu a porta de frente e entrou no armazém. Lila o esperava.

— E então? perguntou ela.

— Curioso! O motel estava fechado. Nenhuma luz no escritório. A casa a
do motel, às escuras. Subi até lá e bati cinco minutos sem parar. Ninguém aparece

A garage junto à casa estava aberta e vazia. Parece que êsse Bates foi passar a noi
fora.

— E mr. Arbogast?

— O carro dele também não estava. Mas havia dois carros estacionados ju
ao motel. Olhei as placas. *Alabama e Illinois.*

— Mas onde poderia...

— Imagino o seguinte — disse Sam — mr. Arbogast devia ter descoberto
alguma coisa. Talvez importante. Pode ser que êle e Bates tivessem saído

Deve ser por isso que não recebemos notícia.

— Sam, não estou compreendendo grande coisa em tudo isso. Preciso saber!

— E também precisa comer!

E Sam lhe estendeu um bojudo saco de papel.

— Na volta, parei num restaurante, comprei *hamburgers e* café. Vamos lá para
os fundos.

Quando acabaram de comer, seriam onze horas passadas.

— Olhe aqui, disse Sam. — Por quê não vai descansar um pouco no hote

Não adianta ficarmos os dois sentados aqui.

— Mas...

— Vamos. Não adianta a gente se atormentar. Parece que acertei. Arbogast
localizou o paradeiro de Mary e teremos notícias pela manhã. Boas notícias,

No domingo de manhã, não chegaram as boas notícias.

Mais ou menos às nove horas, Lila já estava sacudindo a porta da frente

armazém de ferragens.

— Soube alguma coisa? indagou logo. E quando Sam abanou a cabeça negativamente ela franziu a testa. — Pois eu soube: ontem de manhã Arbo estêve no hotel, investigando. *Antes* de qualquer outra coisa.

Sam não respondeu. Apanhou o chapéu e saiu com ela do armazém.

No domingo de manhã as ruas de *Fairvale* estavam desertas. O edifício do Tribunal ficava nos fundos de uma praça de *Main Street,* rodeado de gramados.

Num dos cantos, a estátua de um veterano da Guerra Civil, daquela espécie fundi aos milhares para ornamentar relvados de tribunais em tôda a superfície do país. (três lados restantes exibiam, respectivamente, um morteiro de trincheira da Hispano-Americana, um canhão da Primeira Guerra Mundial e uma coluna de granito onde se inscreviam os nomes de catorze cidadãos de *Fairvale,* mortos na Segunda Guerra, E havia bancos nos quatro lados, àquela hora vazios.

O edifício, pròpriamente, estava fechado, mas a sala do xerife se situava n anexo. Os cidadãos de *Fairvale* ainda se referiam a êle como o "novo" anexo, embora existisse desde 1940. A porta lateral estava aberta. Sam e Lila ent subiram a escada e passaram do corredor para o escritório.

O velho Peterson estava de serviço, sentado sòzinho à mesa da frente.

— Bom dia, Sam.

— Bom dia, mr. Peterson. O xerife já voltou?

— Não. Já soube do roubo no Banco? Os ladrões acabam de furar a barricada na estrada de *Parnassus.*

A Polícia Federal saiu em perseguição. Mandei um aviso...

— Onde está o xerife?

— Chegou muito tarde ontem de noite... isto é, hoje de madrugada...

— Deu meu recado a êle?

O velho hesitou.

— Acho... acho que não dei. A comoção foi grande por aqui. E Peterson passou a mão pela bôca. Mas ia dar o seu recado ainda hoje. Assim que êle chega

— A que horas será isso?

— Creio que logo depois do almoço. Domingo de manhã êle está na igreja.

— Que igreja?

— Primeira Igreja Batista.

— Obrigado.

— Mas você não vai tirá-lo para fora da...

Sam virou as costas e não respondeu. Os saltos de Lila castanholavam a s lado no corredor.

— Afinal de contas, — que sertão é êste ? resmungou ela.

— Assalta-se um banco e o xerife está na igreja! Que faz lá? Rezando para que alguém capture os ladrões para êle?

Sam não respondeu. Ao chegarem à rua, Lila voltou a perguntar:

— Onde vamos?

— À Primeira Igreja Batista, naturalmente.

Não foi preciso incomodarem o xerife Chambers em suas devoções. Ao dobrarem uma esquina viram que o culto já havia terminado e que os fieis saiam

alto edifício eriçado de torres.

— Lá vem êle, apontou Sam. — Vamos.

E a conduziu para junto de um casal postado na calçada. A mulher era ur nulidade — baixinha, com um vestido estampado, escolhido num catálogo e recel por via postal; o homem era alto, tinha ombros largos e uma pança em fr projeção. Vestia terno de sarja azul, e seu pescoço rubro, de rugas como c contorcia-se em
rebelião contra a disciplina de um alto colarinho engomado. Tinha cabelos crespos e grisalhos, e negras sobrancelhas, também crespas.

— Um minuto, Xerife, pediu Sam — preciso lhe falar.

— Sam Loomis, como vai? e o xerife Chambers estendeu a Sam a sua gr mão vermelha. — Mamãe, êste aqui é Sam. Já o conhece?

— Apresento-lhes Lila Crane. Miss Crane está aqui de visita. Veio de *Fort Worth.*

— Prazer em conhecê-la. Não é de você que o velho Sam vive falando? Nunca disse que era tão bonita...

— Está pensando em minha irmã, respondeu iLila. — É por causa dela qu viemos procurá-lo.

— Não podíamos ir conversar um minuto no escritório? atalhou Sam. — Assim explicaríamos a situação.

— Decerto! Por que não? Chambers se voltou para a senhora.

— Mamãe, por quê não toma o carro e vai para casa? Também irei daqui pouco; assim que despachar êstes dois.

Mas o “daqui a pouco” se espichou. Uma vez no escritório do xerife Chambers, Sam desfiou a história. Mesmo sem interrupções, isso levou uns vinte minutos. E xerife frequentemente o interrompia.

— Agora vamos aclarar bem isso, disse êle concluindo.

— Êsse sujeito, êsse Arbogast, o procurou. Por quê não me consultou antes?

— Já expliquei: queria evitar recorrer às autoridades. Pensava poder encontrar miss Crane e rehaver o dinheiro sem maior complicação para a Agência Lowery.

— *Disse* que êle lhe exibiu credenciais?

— Sim, confirmou Lila. — Era investigador acreditado junto à Companhia Seguros. E conseguiu achar a pista de minha irmã até aquêle motel. E est apreensivos, porque êle não voltou, embora tivesse dito que voltaria.

— Mas êle estava no motel quando você foi lá?

A pergunta era dirigida a Sam.

— Não havia lá ninguém, Xerife.

— Curioso. Muito curioso. Conheço o sujeito que dirige aquilo. Está semp lá. Dificilmente se ausenta, uma hora, que fôsse, para vir à cidade. Já tent com êle esta manhã? Quer que eu tente? Provàvelmente dormia como uma quando você esteve lá ontem de noite. A manopla vermelha apanhou o fone.

— Não fale a respeito do dinheiro, sugeriu Sam. — Apenas pergunte por Arbogast, para ver o que diz.

Chambers sacudiu afirmativamente a cabeça.

— Deixe comigo, sussurrou, sei lidar com essas coisas.

Fêz a ligação e esperou.

— Alô... Bates? É você? Fala o xerife Chambers. Está bem. Quero uma pequena informação de você. Está aqui uma gente procurando localizar um chamado Arbogast. Milton Arbogast, de *Fort Worth.*
É investigador particular de um
caso relacionado com uma firma que se chama Paridade Mútua... Êle o qu sim? Quando foi isso? Entendo. Que disse êle? Está bem, pode dizer. Já sei tudo a êsse respeito. Sim... Outra vez? Sim, sim. E depois foi-
se embora, heim? Disse para
onde ia? Oh, acha que foi isso? Decerto! Não: é só. Trapalhada? Nenhuma! Só ac

que êle podia ter vindo aqui. Diga, enquanto há tempo: será que êle não voltou pa
aí tarde da noite? Oh, compreendo. Creio que basta. Obrigado pela informa
Bates.

Pendurou o fone no gancho, fêz girar a poltrona para os olhar de frente.

— Parece que o seu homem foi para *Chicago*, declarou.

— *Chicago?*

Chambers acenou afirmativamente.

— Claro. A moça dissera que ia para lá. Êsse seu amigo Arbogast está m
parecendo um investigador meio mole...

— Que quer dizer? Que respondeu Bates? — E Lila se inclinou para frente.

— A mesma coisa que Arbogast disse ontem de noite quando os chamou de lá.

Sua irmã dormiu no hotel sábado passado, mas se registrou com nome sup

Disse chamar-se Jane Wilson e que era de *San Antonio.*
Deixou escapar que ia para *Chicago.*

— Então não era Mary. Ela não conhece ninguém em *Chicago!* Nunca estêve lá
em tôda a vida!

— Segundo Bates, Arbogast tinha certeza de que era ela mesma. Até comparou
as letras. A descrição que fêz dela, o carro — tudo combinava. Não só is
quando ouviu falar em
Chicago, disse Bates que o investigador saiu ventando como
um morcego fugido do inferno.

— Mas é ridículo! estranhou Sam. Leva vantagem de uma semana — se é que

realmente foi para lá. E é quase impossível êle poder achá-la em *Chicago!*

— Talvez êle saiba onde deve procurar. Talvez não contasse a vocês dois tudo
quanto sabia a respeito da moça e dos planos dela.

— Que mais poderá êle saber que não saibamos?

— Nunca se sabe o que pretendem êsses detetives. Quem sabe se êle não tinha uma idéia muito clara das intenções dela? Se a descobriu e recuperou o d quem sabe já não se mostraria muito interessado em fazer o relatório para Companhia de Seguros...

— Quer dizer que mr. Arbogast seria um velhaco?

— Só digo que quarenta mil dólares em espécie é um bocado de dinheiro. E se Arbogast não apareceu mais, significa que planejava coisa diferente. E o x abanou a cabeça. — Deve estar farejando tôdas as pistas, ao que me parece. Se nã por quê não me procurou, em busca de auxílio? Você diz que ainda ontem êle and investigando o hotel daqui.

— Espere... espere um pouco, Xerife. Está concluindo depressa demais. Nã tem base alguma — exceto o que Bates lhe disse pelo telefone. Não estar mentindo?

— Mentindo por quê? Contou uma história muito correta. Disse que a mo esteve lá; disse que Arbogast também estêve...

— E onde estava êle ontem de noite, quando fui ao motel?

— Exatamente o que pensei: dormia como uma pedra, respondeu o xerife.

Escute aqui: conheço êsse tal Bates. É um tanto esquisito, lá a seu modo; muito inteligente — pelo menos é essa a impressão que sempre me deu. Mas isso se meter em encrencas, não! Não é o seu tipo. E porque não havia eu de acreditar que me disse? Principalmente agora, sei que seu amigo Arbogast estava mentindo

— Mentindo? A respeito de quê?

— Você já me contou o que êle disse na conversa interurbana que teve c você lá do motel, ontem de noite. Aquilo foi para engambelar. Êle já sabi moça tinha ido para
Chicago e o quis tranqüilizar para ganhar tempo. Foi por isso que mentiu.

— Não entendo, Xerife. Em que mentiu?

— Ora! Quando disse que ia ver a mãe de Norman Bates. Norman Bates tem mãe.

— Não tem?

— Não. Faz vinte anos que não tem. Ela morreu.

E Chambers sacudiu a cabeça.

— Foi até um escândalo por estas bandas. Admira que você não se lembr devia ser muito pequeno na ocasião. Ela construiu o motel em companhia sujeito chamado Considine, Joe Considine. Era viúva, compreende? e dizia-se que

ela e Considine eram...

Nessa altura o xerife olhou para Lila e se interrompeu com um inócuo aceno da mão.

— Seja como fôr, nunca se casaram. Devia existir algum empecilho. Talvez por atrapalhação na família, ou talvez êle tivesse mulher no lugar donde provie noite os dois juntos tomaram estriquinina. Pacto de morte classificado.

O filho dela, êsse tal Norman Bates, encontrou-os mortos. Creio que o choque foi grande. Pelo que me recordo, ficou internado no hospício um par de n depois do sucedido. Nem foi ao entêrro. Mas eu fui. É por isso que estou morte da mãe dêle. Diacho! Até ajudei a carregar o caixão!



Capítulo 12

SAM e LILA jantaram no hotel.

A refeição não foi agradável para nenhum dos dois.

— Ainda não posso acreditar que mr. Arbogast tivesse partido sem nos di uma palavra! repetiu Lila, empurrando a xícara de café. — Também não acredito Mary tivesse ido para *Chicago.*

— O xerife Chambers acredita — suspirou Sam. — E você tem de admitir que Arbogast mentiu quando disse que ia ver a mãe de Bates.

— Sim, compreendo. Isso não tem sentido. Também não tem sentido essa história de *Chicago.*
Mr. Arbogast só sabia a respeito de Mary aquilo que nós já sabíamos.

Sam depôs a colher de sobremesa ao lado da taça do sorvete.

— Agora estou juntando coisa com coisa para formar uma idéia, no caso Mary, disse. — Sou noivo dela. Você viveu em companhia dela. Nenhum podia acreditar que se apossasse daquele dinheiro. E entretanto não há outr alternativa: ela furtou.

— Sim, concordou Lila, em voz apagada. — Agora creio. Ela furtou. Não o fêz pensando nela própria, entretanto. Talvez quisesse ajudar você; talvez quise ajudá-lo a pagar o que deve.

— Nesse caso, por que não me veio procurar? Eu não teria aceitado coisa alguma de Mary, mesmo se não soubesse que o dinheiro era furtado. Mas pensava que eu aceitaria, por que não me procurou?

— Procurou, sim. Pelo menos chegou até êsse motel — e Lila amarfanhou guardanapo, mantendo-
o fortemente embolado dentro da mão. — Era isso o que eu
estava querendo dizer ao xerife. Sabemos que ela foi até ao motel. E por Arbogast mentiu, isso não impede que êsse sujeito Bates também esteja m

Por que o xerife não dá um pulo até lá e vê com seus próprios olhos, em vez de fi aí falando com êle pelo telefone?

— Não censuro o xerife por se haver recusado a ir — disse Sam. — Co podia ir mais longe? Com que base, com que provas? Que devia êle investigar? N se pode andar por aí, surpreendendo pessoas sem justa causa! Além disso, assim que se age numa cidade pequena, onde tôda a gente se conhece, onde ningu quer trapalhada ou ser hostilizado. Você ouviu o que êle disse. Não há raz

suspeitar de Bates. Êle o conheceu a vida tôda.

— Sim: eu também conheci Mary a vida tôda. Entretanto ela tinha coisas quais eu não suspeitava! O xerife admitiu que Bates era um pouco estranho...

— Não chegou a dizer isso. Disse que êle era uma espécie de recluso. O que é compreensível, quando se pensa no choque que devia ter sofrido com a m mãe.

— A mãe... E Lila fechou o sombrolho — está aí uma coisa que não me entra na cabeça. Se Arbogast queria mentir, por que o fêz a respeito de uma bo dessas?

— Não sei. Talvez fôsse a primeira coisa que lhe...

— De fato: se estivesse planejando fugir, por que nos chamou ao telefone? Não seria mais simples partir sem mais aquela, sem ao menos nos comunicar que estiv naquele motel?

Ela soltou o guardanapo e olhou firme para Sam.

— Pensei uma coisa...

— Qual é?

— Sam: quê disse Arbogast, quando lhe informou que ia ver a mãe de Bates?

— Disse que a vira sentada à janela do quarto, quando chegou ao motel.

— Talvez mentisse.

— Claro que sim! A mãe de Bates morreu! Não ouviu o que disse o xerife?

— Quem sabe foi Bates quem mentiu. Quem sabe Arbogast apenas supusesse que a mulher fôsse mãe de Bates e, quando aludiu a isso, Bates confirmasse. Bate disse que a velha era doente e que ninguém podia vê-
la, mas Arbogast insistiu. Não foi isso que o xerife disse?

— Sim. Mas continuo não compreendendo...

— Não, não compreende. Mas Arbogast compreendeu. O fato é o seguinte: êle

viu
alguém sentado à janela quando chegou. E... quem sabe se êsse alguém nã
era... Mary?

— Lila, você não acha...

— Já não sei o que acho. Mas por quê não pode ser isso? A pista vai acabar no
motel. Há duas pessoas desaparecidas. Isso não basta? Não basta a mim, i
Mary, procurar o xerife e insistir com êle para que proceda a uma comple
investigação?

— Venha, aceitou Sam — vamos andando.

Encontraram o xerife Chambers em casa. Acabava de
jantar. Mastigava um palito enquanto Lila desfiava a história.

— Não sei, disse êle — você é que tem de assinar a queixa.

— Assino o que o sr. quiser. Só para o sr. ir até lá e averiguar.

— Não podemos deixar para amanhã cedo? Isto é: estou à espera de notíc
dos ladrões do Banco, e...

— Por favor, um minuto, atalhou Sam. — êste negócio é muito sério, Xe

Faz uma semana que a irmã desta moça ostá desaparecida. Já não se trata apenas
dinheiro furtado. Pelo que sabemos, ela deve estar correndo perigo de vida
até...

— Está bem, está bem! Não preciso que alguém me diga o que tenho de fazer,
Sam. Venha; vamos para o escritório e a deixarei assinar a petição. Mas s
mesmo laber, isto é perder tempo. Norman Bates não é nenhum assassino.

A palavra surgiu, como qualquer outra palavra, depois morreu. Mas o eco ficou
no ar. Sam o ouviu e Lila também. E o eco os acompanhou no trajeto para o anex
do Tribunal, aonde foram em companhia do xerife Chambers, e ficou com
depois que o xerife saiu para o motel. O xerife recusou a companhia de qualquer
dois. Ordenou- lhes que esperassem. E êles esperaram no escritório — os
sozinhos. Os dois sozinhos... e a palavra mortal.

A tarde ia avançada quando o xerife regressou. Veio só, e lançou-lhes um olhar, misto de alívio e contrariedade em partes iguais.

— Exatamente o que eu disse, declarou — alarme falso.

— Que foi que...

— Frene o cavalinho, Miss. Deixe-
me primeiro sentar: depois conto tudo. Fui
diretamente para lá e não vi nada estranho. Bates estava no mato atrás da
catando lenha. Nem precisei exibir a licença — êle foi muito gentil. Disse
me que investigasse, até chegou a me entregar as chaves do motel.

— E o sr. investigou?

— Claro que sim. Entrei em todos os quartos, examinei a casa de alto a baixo.

Não encontrei viva alma. Não encontrei coisa alguma. Pois não havia ning

Ninguém tinha estado lá, exceto Bates. Faz muitos anos que mora sòzinho.

— E o quarto?

— Há um quarto de frente, no segundo andar: pertencia à mãe dêle, quando era
viva. Por êsse lado, nenhuma novidade. Em verdade êle o conserva exatam
como era. Diz que não tem nenhuma utilidade — pois tôda a casa está à disposiçã
dêle. Creio que êle é um tanto estranho, êsse tal de Bates; mas vivendo s
quem não o seria?

— Falou-
lhe sôbre aquilo que disse Arbogast? perguntou Sam, baixinho. —

Falou-lhe que Arbogast viu a mãe dêle à janela, quando chegou?

— Claro! Falei-lhe imediatamente. Respondeu-me que era mentira; que
Arbogast nem uma vez lhe dissera que tinha visto alguém. Falei-
lhe com uma certa
aspereza no começo, só para verificar se êle escondia alguma coisa. Mas a histór
dêle faz sentido. Tornou a falar sôbre *Chicago,*
e continuo pensando que a solução foi essa.

— Não posso acreditar, insistiu Lila. — Por quê teria mr. Arbogast invent essa desculpa inútil — de que viu a mãe de Bates ?

— Pergunte-lhe na próxima vez que o vir, rematou o Xerife. — Talvez visse o fantasma da velha na janela.

— Tem certeza de que a mãe dêle morreu?

— Já disse que estive no enterro. Vi o bilhete que deixou para Bates, qua ela e êsse tal Considine se suicidaram. Que mais quer? Tenho de a desenterrar par você acreditar? E Chambers inspirou fundo. — Desculpe, Miss. Nilo quis me exa dêsse jeito. Mas fiz o que podia. Dei busca na casa. Sua irmã não está lá, Arbogas não está lá.... Não encontrei nem rasto de qualquer dos carros. A resposta me pare muito simples. Fiz o que pude.

— E agora: que me aconselha fazer?

— Indague no escritório de Arbogast, veja se ali se sabe alguma coisa. Q sabe terão uma pista no que diz respeito a *Chicago. Só* não pode estabelecer contacto com ninguém até amanhã cedo.

— Creio que tem razão. E Lila se pôs em pé. — Obrigada por tudo. Sint muito o incômodo que lhe dei.

— Estou aqui para isso. Não é, Sam?

— Certo, respondeu Sam.

Chambers levantou-se. — Sei o que está sofrendo com isso, Miss, disse o xerife. — Desejaria tê-la ajudado mais. Mas falta uma base sólida sôbre a qual eu possa prosseguir investigando. Se conseguir uma prova, uma prova verdadeira, e talvez...

— Compreendemos, tornou Sam. — E ambos somos gratos à sua cooperação.

Voltou-se para Lila: — Vamos andando?

— Examine essa história de *Chicago* — gritou-lhes, à distância, o homenzarrão.

— Até outra vista!

Os dois saíram para a calçada. O sol do fim da tarde projetava sombras oblíquas. Enquanto estavam ali parados, a ponta negra da baioneta do vete Guerra Civil roçava pela garganta de Lila.

— Quer voltar para o armazém? sugeriu Sam.

Lila sacudiu negativamente a cabeça.

— Para o hotel?

— Não.

— Onde prefere ir?

— Quanto a você, não sei, disse Lila. — Mas *eu* vou para aquêle motel.

Ergueu o rosto desafiando-o, e a afiada linha de sombra acutilou-lhe o pescoço.

Pareceu que alguém lhe decepava a cabeça...



Capítulo 14

UM momento Sam pensou que o trovão repentino ia abafar o ruido do carro. Dep notou que Bates estava de pé na ponta do balcão. Daquela posição podia tôda a aléia com a vista e mais um quilômetro de estrada. Em conseqüênc tinha propósito êle fingir que ignorava a partida de Lila.

— Com licença um minutinho? pediu Sam. — Minha mulher foi à cidade

Acabaram-se os cigarros.

— Costumava tê-los aqui, tornou Bates. — Mas havia pouca procura e acabei com a coisa. E espichou o olhar por cima do ombro de Sam, perscrutando fusco lá fora. Sam compreendeu que êle acompanhava a saída do carro em direçã estrada. — Lamento que tenha de ir tão longe. Parece que daqui a pouco vai chov a cântaros.

— Por aqui chove muito? e Sam sentou-se no braço de um sofá rasgado.

— Chove um bocado! assentiu Bates, absorto. — Há de tudo por aqui.

Que desejaria dizer com essa observação? Sam olhou-o à luz frouxa da sala.

Dir-se-iam vazios os olhos por detrás dos óculos daquêle homem gordo. Súbito, a narinas de Sam captaram o indiscreto hálito' alcoólico, e simultâneamente r garrafa colocada na ponta do balcão. A resposta era aquela. Bates se acha tanto embriagado.

Apenas o suficiente para se lhe imobilizar a expressão, não o suficiente para lhe afetar a vigilância. Bates percebeu que Sam fitava a garrafa de uísque.

— Quer um trago? insinuou. — Ia tomar uma dose quando o sr. vinha entrando.

Sam hesitou.

— Está bem...

— Arranjo um copo. Há um aqui em baixo, em algum lugar...

E se inclinou por trás do balcão, de onde emergiu com um copo.

— Não é sempre que bebo. Principalmente se estou de serviço. Mas com umidade que vem aí, sempre ajuda um pouco, especialmente quando se ter

reumatismo, como eu tenho.

Encheu o copo e o empurrou para a beirada do balcão. Sam levantou-

se e foi para o balcão.

— Além disso, hoje não virá mais ninguém. Veja como chove!

Sam se voltou. Chovia torrencialmente. Impossível enxergar a estrada a um distância de dois metros. Ao mesmo tempo escurecia, mas Bates não fêz menção acender as luzes.

— Vamos, beba e sente-se um pouco, murmurou Bates.

— Não se preocupe comigo. Gosto de ficar de pé.

Sam voltou para o sofá. Olhou o relógio. Fazia oito minutos que Lila saír

Apesar do tempo, chegaria a *Fairvale* em menos de vinte minutos. Mais dez para falar com o xerife... digamos quinze, que era o mais *certo...*, mais vinte para voltar...

Em todo caso, levaria mais de três quartos de hora. Sôbre que assunto po conversar?

Sam ergueu o copo, Bates empinava a garrafa, com um rumor gorgolejante.

— Deve sentir-se muito só aqui, principiou Sam.

— Diz bem. E pousou a garrafa, com um baque, no balcão. — Muito só.

— Mas suponho, de certo modo, que a profissão também deve ser muito interessante. Aposto que estabelece relações com tôda espécie de gente, nu como êste.

— As pessoas chegam e partem. Não presto muita atenção. Chega um tem em que a gente mal as vê.

— Faz muitos anos que está aqui?

— Mais de vinte, na direção do motel. Mas sempre morei aqui. Tôda a vida.

— E dirige o motel sòzinho?

— Sim. Bates levou a garrafa para a frente do balcão.

— Vamos, mais uma dose.

— Não... não devo...

— Não lhe fará mal. Não direi à sua mulher. E Bates teve um frouxo de

— Não gosto de beber sozinho.

Serviu outra dose a Saro e se retirou para trás do balcão.

Sam tomou a sentar. O rosto do homem era uma simples mancha na escu
crescente. O trovão roncava; não havia entretanto relâmpagos. Tudo ali der
diria calmo e sossegado.

Fitando o homem e ouvindo o que ele dizia, Sam começou a sentir vergonha de
si mesmo. O sujeito parecia tão *comum!*
Não podia imaginar que estivesse metido numa embrulhada de tal porte!

Afinal de contas, no que se metera, se e que se metera em alguma coisa? Não
sabia- Mary furtara; Mary passara a noite ali; perdera um brinco no chuveiro... M

podia muito bem ter batido a cabeça em algum lugar, machucado a orêlha quando
brinco se desprendeu... Sim; e podia ter ido para *Chicago,*
exatamente como
pareciam pensar Arbogast e o xerife. Não conhecia Mary muito a fundo -
conclusão que tirava. De certo modo, parecia conhecer
melhor a irmã. Uma boa
moça, mas muito nervosa, muito impulsiva. Sempre fazendo juizos apressa
resolvendo as coisas de supetão... Como, por exemplo, essa idéia de ír à procura d
Bates e dar uma busca na casa. Bem bom que a demovera. Que ela troux
xerife, mas talvez até isso fôsse um êrro. Pelo modo como se comportava, ningué
diria que Bates tivesse algum pêso na conciência. í
Sam se lembrou de que devia fazê-
lo falar. Inútil ficar ali sentado sem tentar nada.

— O sr. tinha razão, comentou. - Chove torrencialmente.

— Gosto do barulho da chuva, disse Bates, — gosto quando chove forte.

excitante.

— Nunca pensei nisso. Parece que aqui tudo é motivo de excitação, por menos que seja....

— Não sei. Também temos a nossa quota.

— A *nossa?* Pensei que morasse sòzinho.

— Eu disse que dirigia o motel sòzinho. Mas êle é de nós dois: eu e mi mãe.

Sam quase se engasgou com o uísque. Baixou o copo, apertando-o com fôrça nos dedos. — Eu não sabia...

— Claro que não. Como podia saber? Ninguém sabe. Ela fica sempre em casa.

Tem de ficar sempre lá. Muita gente pensa que ela morreu.

A voz era calma. Sam não via o rosto de Bates no escuro, mas sabia que também êste estava calmo.

— Agora há uma certa agitação por aqui. Como há vinte anos, quando a mãe e tio Joe Considine tomaram veneno. Chamei o xerife e êle veio. A mãe de bilhete explicando tudo. Depois se fêz um inquérito. Não compareci. Estava doen

Muito doente. Levaram-me para um hospício. Fiquei muito tempo no hospício. Tanto tempo que, quando saí de lá, já quase não podia fazer nada mais. Mas en consegui...

— Conseguiu?...

Bates não respondeu, mas Sam ouviu o gorgolejo e em seguida o baque d garrafa no balcão.

— Vamos, disse Bates — vou lhe servir outra dose.

— Ainda não.

— Faço questão, insistiu Bates, dirigindo-se para a frente do balcão e

inclinando o vulto sombrio sôbre Sam, cujo copo buscava.

Sam recuou.

— Primeiro conte o resto, disse.

Bates fêz alto.

— Oh, sim. Touxe a mãe para casa comigo. Essa foi a parte mais excitan

Imagine: ir de noite ao cemitério e abrir a cova. Ela ficou tanto tempo fe caixão, que a princípio pensei que estivesse morta mesmo. Não estava, naturalmente. Não podia estar. Se estivesse, não podia ter-
se comunicado comigo
todo o tempo que passei internado no hospício. Ficou em estado de transe, isto é, vida suspensa. Eu sabia o que fazer para a reviver. Há um meio para isso, conqua muita gente chame isso de magia. Magia... — isso é apenas um rótulo, co

Não tem a menor significação. Não faz ainda muito tempo que a gente di eletricidade era magia... Na verdade é uma fôrça: uma fôrça que pode ser domina quando se conhece o segrêdo. A vida também é uma fôrça — uma fôrça

como a eletricidade, pode ser ligada e desligada, ligada e desligada. Eu a desligue mas sabia como tornar a ligá-la. Está compreendendo?

— Sim... Muito curioso...

— Pensei que lhes interessasse. Ao sr. e à moça. Não são casados; verdade?

— Bem...

— Como vê, sei mais do que julga. E mais do que o sr. mesmo sabe...

— Mr. Bates, o sr. tem certeza de que não está alterando? Isto é...

— Sei o que quer dizer. Que estou bêbado, não é? Não estava, quando o

chegou. Nem mesmo quando encontrou o brinco e mandou a moça ir proc xerife...

— Eu...

— Conserve a calma. Não se assuste. Eu não estou .assustado, estou? Mas estaria, se houvesse alguma trapalhada. Crê que eu lhe diria tudo isto caso houves alguma coisa atrapalhada? Fêz uma pausa. — Não: esperei até o sr. entrar. Espere até vêr que ela tomava pela estrada. Esperei até vê-la parar...

— Parar? E Sam tentou enxergar o rosto dêle no escuro, mas apenas podi ouvir a voz.

— Sim. Não sabia que ela parou; sabia? Pensou que ela foi ter diretamente com o xerife, conforme lhe dissera. Mas a moça pensa por si. Lembre-se do que ela
pretendia fazer. Pretendia dar uma busca na casa. E foi isso o que fêz. Ag que ela está.

— Deixe-me sair...

— Naturalmente. Não o estou prendendo. Só pensei que gostaria de tomar mais um trago, enquanto acabo a história que diz respeito a minha mãe... A razão por q pensei que o sr. gostaria de saber o fim — é a moça. Agora ela deve estar junto co minha mãe...

— Saía do caminho! gritou Sam, num salto, enquanto o vulto indistinto recuava.

— Então não quer mais uma dose? E a voz de Bates era petulante, por cima do ombro de Sam. — Pois muito bem. Faça como qui...

O fim da sentença se perdeu no ribombo do trovão, e o ribombo do trovã perdeu na treva quando Sam sentiu a garrafa rebentando em cima do seu

Depois a voz, o trovão, a garrafa e o próprio Sam foram engulidos pela noite...

* * *

Era noite ainda, mas alguém o sacudia sem parar. Sacudia-o para fora da noite e para dentro do quarto onde a luz ofuscava, feria-lhe a vista fazendo-o piscar. Agora
porém sentia braços que o enlaçavam e levantavam, de modo a parecer no princíp que a cabeça lhe caia para o chão. Depois ficou apenas o tremor, e êle pôde abrir olhos e fitar o xerife Chambers.

Sam estava sentado no chão, junto ao sofá e Chambers olhava para êle. S abriu a bôca.

— Louvado seja Deus, balbuciou. — Era mentira o que êle disse a respeito de Lila. Ela conseguiu falar com o senhor...

O xerife parecia não ouvir.

— Faz meia hora que me telefonaram do hotel. Queriam localizar seu ami Arbogast. Parece que êle assinou o Registro ,na saída ,mas deixou as malas. Deix as no vestíbulo domingo de manhã, dizendo que voltaria buscá-las, e nunca mais apareceu. Comecei a pensar no caso e resolvi procurar você. Tive um palpite de q você podia estar aqui por sua própria conta... A sorte me ajudou.

— Quer dizer que Lila não o avisou de nada? E Sam tentou ficar de pé. Tinha uma dor de cabeça de rachar.

— Calma, calma, recomendou o xerife, empurrando-o para trás. — Não, não a vi absolutamente. Espere...

Mas desta vez Sam conseguiu ficar de pé, cambaleando.

— Que aconteceu? interpelou o xerife. — Onde está Bates?

— Deve ter ido para casa depois que me marretou — disse Sam. — Ago estão lá: êle e a mãe...

— Mas essa mulher já morreu...

— Não, não morreu. — Está viva. Os dois estão lá em cima na casa, e Lila está com êles!

— Vamos ver! E o homenzarrão saiu para a chuva. Sam o acompanhou, escorregando no caminho liso, ofegando ao iniciarem a íngreme subida que para a casa, por trás do motel.

— Tem certeza? perguntou-lhe o xerife por cima do ombro. — Como está

escuro isto aqui!

— Certeza — soprou Sam. Mas bem que podia ter economizado o fôlego.

O trovão ribombou com fôrça, mas o outro rumor era mais débil e muito estridente. Todavia ambos o ouviram, e ambos reconheceram-o.

Era Lila gritando.



Capítulo 15

LILA subiu os degraus e bateu à porta antes que a chuva desabasse.

A casa era velha, a madeira de que era feita tão feia quanto encardida à meia-luz da tormenta que se aproximava. O soalho do alpendre rangia sob seus pés, e e podia ouvir o vento chocalhando as janelas do primeiro andar.

Bateu com fúria, agora, sem esperar resposta nenhuma do interior. Já não esperava que alguém fizesse o que quer que fôsse.

A verdade era que ninguém se importava. Não se importavam com Mary -

nenhum dêles se importava. Mr. owery só queria rehaver o dinheiro; Arbo investigando o furto, só queria rehavê-lo para Mr. Lowery; quanto ao xerife, só estava interessado em evitar amolações — mas era a conduta de Sam que a deixava mais confusa.

Bateu de novo e a casa soltou um gemido cavernoso. O ruído da chuva abafou-o, e ela não se deu o trabalho de aplicar um ouvido mais atento.

Muito bem ,e ali estava ela, muito zangada — era preciso confesar... E por que não o estaria? Uma semana a ouvir que *tivesse calma,* que *distendesse os nervos, que relaxasse a tensão, que tivesse paciência!* Se os tivesse ouvido, estaria ainda em *Fort Worth,* nem ao menos' teria ido a *Fairvale.* Nem ao menos podia contar com o auxílio de Sam.

Devia tê-lo percebido antes: Sam era bom, de certo modo até atraente, mas tinha aquêle jeito lerdo, cauteloso e conservador, peculiar aos moradores de pequena. Êle e o xerife faziam um bom par. *Não se arrisque* — era o lema dêles dois, Pois bem, ela não pensava assim. Não pensava, desde que achou o b

Como podia se alhear do caso, mandando-a procurar o xerife? Por quê não agarrou Bates, fazendo-o confessar? Era isso o que faria ela, se fôsse homem. Uma coisa era certa: estava farta de depender dos outros; dos outros que não ligavam, que apena desejavam não ser importunados. Sam já não voltaria a pôr a cabeça para fóra e e certamente não confiava no xerife.

Não tivesse ficado com tanta raiva, não estaria fazendo aquilo; mas estava enjoada da cautela dêles. Cheia de suas teorias. Há ocasiões em que a gente tem q parar de pensar e ceder à emoção. Foi a pura emoção — frustração, seria a palavr mais exata — que a levou a prosseguir naquela busca desesperada, até enc brinco de Mary. E devia haver alguma coisa na casa de Bates. Devia have era boba, conservaria a calma ,ia investigar por conta própria. Depois haveria tem suficiente para Sam e o xerife fazerem o resto.

Mas só pensar no comodismo dêles fazia-a sacudir com mais fôrça a maçaneta.

Não adiantava. Não estava em casa ninguém para a atender. Era isso. E el entrar.' O problema era êsse.

Meteu a mão na bôlsa. Oh, as velhas piadas sem graça, que dizem que un bôlsa de mulher tem tudo quanto existe na face da terra — piadas gastas, matutos como Sam e o xerife ainda podiam apreciar... Lima de unhas? Nã servia. Mas de um modo ou de outro, lembrou-se de que trazia na bôlsa uma chave-

mestra. Devia estar no escaninho de níqueis, que ela nunca abria. Isso! Al ela!

Chave-mestra. Porque êsse nome? Por que abria tôdas as fechaduras? Que importava isso? Agora não podia pensar em problemas de terminologia. Se problema era verificar se a chave funcionava.

Meteu-a na fechadura e conseguiu dar-lhe apenas meia volta. A fechadura resistiu. Virou a chave em sentido contrário. Quase servia, mas havia qualc coisa...

A raiva chegou de novo em seu auxílio. Torceu violentamente a chave, cu extremidade se quebrou com um ruido sêco — mas a fechadura cedeu. A maçane virou, a porta se afastou de sua mão... abria-se, enfim...

Entrou no vestíbulo. Estava mais escuro do que lá fora. Mas teria que haver um interruptor ao longo da parede... Encontrou-o. Acendeu a luz. A lâmpada, sem o abajur, no teto, dava uma débil claridade doentia contra um fundo de pape parede descascado, caindo aos pedaços. Que figuras eram aquelas? Cachos de uv ou violetas? Pavorosas. Coisas do século passado.

Um olhar relanceado pela sala confirmou-lhe a observação. Lila não queria entrar ali. As salas do andar térreo podiam ficar para mais tarde. Arbogast ter visto alguém espiando de uma janela no andar superior. Era por ali qu começar.

Na escada não havia interruptor. Subiu devagar, tateando o corrimão. Ao chegar ao patamar, o trovão estrondou. A casa inteira pareceu cambalear. Ela vibr tremor involuntário, mas retomou a calma. Foi "sem querer" desculpou-se perante si mesma. Perfeitamente natural. Nada havia naquela casa deserta capaz de as quem quer que fôsse. Agora podia acender a luz no vestíbulo de cima. O papel qu

forrava as paredes era listado de verde... Se aquilo não lhe causava nenhum susto, que mais lho poderia causar? Era apavorante!

Podia escolher, entre três portas, qual delas preferia transpor. A primeira era do banheiro. Jamais vira nada assim — exceto nos museus; isto é, emendou-

se, nos
museus não se fazem exposições de banheiros... Mas deviam fazer uma ex
dêste aqui. A banheira tinha pés, à antiga; havia encanamentos expostos sc
lavatório e a bacia sanitária, e logo acima desta, suspensa do teto alto, balançava-
se
a corrente da caixa de descarga. Havia sôbre o lavatório um pequeno espê
manchado, mas nem sinal do costumeiro armarinho de toalete. Adiante o a
com pilhas de roupa de cama. Remexeu as prateleiras; seu conteúdo nada
exceto que Bates provàvelmente mandara lavar a roupa fora. Os lençóis es
bem passados, escrupulosamente dobrados.

Escolheu a segunda porta, acendeu a luz... Outra lâmpada fraca, também s
abajur, no teto, mas a luz era suficiente para mostrar o quarto como êle e

dormitório de Bates — estranhamente exíguo, estranhamente apertado, com
estrado mais apropriado para um menino que para um homem. Talvez sempre tiv
dormido ali — talvez desde criança. A cama estava em desordem, com in
ter sido ocupada recentemente. A um canto, junto do armário, uma escriva

antigo monstrengo revestido de carvalho escuro, gavetas com puxadores co

Lila não teve escrúpulo em remexer nas gavetas.

Na de cima achou lenços e gravatas, sujo, quase tudo. Gravatas largas, fora da
moda. Descobriu um prendedor de gravata em uma caixa donde aparentem
nunca fôra retirado, e dois pares de abotoaduras. A segunda gaveta era de camisas
terceira de meias e roupas interiores. A última continha roupas brancas
amarfanhadas, que ela finalmente — sem poder acreditar — identificou co
camisolas. Quem sabe se êle também não usaria touca de dormir! Não havia dúvi
o lugar daquela casa era num museu!

Era todavia estranho que não tivesse encontrado nenhuma lembrança pessoal —

alguma carta, alguma fotografia... Mas quem sabe os guardava na escrivani
motel. Sim, era provável.

Prestou atenção aos retratos da parede. Eram dois. O primeiro era um mer
pequeno montado
em um pônei; o segundo o mesmo menino diante de uma escola
rural, com cinco meninas. O menino era Norman Bates. Em criança era m

magrinho.

Nada mais restava, exceto o armário das roupas e as duas vastas prateleira um canto. Fêz ràpidamente uma vistoria no armário. Tinha dois ternos pen nos cabides, um par de calças usadas, manchadas de tinta. Todos os bolsos estava vazios. Dois pares de sapatos e um par de chinelos no soalho. E era êsse inventário.

Agora... as prateleiras.

Aí, parou, intrigada; depois, perplexa, observou a composição incongruente biblioteca de Bates.
Novo Modêlo do Universo, A Extensão da Consciência, O

Culto da Bruxaria na Europa Ocidental, Dimensão e Ser... Nenhum era liv criança, e estavam igualmente deslocados na casa do proprietário de um motel ru

Lila varejou as prateleiras. Psicologia de anormais, ocultismo, teosofia... Ur tradução de *Là-bas, Justine.*
E bem ali, na bem de baixo, um sortimento indescritível
de volumes sem títulos, mal *encadernados.*
Puxou um ao acaso e o abriu. A figura
que imediatamente lhe saltou à vista era quase patologicamente pornográfica.

Repôs depressa o livro no lugar e se ergueu. Ao fazê-
lo, o choque inicial de repugnância dissipou-
se, dando lugar a uma segunda reação, mais violenta. Ali devia
haver alguma coisa... devia haver... O que não pudera ler na cara gôrda e obtusa d Norman Bates, agora se revelava eloquentemente em sua biblioteca.

Franzindo o cenho, voltou ao vestíbulo. A chuva caía forte no telhado e o trovão roncava quando abriu a terceira porta, almofadada. Por um momento estac fitando a penumbra, inalando um cheiro enjoativo, misto de mofo, perfume ranço

e quê mais?

Apertou o botão do interruptor junto da porta, em seguida respirou com dificuldade.

Não havia dúvida: aquêle era o quarto da frente. O xerife *tinha* dito *que* Bates

o conservara tal como era desde a morte da mãe. Mas Lila não estava pre
para essa realidade.

Não estava preparada para penetrar fisicamente em outra época. E no entar
penetrou, voltando a um mundo anterior a seu nascimento.

A decoração daquele quarto era antiquada já muitos anos antes da morte d
mãe de Bates. Na sua opinião, era um quarto que não existia mais desde
cinqüenta anos; pertencia a um tempo de relógios de bronze dourado, figur
Dresden, almofadinhas para alfinetes feitas de *sachets* perfumados, tapetes
vermelhos, tapeçarias ornadas de borlas e camas coloniais, de quatro colun
quarto com cadeiras de balanço, penteadeiras com tampos de afrescos, gatc
porcelana, colchas bordadas a mão e cadeiras estofadas e encapadas.

E ainda estava vivo...

Era
isso o que embebia em Lila aquela sensação de deslocamento no tempo e
no espaço. No andar térreo, restos de um passado que a decadência devast
segundo andar, tudo abandono e sordícia. Êste quarto porém era um compo
consistente, coerente — uma entidade vitalmente funcional, completa em si

Imaculadamente limpo, imaculadamente isento de poeira e perfeitamente or

E todavia, pondo de parte o cheiro de bolor, não se tinha a impressão de
museu ou exposição, O quarto se diria vivo, como qualquer quarto onde s

por muito tempo. Mobiliado havia cinqüenta anos, vago e intocado desde a morte
sua ocupante há vinte anos passados, ainda se diria que era o quarto de uma pesso
viva. Um quarto onde, ainda na véspera, uma mulher se sentara junto da j
espiara para fora...

Não há fantasmas... — ponderou, carregando o sobrolho ao perceber que l
fôra necessário negar-
lhes a existência. Entretanto, ali naquele quarto, podia sentir
uma presença viva...

Encaminhou-se para o armário. Vestidos e mantôs ainda lá estavam pendurados
em seqüência ordenada, embora alguns vestidos se apresentassem escorridos
amarfanhados, porque havia muito que ninguém os passava a ferro. Viam-

se ali as
saias curtas, usadas há um quarto de século; em cima da prateleira, velhos chapéu
enfeitados, compridas echarpes, vários xales, dêsses que costumam usar as
do interior. No fundo, um nicho vazio, talvez destinado a guardar malas. E era tud

Examinava agora a penteadeira; parou junto da cama. A colcha, bordada a mão,
era linda. Palpou o tecido e recuou, num susto. A colcha estava firmemente enfiad
nos pés e caía sem uma ruga de ambos os lados. Na cabeceira, porém, es
desordem. Haviam-
na enfiado, sim, sob o colchão, mas à pressa, sem nenhum
capricho, de modo a entremostrar centímetros do travesseiro de casal — assim co
se arranja uma cama quando se tem urgência...

Arrancou a colcha, puxou as cobertas... Os lençóis, de um cinzento encard
estavam pontilhados de manchinhas pardas, enquanto a própria cama, e o travesse
traziam a indistinta e todavia inequívoca depressão deixada pelo último ocu

Podia delinear o contôrno do corpo no lençol de baixo, e havia uma funda cavidad
no centro do travesseiro, onde as manchinhas pardas se adensavam.

Não há fantasmas... tornou a dizer consigo mesma. Aquêle quarto era ocupado.

Bates não dormia ali.. . alguém estivera olhando para fora da janela... Mas
dormira ali... alguém estivera olhando para fora da janela...
E se tivesse sido Mary, onde estaria ela agora?

E Lila se lembrou.

Quê havia dito o xerife Chambers? — encontrara Bates no mato, atrás da casa,
catando lenha...

Lenha para a fornalha. Sim, era isso. *A fornalha era no porão...*
Disparou
escada abaixo. A porta da frente continuava aberta e o vento entrava geme

Estava aberta porque ela usara a chave-
mestra para a abrir... E se estava com raiva
desde que encontrara o brinco, isso era por que a raiva servia para lhe oc
mêdo. O mêdo do que acontecera a Mary, do que
sabia ter acontecido a Mary lá

embaixo no porão... Era por Mary que sentia mêdo, não por ela própria. O homen
deixara a semana inteira no porão, talvez a tivesse torturado, talvez tivesse feito c
ela o que vinha exibido naquele livro asqueroso, torturando-
a até descobrir o que ela

fizera com o dinheiro, e então...

O porão. Era preciso descobrir o porão.

Foi tateando pelo vestíbulo do térreo, entrou na cozinha. .. Achou o interruptor,
levou um susto com o bichinho agachado à sua frente na prateleira, pronto a salta

Mas era um esquilo empalhado
,os olhos de botão despedindo um brilho idiota sob o reflexo da lâmpada do teto.

A escada do porão estava à sua frente. Tateou a parede em busca de outr
interruptor. A luz se acendeu em baixo, apenas um clarão enfraquecido na
profundeza tenebrosa. O trovão roncava, contraponteando
o castanholar de seus saltos.

A lâmpada nua se balançava de um fio bem na frente da fornalha. Era un
fornalha grande, com uma porta de ferro, pesada. Lila parou e a olhava. Tremia –
si mesma o confessou; agora confessaria todo o resto... Que tolice ter vinc
sozinha, ter feito o que fizera, fazer o que estava fazendo! Mas tinha que

por Mary. Tinha que abrir a porta da fornalha e ver o que sabia estar esc
dentro. *Meu Deus, e se ainda houvesse fogo? E se...*

A porta estava fria. Não havia nenhum calor na fornalha, nenhum calor nc
interior escuro e vazio atrás da porta. Lila estacou, e ficou olhando, sem a
tentar usar o atiçador de fogo. E não havia cinzas, nem cheiro a queimad
absolutamente. A menos que a tivessem limpado havia pouco, a fornalha n
usada desde a primavera anterior.

Olhou, em tômo, as antigas tinas de lavar roupa, a mesa e a cadeira por detrás,
encostadas à parede. Garrafas em cima da mesa, ferramentas de carpinteiro
sortimento de facas, de agulhas. Algumas facas eram esquisitamente recurv
muitas agulhas estavam ligadas a seringas. Atrás de tudo se erguia uma pi
blocos de madeira, fio grosso e grandes fragmentos informes de uma subst
branca que ela não pôde identificar. Um dêles lembrava o molde de gêsso

usara em criança, ao quebrar uma perna. Aproximou-se da mesa, e, perplexa, contemplava as facas.

Um rumor...

Pensou que era trovão, mas ouviu ranger em cima da sua cabeça.

Alguém entrara na casa. Cruzava o vestíbulo na ponta dos pés. Sam? Teria êle vindo à sua procura? Então por que não a chamava pelo nome?

E por quê fechara a porta do porão?

Ela pôde ouvir o estalido da fechadura e o rumor de passos se afastar par outra extremidade do vestíbulo. Devia estar subindo a escada para o segundo and

E ela trancada no porão. E não via saída. Nem esconderijo. Todo o porão visível para quem quer que descesse a escada. E não tardava que alguém descesse escada. Agora percebia.

Se pudesse ficar escondida um instantinho, então quem a viesse procurar t que descer todos os degraus até o porão, dando-lhe a oportunidade de correr escada acima... O melhor lugar seria o próprio vão da escada. Se ela se pudesse cobrir co algum trapos ou jornais velhos...

Aí foi que deu com o grande cobertor de índio, rasgado e muito velho, pregado na parede. Puxou-o, e aquilo escapou dos pregos, a parede ficou à vista, e ficou à vista a porta...

A porta.

O cobertor a tapava completamente, mas devia haver um quarto por trás dela — o lugar ideal para alguém se esconder e ficar de tocaia.

Não esperaria muito. Ouvia já rumor de passos se aproximando — no vestíbulo

— na cozinha...

Ela abriu a porta do depósito de frutas.

Aí foi que gritou.

Gritou ao ver a velha — a velha emaciada, cabelos brancos, rosto enrugad escuro, arreganhando os dentes para ela, num sorriso obsceno.

— Sra. Bates! gritou Lila, arfando.

— *Sim.*

Mas a voz não veio daquelas maxilas afundadas e coriáceas. Veio de um lugar por trás dela: do tôpo da escada do porão, onde o vulto estava postado.

Lila se voltou para encarar a figura gorda, disforme e meio oculta no vest justo que fôra absurdamente puxado para encobrir o temo que havia por b

Olhava, esbugalhada, o xale em que se amortalhava a cara branca, rebocad pintura, franzida num sorriso idiota, os lábios violentamente avermelhados a bato entreabertos numa careta convulsa...

— *Eu sou Norma Bates!*
cacarejou a voz estrídula. E em seguida a mão saiu para a frente, a mão que empunhava a faca, e os passos se amiudaram es abaixo, e outros passos se precipitaram, e Lila tomou a gritar enquanto Sam surgi a faca subia. Sam agarrou e torceu a mão que a empunhava — torceu-a por detrás até que a faca rolou no chão.

Lila fechou a bôca, mas o grito continuava. Era o grito insano de uma mu histérica e provinha da goela de Bates.



Capítulo 16

LEVOU quase uma semana a retirada dos carros e dos corpos do pântano. Rodoviária do distrito teve de empregar uma draga e guinchos, mas enfim a tarefa cumprida. O dinheiro foi encontrado no interior do compartimento de luvas

Engraçado: não tinha a menor mancha de barro... a menor mancha.

Ao tempo em que davam por terminada a diligência no pântano, os assaltantes do Banco foram capturados em *Oklahoma.*

A notícia foi dada em menos de meia coluna no *Weekly Herald*, de *Fairvale.* A primeira página foi quase tôda dedicada ao caso Bates. A A. P. e a U. P. imediatamente se apoderaram dêle, e muitas transmissões se fizeram na televisão. Alguns repórteres o compararam ao caso Ge acontecido no norte alguns anos antes, e *os* ouvintes suavam à descrição daquela

"casa de horror", onde diziam, Norman Bates vinha há tempos assassinand hóspedes. Reclamavam uma completa investigação em tôrno de tôdas as pe desaparecidas naquela área durante as duas últimas décadas e insistiam na drenag de todo o pântano a fim de averiguar se continha outros cadáveres.

Naturalmente, não eram os repórteres que teriam de pagar as custas de tal projeto. O xerife Chambers concedeu inúmeras entrevistas, muitas das quais publicadas na íntegra, duas com fotografias. Prometeu investigar completa- todos os aspectos do caso. O delegado distrital requereu julgamento rápido (a pré eleitoral seria em outubro) e nada fêz para contrariar os boatos escritos ou orais e circulação, que pintavam Norman Bates como réu de canibalismo, satanismo, inc e necrofilia.

Na verdade, nunca falara a Bates, que se achava temporariamente recolhid para observação, no Manicômio Estadual.

Tampouco os boateiros conheciam Norman Bates, mas isso não tinha a mínima importância. Muito antes de findar a semana, dir-se- ia que, virtualmente, tôda a população de *Fairvale*, para não falar de tôda a região situada ao sul da cidade, estava íntima e pessoalmente vinculada a Norman Bates. Alguns tinham at

freqüentado a escola primária em companhia dêle, e "já naquele tempo o comportamento do menino era muito esquisito". Outros o haviam visto no atestavam que êle lhes fôra sempre "suspeito". Havia ainda os que se lembravam

mãe dêle e de Joe Considine, e "desconfiavam de alguma coisa quando aquêles d
se suicidaram", mas naturalmente os horríveis acepipes de vinte anos atrás
se-iam embolorados em comparação com as revelações mais recentes.

Fechou-se o motel, o que, de certo modo, foi uma pena, tantos eram os
mórbidos xeretas de curiosidades que o procuravam. Facilmente se concebe
uma boa porcentagem dêles queria se hospedar lá, e um ligeiro aumento das diári
teria compensado a perda de toalhas que indubitàvelmente seriam surripiad
naquela ocasião de gala. Mas a Polícia Rodoviária Estadual guardava o mo
casa à sua retaguarda.

Até Bob Summerfield ficou habilitado a noticiar um aumento de negócios
loja de ferragens. Todo mundo queria falar com Sam, mas êle foi passar u
da semana seguinte com Lila em *Fort Worth,*
e daí deu um pulo até o Manicômio
Estadual, onde três psiquiatras procediam a exames em Norman Bates.

Alguns dias mais tarde, Sam pôde obter uma declaração definida do dr.

Nicholas Steiner ,encarregado oficial da observação médica.

Sam relatou a Lila o resultado dessa entrevista, quando ela chegou no fim
semana, de volta de *Fort Worth.*
Para começar, foi reticente; ela porém exigiu todos os pormenores.

— Bem: é provável que nunca cheguemos a saber tudo quanto aconteceu

disse Sam. — Quanto às razões, revelou o dr. Steiner que em sua maior p
tratava de conjeturas, Primeiro deram a Bates enormes doses de sedativo; m
mesmo quando êle saiu do torpor, foi difícil fazê-
lo falar. Disse o dr. Steiner que êle
se aproximou de Bates, mais que qualquer outro médico; mas nos últimos
andava muito confuso. Muitas coisas que explicou a respeito de fuga, fixaç
trauma estão além da minha compreensão. Mas segundo o que êle pôde apurar, tu
teve início na infância, muito antes da morte da Sra. Bates. Êle e a mãe eram mui
agarrados, e aparentemente ela o dominava. Se havia algo mais em suas relações,
dr. Steiner não podia afirmar. Supõe entretanto que Norman costumava se
de mulher secretamente. Isso, muito antes de perder a mãe. Era com efeito
transvestido secreto. E você sabe o que quer dizer isso; não sabe?

Lila sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Todavia, segundo a explicação do dr. Steiner, isso significa mais uma porção de coisas. Os transvestidos não são necessàriamente homossexuais, mas se identificam fortemente com as pessoas do outro sexo. De certo modo, Nor desejava ser como a mãe, da mesma forma que desejava que a mãe se tornasse en uma parte dêle próprio.

Sam acendeu um cigarro.

— Deixo de lado os dados sôbre os seus tempos escolares e sua rejeição pelo Exército. Mas foi depois disso, quando tinha quase dezenove anos, que a decidiu não o deixar tentar viver a própria vida. Talvez impedisse, de caso pensad que Norman se tornasse adulto. Na realidade nunca saberemos até que ponto ela responsável pelo psicopata em que êle se tornou. Foi provàvelmente nessa que êle começou a se interessar por ocultismo e coisas semelhantes. Então Considine entrou em cena...

— Steiner não conseguiu levar Norman a dizer muita coisa a respeito de Considine, pois até hoje, passados mais de vinte anos, seu ódio é tão grande que não pode falar do homem sem sofrer um acesso de raiva. Mas o dr.

Steiner conversou com o xerife e desenterrou a história tôda no noticiário jornais velhos, de modo a fazer uma idéia bastante aproximada do que rea aconteceu. Considine tinha pouco mais de quarenta anos quando conheceu

Bates, que tinha trinta-e-
nove. Creio que ela não era de grandes atrativos. Magricela,
prematuramente encanecida, quando o marido a abandonou, deixou para ela hectares em propriedades rurais. Estas lhe deram boa renda todos êsses an embora tivesse de pagar uma apreciável quantia ao casal que trabalhava a mesmo assim estava bem de vida quando Considine começou a cortejá-
la. Não
devia ter sido muito fácil lhe fazer a côrte. Soube que a sra. Bates odiava os hom desde que o marido a abandonara com a criança, e, segundo o dr. Steiner, uma das razões por que ela tratou Norman sempre como um menino. Mas eu fala de Considine, que afinal conseguiu convencê-
la a se casar com êle. A idéia de
Considine era vender as terras e construir um motel junto à estrada velha,

então parecia excelente negócio. Parece que Norman não se opôs à idéia d

O plano se realizou sem o menor estôrvo, e nos primeiros três meses, Nor mãe dirigiram juntos o motel. Foi então — e só então — que a mãe lhe contou qu ela e Considine tencionavam casar-se.

— E isso o transtornou? perguntou Lila.

Sam esmagou o cigarro no cinzeiro. Foi um pretexto para êle virar o rosto enquanto respondia:

— Não foi exatamente isso, segundo descobriu o dr. Steiner. Parece que a notícia lhe foi dada numa situação deveras embaraçosa, quando Norman pilhou su mãe e Considine no quarto do segundo andar. Se o efeito foi imediato, ou tempo para desencadear a reação, isso não sabemos. Sabe-
se apenas o resultado.

Norman envenenou a mãe e Considine com estriquinina. Usou para isso ve rato, misturando-
o ao café que lhes servia. Acho que êle esperou uma ocasião
festiva, pois havia em cima da mesa um lauto jantar, e o café estava temperado co conhaque. Decerto para disfarçar o gôsto do veneno...

— Horrível! balbuciou Lila estremecendo.

— Segundo ouvi dizer, foi mesmo horrível. O envenenamento pela estriquinina produz convulsões, não porém inconsciência. As vítimas geralmente morrem asfixia, quando se lhes enrijecem os músculos do tórax. Norman devia ter assistid tudo. Foi difícil aguentar.

Sam fêz uma pausa, e prosseguiu:

— O dr. Steiner acredita que a coisa aconteceu quando Norman estava
escrevendo o bilhete do suicídio. Êle planejara êsse bilhete, e era capaz de perfeitamente a letra da mãe. Até chegou a apresentar uma razão — uma gravidez sra. Bates, e Considine impossibilitado de se casar com ela, pois já tinha f filhos na Costa Ocidental, onde vivia com outro nome. Disse o dr. Steiner própria linguagem do bilhete seria suficiente para despertar suspeitas. Mas ningue suspeitou de coisa alguma, da mesma forma que ninguém suspeitou daquilo realmente aconteceu a Norman depois que êle escreveu o bilhete e telefon

chamando o xerife. Na ocasião apenas se soube que teve um ataque de ne
resultado do choque e da excitação. O que nunca se soube, é que, ao escr
bilhete, êle se transformara. Aparentemente, agora que tudo terminara, êle não po
suportar ter perdido a mãe. Queria-
a de volta. Ao escrever o bilhete com a letra dela

— bilhete dirigido a êle próprio — mudou literalmente de mentalidade. E
ou uma parte dêle, *se transformou* na mãe.

— Diz o dr. Steiner que tais casos são mais freqüentes do que pensamos,
especialmente quando a personalidade já é instável, como a de Norman. E
sofrimento desencadeou o fenômeno. Teve uma reação tão grave que ningu
sequer se lembrou de duvidar do pacto suicida. Ambos, Considine e a mãe de Bat
estavam havia muito enterrados, quando Norman teve alta no hospital.

— E foi aí que êle a desenterrou? admirou Lila, franzindo a testa.

— Parece que sim, no máximo dentro de alguns meses. Era taxidermista p
passatempo e sabia embalsamar cadáveres.

— Não entendo. Se Norman pensava que êle próprio era a mãe...

— Não é simples assim. Segundo o dr. Steiner, Bates era agora uma
personalidade múltipla, dotada pelo menos de três facetas. Havia *Norman,*
o menino
que precisava da mãe e odiava qualquer coisa ou qualquer pessoa que fica
permeio entre êle e ela. Depois havia *Norma,*
a mãe, que não tinha licença de morrer. O terceiro aspecto pode-
se- chamar de *Normal*, e êsse correspondia ao
Norman Bates adulto, que tinha de viver a rotina cotidiana e ocultar aos c
mundo a existência das outras personalidades. Claro, as três não eram enti
completamente distintas, e cada uma continha elementos da outra. O dr. St
chama isso de “trindade maldita". Mas o adulto Norman Bates se controla
suficientemente bem, a ponto de receber alta no hospital. Voltou a dirigir o motel,

foi aí que a tensão o acometeu. O que mais lhe pesava, enquanto personal
adulta, era o sentimento de culpa pelo assassínio da mãe. Conservar intoca
quarto dela não era suficiente. Queria igualmente conservá-la — conservá-
la
fisicamente — para que a ilusão da sua presença viva lhe suprimisse o se

de culpa. Aí foi que êle a trouxe de volta — na realidade tirando-a da cova e dando-lhe uma nova vida. Deitava-a na cama quando a noite descia, vestia-a e levava-a para baixo durante o dia. Naturalmente ocultava a estranhos tudo isso, e o fazia b

Arbogast devia ter avistado o vulto da mãe na janela do segundo andar, mas prov não houve de que alguém a tivesse visto em todos êsses anos.

— Então o horror não estava na casa, murmurou Lila! — estava na cabeça dêle!

— Disse Steiner que essa relação é a mesma que há entre o ventríloquo e seu boneco. A mamãe e o Norman menino deviam ter mantido longas convers Norman *adulto* provàvelmente racionalizava a situação. Era capaz de se fingir normal,, mas quem sabe o que na realidade êle percebia? Tinha interêsse p ocultismo e metafísica. Provàvelmente acreditava totalmente no espiritismo, como acreditava no poder de preservação da taxidermia. Não só isso, mas impossível rejeitar os outros aspectos da própria personalidade, sem ao mes tempo destruir a si mesmo. Vivia três vidas simultaneamente. E o interessante é q as ia vivendo muito bem, até que...

Sam hesitou, mas Lila acabou a sentença que êle ia proferir:

— ... Até que Mary apareceu. Aí aconteceu alguma coisa e êle a matou.

— Foi a mãe que a matou — retificou Sam. — Foi *Norma que* matou a sua irmã. Não há um jeito de apurar tôda a verdade da situação, mas o dr. Steiner tem certeza que, ao surgir uma crise, *Norma* se transformava na personalidade principal..

Aí Bates começava a beber e ela se impunha. Durante essas omissões, êle roupa da mãe. Depois a escondia, pois em sua opinião, ela era a verdadei assassina e tinha de ser protegida.

— Então o dr. Steiner está certo de que êle é louco?

— Psicopata — é a palavra que usou. Sim, receio que sim. Vai aconselhar que recolham Bates ao Manicômio Estadual pelo resto da vida.



Capítulo 17

O VERDADEIRO fim chegou aos poucos.

Chegou na exígua cela gradeada, onde por tanto tempo as vozes murmurav
mesclavam — a voz do homem, a voz da mulher e a voz da criança. Voz
explodiram quando engatilhadas para a ruptura, mas agora, miraculosamente
haviam fundido, de modo que restou apenas uma voz. O que estava certo,
cela havia uma só pessoa. Sempre houvera uma só pessoa — uma única pessoa.

E a pessoa o sabia. Sabia e estava satisfeita.

Muito melhor assim: estar plenamente consciente do próprio eu, tal como
êsse eu na realidade. Ser tranquilamente forte, tranquilamente confiante,
tranquilamente segura ...

Podia olhar o passado como se êste fôsse um sonho mau, e, com efeito, f
isso mesmo: um sonho mau, povoado de alucinações.

No sonho houvera um menino mau: um menino que matara a amada e ter
envenená-
la. Em algum recanto do sonho havia o estrangulamento e o rumor sibilante
e o crispar de mãos na garganta e os rostos que ficavam azuis... Em algu
do sonho havia o cemitério noturno, a pá cavando, o respirar arquejante e
rachada do caixão; depois, o instante da descoberta, o instante de arregalar os olh
perante o conteúdo... Mas o conteúdo do caixão não estava verdadeiramente mort

Já não estava morto. Em vez disso, o menino mau morrera, e assim devia ser.

Houve também um homem mau dentro do sonho mau, e êste era igualmer

assassino. Espiara pela fenda da parede e se embriagara, e lera livros obsc
acreditara em tôda espécie de bobagens. Pior que tudo porém, êle era resp
pela morte de duas pessoas inocentes; uma jovem de belos seios e um ho
usava um chapéu Stetson cor de cinza. Naturalmente, ela sabia de tudo isso — ra
por quê era capaz de recordar todos os permenores. Lá estivera na ocasião

observando. Mas só fêz observar.

O homem mau era o verdadeiro autor de ambos os assassínios, mas depois lhe

quis atribuir ambos os crimes.

Mamãe os matou. Foi isso o que êle disse, mas era mentira.

Como os poderia matar, quando apenas observava, quando nem ao menos podia
se mexer, de vez que fingia ser uma figura empalhada, uma inofensiva fig
empalhada, incapaz de fazer dano ou consentir que lhe fizessem, e cuja única fun
era existir para todo o sempre?

Ela sabia que ninguém acreditava no homem mau, e êle agora também est
morto. O homem mau e o menino mau, ambos estavam mortos, ou apenas
parte do sonho. E o sonho agora se dissipara para sempre.

Somente ela ficara, pois somente ela era real.

Ser a única, e saber que se é real — isso não é a gente ser normal?

Mas, por via das dúvidas, talvez fôsse melhor continuar a fingir que se era uma
figura empalhada. Não se movimentar. Nunca se movimentar. Apenas perm
sentada ali, no aposento exíguo, perpétuamente, para todo o sempre.

Se não se movesse, não seria castigada.

Se ficasse ali sem se mover, todos saberiam que ela era normal, normal,
normal...

E ali ficou longo tempo sentada, até que uma mosca entrou zumbindo atra
das grades.

Entrou e foi pousar diretamente em sua mão.

Se quisesse, poderia matá-la.

Não a matou, porém.

Não a matou, e tinha a esperança de que a estivessem observando, pois is
vinha *provar* que espécie de pessoa ela era: Incapaz de fazer mal a uma môsca!

FIM



Autor

ROBERT BLOCH (1917-1994) foi um escritor norte-
americano de terror, fantasia e
ficção científica. Autor de centenas de contos e mais de 30 romances, torn
se
mundialmente conhecido com Psicose (1959), adaptado para os cinemas po
Hitchcock. Teve como mentor H.P. Lovecraft, um dos mestres das histórias de ho
e mistério, grande incentivador do trabalho de Bloch, com quem chegou a
cartas, além de ter sido um dos mais jovens membros do Lovecraft Circle, círculc
amigos do escritor. Colaborou com revistas pulp no começo da carreira, cc

"Weird Tales", além de escrever para fanzines de ficção científica e fantasia. Foi
prolífico roteirista para cinema e TV por mais de trinta anos, tendo escrito
episódios para a série de suspense e mistério Alfred Hitchcock Apresenta (1962-
65),
o roteiro do remake de O Gabinete do Dr. Caligari (1962), de Roger Kay,
roteiros originais para a série Star Trek (1966-
67). Ganhou o Hugo Award (pelo conto "That Hell-
Bound Train"), além do Bram Stoker Award e do World Fantasy Award.

{1} Motel — hotel de estrada, para pernoite de pessoas motorizadas (nota tradutora).







Table of Contents

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Autor

Document Outline

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Autor